

UNESP UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências
Campus de Bauru – SP

JULIANA MACHADO DE MEIRA

CICLOS FESTIVOS NA ESCOLA: encantamentos por meio das danças brasileiras



BAURU – SP
2023



JULIANA MACHADO DE MEIRA

CICLOS FESTIVOS NA ESCOLA: encantamentos por meio das danças brasileiras

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Andresa de Souza Ugaya.

BAURU – SP
2023



M514c

Meira, Juliana Machado de
Ciclos festivos na escola : encantamentos por
meio das danças brasileiras / Juliana Machado de
Meira. -- Bauru, 2023
230 p. : il., tabs., fotos + objeto educacional

Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado
Profissional em Educação Física em Rede Nacional
– ProEF da Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Andresa de Souza Ugaya

1. Culturas populares. 2. Ciclos festivos. 3. Festa.

4. Dança. 5. Relações étnico-raciais. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JULIANA MACHADO DE MEIRA

CICLOS FESTIVOS NA ESCOLA: encantamentos por meio das danças brasileiras

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientadora: Andresa de Souza Ugaya

Data da defesa: 17/11/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Andresa de Souza Ugaya - Doutora
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Bauru/SP

Membro Titular: Eleni Jesus de Souza Nobre - Doutora
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – São Paulo/SP

Membro Titular: Livia Tenório Brasileiro - Doutora
Universidade de Pernambuco – Recife/PE

Local: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Faculdade de Ciências
UNESP – campus de Bauru/SP

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE JULIANA MACHADO DE MEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 17 dias do mês de novembro do ano de 2023, às 14:00 horas, no(a) Google Meet, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de JULIANA MACHADO DE MEIRA, intitulada "**Ciclos festivos na escola: Encantamentos por meio das danças brasileiras**". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA UGAYA (Participação Presencial) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP Faculdade de Ciências de Bauru SP, Profa. Dra. LÍVIA TENORIO BRASILEIRO (Participação Virtual) do(a) Escola Superior de Educação Física / Universidade de Pernambuco - Recife/PE, Profa. Dra. ELENÍ JESUS DE SOUZA (Participação Virtual) do(a) Faculdade de Educação / Universidade de São Paulo. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA UGAYA

Documento assinado digitalmente
 ANDRESA DE SOUZA UGAYA
Data: 08/03/2024 15:51:13-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Povoada
Quem falou que eu ando só?
Nessa terra, nesse chão de meu Deus
Sou uma mas não sou só
Povoada
Quem falou que eu ando só?
Tenho em mim mais de muitos
Sou uma mas não sou só
(Sued Nunes)¹

Ah, os encontros...

Olha onde esses caminhos me levaram! Não cheguei até aqui só, mas sim acompanhada dessa galera.

Agradeço ao meu encontro com Deus, essa força que me sustenta e me encoraja diante dos desafios presentes na caminhada.

Agradeço ao encontro com a minha família e faço essa reverência à figura da minha Mãe, a dona Irene. Nosso encontro é marcado por acolhimento e reciprocidade. Moramos uma na outra, na certeza da presença que nos faz caminhar sempre de mãos dadas e estendê-las de forma a nos conectar com os demais membros do nosso clã.

Agradeço ao encontro com os meus amigos, verdadeiros abrigos ao longo dessa trajetória. Eles me protegeram das tempestades quando essas vieram em forma de pranto, e me concederam repouso no frescor dos abraços carinhosos e das palavras sempre generosas e fortalecedoras.

Agradeço ao encontro com o Corpos Brincantes, no convite feito pela querida Eleni lá em 2017, para dançarmos e celebrarmos a vida nas rodas de Coco, movimento que faz vibrar a minha alma, aquecendo os meus sonhos.

Agradeço ao encontro com a escola DBJ, no nome do prof. Claudemir e dos estudantes, que desejaram comigo “Festejar o Brasil”, desenhando momentos que ficarão eternizados por esse trabalho e pelas relações que nos conectam com e por esse conhecimento.

¹ Muzingá Records. Povoada – Sued Nunes. [Vídeo]. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c>. Acesso em 07 nov. 2023.

Agradeço ao encontro com a Profa. Andresa... Nossa escolha para trilhar esse caminho está para além desse tempo espaço, e nos enlaça pelo saber que generosamente ela partilha no exercício da docência, reverberando companheirismo, alegria, esperança, fazer. São conversas, trocas, visitas, Acauã, flores, sonhos, danças... Obrigada por acreditar em mim e fomentar esse trabalho, do qual tenho muita alegria e gratidão em realizá-lo. Gratidão por tudo e por tanto!

Agradeço ao encontro com o ProEF, reconhecendo a jornada de cada um dos colegas na busca por vencerem os desafios e fazerem uma educação com mais qualidade em nosso país.

Agradeço ao encontro com as Profas. Lívia Tenório, Ivy Guedes e Eleni Nobre, que acolheram com muito carinho esse trabalho, contribuindo com a sabedoria que lhes compete para o embasamento e contornos dessa pesquisa.

Agradeço ao encontro com a querida Suzy Nobre por realizar com tanto primor a encadernação do produto educacional, a Tamires Monteiro por elaborar a identidade visual e produção audiovisual registrada no produto educacional, e ao Léo pela parceria nessa jornada do mestrado e toda a sua generosidade, prestatividade e eficiência na organização e formatação desse trabalho.

Agradeço a todos esses encontros.

Agradeço a todos os outros que aconteceram e aqui não foram citados pelas limitações desses registros.

Gratidão!

MEIRA, Juliana Machado de. **Ciclos festivos na escola**: encantamentos por meio das danças brasileiras. Orientadora: Andresa de Souza Ugaya. 2023. 230 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa se propôs a narrar os caminhos construídos para o desenvolvimento de um trabalho com as culturas populares na escola, por meio das festas e suas manifestações e expressões presentes nos ciclos festivos brasileiros – carnavalesco, junino e natalino. O cenário desse estudo foi a disciplina eletiva ‘Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país’, elaborada e ministrada por uma dupla de docentes e realizada junto aos estudantes do ensino médio no segundo semestre de 2022. Embasado e fomentado pelo trabalho na escola com foco na temática das relações étnico-raciais, o objetivo dessa pesquisa foi o de construir propostas para que saberes e práticas populares, marginalizados e subalternizados pelo meio acadêmico, construam espaços nas práticas educativas, com o reconhecimento dos impactos desse saber na formação dos estudantes. Compreendemos que este trabalho realiza as prerrogativas das leis 10.639 e lei 11.645 imantando as nossas ações educativas de intencionalidade na construção de uma escola e de uma educação multicultural e decolonial. A metodologia utilizada para os registros foram as narrativas autobiográficas que partilham as experiências sobre os processos construídos na práxis pedagógica dialogando com autores que referenciam as ações na/da educação para as relações étnico-raciais. Os resultados da pesquisa são reverberados pelas narrativas dos estudantes, onde eles partilham que por meio das vivências oportunizadas pelo trabalho na disciplina eletiva ampliaram seus conhecimentos sobre as festas e danças das culturas populares brasileiras, que se caracterizaram por novas experiências, momentos de diversão e o compartilhar desses saberes com a comunidade escolar. Destacamos três momentos que se deram nesse trabalho com as festas, manifestações e expressões populares festivas junto aos estudantes: abrir as portas da escola para os saberes das culturas populares, vivenciar uma educação pautada nas relações étnico-raciais e a construção de relações de pertencimento/encantamento por meio da dança brasileira. O grande legado de toda esta experiência foi o fato da nossa escola abrir seus portões, às salas de aula, a quadra, o currículo para acolher e valorizar as culturas populares, construindo caminhos nos quais não podemos mais voltar atrás, e sim, somente seguir em frente e expandir. A disciplina eletiva ‘Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país’, fez seu espaço em nossa comunidade escolar nos enlaçando aos saberes e fazeres das culturas populares, alcançando novas perspectivas para uma educação democrática.

Palavras-chave: Culturas populares. Ciclos festivos. Festa. Dança. Relações étnico-raciais.

MEIRA, Juliana Machado de. **Festive cycles in school**: enchantments through Brazilian dances. Advisor: Andresa de Souza Ugaya. 2023. 230 p. Dissertation (Professional Master's in Physical Education in National Network – ProEF) – UNESP, Faculty of Sciences, Bauru, 2023.

ABSTRACT

This research narrates the development of a project that explored popular cultures in schools through the lens of Brazilian festive cycles – Carnival, Junino, and Christmas. The project took place in the elective course "Celebrating Brazil: A Journey Danced Through Our Country," designed and taught by two teachers to high school students in the second semester of 2022. Grounded in the work of the school's focus on ethnic-racial relations, the research aimed to build proposals for incorporating marginalized and subaltern popular knowledge and practices into educational practices. This was done with the recognition of the impact of such knowledge on student formation. The project aligns with the guidelines of Laws 10.639 and 11.645, which aim to build a multicultural and decolonial school and education system. Autobiographical narratives were used to record and share experiences about the processes built in the pedagogical praxis, in dialogue with authors who reference actions in/of education for ethnic-racial relations. The research results are echoed in the students' narratives, where they share how the experiences provided by the elective course expanded their knowledge about Brazilian popular culture festivals and dances. These experiences were characterized by new experiences, moments of fun, and the sharing of this knowledge with the school community. Three key aspects of the project with students are highlighted: opening the school doors to the knowledge of popular cultures, experiencing an education based on ethnic-racial relations, and building relationships of belonging/enchantment through Brazilian dance. The great legacy of this experience was the fact that our school opened its gates, classrooms, playground, and curriculum to welcome and value popular cultures. This created paths from which we cannot turn back, but only move forward and expand. The elective course "Celebrating Brazil: A Journey Danced Through Our Country" has made its space in our school community, connecting us with the knowledge and practices of popular cultures, and reaching new perspectives for a democratic education.

Keywords: Popular culture. Festive cycles. Celebration. Dance. Ethnic-racial relations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Feirão das Eletivas: elementos característicos de algumas expressões das culturas populares.....	54
Figura 2 – Feirão das Eletivas: notebooks com vídeos selecionados para serem exibidos para os estudantes.....	55
Figura 3 – Feirão das Eletivas: espaço organizado para a divulgação da DE.....	55
Figura 4 – Feirão das Eletivas: estandarte do ciclo carnavalesco.....	56
Figura 5 – Feirão das Eletivas: estandarte do ciclo junino.....	56
Figura 6 – Feirão das Eletivas: estandarte do ciclo natalino.....	57
Figura 7 – Feirão das Eletivas: parceiros da DE Festejar o Brasil, professora Juliana e professor Claudemir.....	59
Figura 8 – Feirão das Eletivas: professora Juliana e professor Claudemir e os três estandartes.....	59
Figura 9 – Feirão das Eletivas: professora Juliana, professor Claudemir e estudantes que foram conhecer a proposta da DE Festejar o Brasil.....	60
Figura 10 – Brincadeira cantada: estudante A.H. fazendo pose para a foto com a cabeça do boi.....	71
Figura 11 – Brincadeira cantada: estudante P.O. fazendo pose para a foto com a cabeça do boi.....	72
Figura 12 – Dinâmica "Fui a festa": estudante recebendo a cabeça do boi.....	73
Figura 13 – Dinâmica "Fui a festa": estudante passando a cabeça do boi.....	73
Figura 14 – Estudantes realizando a pesquisa sobre as festas e expressões presentes nos ciclos festivos 1.....	78
Figura 15 – Estudantes realizando a pesquisa sobre as festas e expressões presentes nos ciclos festivos 2.....	79
Figura 16 – Estudantes realizando a pesquisa sobre as festas e expressões presentes nos ciclos festivos 3.....	79
Figura 17 – Estudantes realizando a pesquisa sobre as festas e expressões presentes nos ciclos festivos 4.....	80
Figura 18 – Escolha da festa ou expressão do ciclo festivo carnavalesco.....	90

Figura 19 – Sombrinha de frevo na decoração da culminância.....	92
Figura 20 – Estudantes explorando a sombrinha de frevo 1.....	94
Figura 21 – Estudantes explorando a sombrinha de Frevo 2.....	94
Figura 22 – Estudantes explorando a sombrinha de Frevo 3.....	95
Figura 23 – Estudantes explorando a sombrinha de Frevo 4.....	95
Figura 24 – Estudantes prendendo passos da dança do Frevo: Ponta pé calcanhar.....	96
Figura 25 – Estudantes aprendendo passos da dança do Frevo: Chutando de frente chutando de lado.....	97
Figura 26 – Estudantes aprendendo passos da dança do Frevo: Saci-pererê.....	97
Figura 27 – Dinâmica com palavras sobre o Frevo 1.....	100
Figura 28 – Dinâmica com palavras sobre o Frevo 2.....	100
Figura 29 – Dinâmica com palavras sobre o Frevo 3.....	101
Figura 30 – Prática com movimentos da Capoeira 1.....	102
Figura 31 – Prática com movimentos da Capoeira 2.....	103
Figura 32 – Prática com movimentos da Capoeira 3.....	103
Figura 33 – Estudantes aprendendo passos de dança do Frevo: Ferrolho e Tesoura 1.....	105
Figura 34 – Estudantes aprendendo passos da dança do Frevo: Ferrolho e Tesoura 2.....	105
Figura 35 – Professor Claudemir apresentando da Celebração do Bumba-meu-boi 1.....	110
Figura 36 – Professor Claudemir apresentando da Celebração do Bumba-meu-boi 2.....	110
Figura 37 – Professor Claudemir apresentando da Celebração do Bumba-meu-boi 3.....	111
Figura 38 – Professora Juliana apresentando da celebração da Folia de Reis 1.....	118
Figura 39 – Professora Juliana apresentando da celebração da Folia de Reis 2.....	118
Figura 40 – Dança do Ovo: cenário.....	120

Figura 41 – Dança do Ovo: vivência.....	120
Figura 42 – Estudantes e professor Claudemir confeccionando o boi.....	127
Figura 43 – Estudantes enfeitando a sombrinha de Frevo.....	127
Figura 44 – Estudante confeccionando os elementos para a decoração da nossa festa.....	128
Figura 45 – Estudantes confeccionando os elementos para a decoração da nossa festa.....	128
Figura 46 – Estudantes confeccionando as máscaras do Palhaço.....	129
Figura 47 – Estudantes confeccionando o boi.....	131
Figura 48 – Estudantes confeccionando a máscara do Cazumba.....	132
Figura 49 – Estudante confeccionando a máscara do Palhaço.....	133
Figura 50 – Saia confeccionada para a passista do Frevo.....	133
Figura 51 – Logo da Eletiva Festejar o Brasil criado pela estudante R.A.....	136
Figura 52 – Processo de confecção do estandarte da Eletiva 1.....	137
Figura 53 – Processo de confecção do estandarte da Eletiva 2.....	137
Figura 54 – Processo de confecção do estandarte da Eletiva 3.....	138
Figura 55 – Processo de confecção do estandarte da Eletiva 4.....	139
Figura 56 – Estudantes no ensaio para apresentação 1.....	140
Figura 57 – Estudantes no ensaio para apresentação 2.....	141
Figura 58 – Estudantes no ensaio para a apresentação 3.....	141
Figura 59 – Estudantes no ensaio para a apresentação 4.....	142
Figura 60 – Estudantes apresentando a Eletiva para visitante.....	145
Figura 61 – Organização dos estudantes para saída do cortejo pela escola.....	145
Figura 62 – Bebê brincando com a cabeça do boi.....	146
Figura 63 – Decoração organizada pelos estudantes para evento da culminância.....	147
Figura 64 – Estudantes representando as passistas de Frevo.....	148

Figura 65 – Estudantes representando o Cazumba e o boi da festa do Bumba-meu-boi.....	148
Figura 66 – Estudantes representando os Palhaços da Folia de Reis.....	149
Figura 67 – Cazumba e o boi em Momento descontraído.....	150
Figura 68 – <i>Selfie</i> das Estudantes representando os Palhaços da Folia de Reis.....	151
Figura 69 – Foto do grupo da Eletiva Festejar o Brasil na culminância.....	151

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento de informações sobre os ciclos festivos, festas, expressões e manifestações.....	81
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CGRH – Conselho de Gestão e Recursos Humanos

DE – Disciplina Eletiva

DBJ – Desembargador Bernardes Júnior

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

FKB – Fundação Karning Bazarian

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PEI – Programa de Ensino Integral

profa – Professora

prof – Professor

PRoEF – Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

SARESP – Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo

SEDUC – Secretaria de Educação

SESC – Serviço Social do Comércio

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1. DÁ LICENÇA MINHA GENTE...	14
2. À CELEBRAÇÃO DOS ENCONTROS	23
2.1 Primeiro Encontro – Clã Monteiro's	23
2.2 Segundo Encontro – A dança	24
2.3 Terceiro Encontro – Educação Física e Educação	25
2.4 Quarto Encontro – Grupo Corpos Brincantes	27
2.5 Quinto Encontro – O programa de mestrado profissional em Educação Física em Rede Nacional	28
2.6 Sexto Encontro – A parceria com o professor Claudemir	36
2.7 A potencialidade dos encontros	38
3. O CONVITE PARA FESTEJAR O BRASIL	40
3.1 Feirão das Eletivas	50
4. A PREPARAÇÃO DA FESTA	63
4.1 Início da DE Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país	65
5. AS FESTAS	86
5.1 Celebrando o Frevo	88
5.2 Celebrando o Bumba-meu-boi	107
5.3 Celebrando a Folia de Reis	113
6. FESTEJAR O BRASIL: A NOSSA FESTA!	123
6.1 A Culminância	143
6.2 Relatos dos estudantes que participaram da Eletiva “Festejar o Brasil”	152
6.3 Produto educacional	155
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
REFERÊNCIAS	163
APÊNDICES	169
APÊNDICE A – Plano da Eletiva “Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país”	169
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	176
APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	179
APÊNDICE D – Slides da dinâmica “Que festa é essa?”	182
APÊNDICE E – Pesquisa: As festas presentes nos ciclos festivos	189
APÊNDICE F – Questões formuladas para registrar os relatos dos estudantes que participaram da Eletiva Festejar o Brasil	192
APÊNDICE G – Festejar o Brasil: Passaporte Cultural	193

1. DÁ LICENÇA MINHA GENTE...

Dá licença minha gente, dá licença
Dá licença pra nesta casa eu entrar.
Eu só entro...
Se a dona da casa manda.
(Ana Maria Carvalho)²

Me dá licença minha gente que agora eu vou passar! A você, leitor ou leitora que escolheu esta narrativa, dono ou dona da casa, minha gratidão por abrir as portas para que os meus passos estejam, a partir de agora, com a sua companhia. A alegria e o sentido do caminho é a caminhada e, quanto mais ela for partilhada, mais o caminho se expande e ganha contornos.

Permita-me me apresentar: sou Juliana, nascida e criada na cidade de Itapetininga, interior do estado de São Paulo. Morei no mesmo bairro em que nasci, por mais de três décadas. Brinquei muito na rua e, esses momentos são recordações que me sustentam e guiam os meus passos.

Tenho cinco irmãos e por muito tempo nesse mesmo bairro, morei próxima aos meus primos (de alguns até hoje!). A casa da minha avó, 'na rua de baixo' foi o nosso ponto de encontro para o esconde-esconde, o pega-pega, o balança caixão, o taco. Amava quando o meu pai me carregava no 'cangote' ou me levava no carrinho de mão. Meus tios me seguravam pelos braços e me giravam no meio da rua. Também me faziam virar uma espécie de cambalhota no ar estando em pé (com as mãos postas entre as pernas) que era muito emocionante!

Se há uma pessoa que representa as minhas brincadeiras e apresentações de dança na infância, essa pessoa é o meu primo Rogério. Eu e ele criamos muitas coreografias e já realizamos inúmeras apresentações na sala de casa, na varanda do sítio, na área da casa da vó. Somos uma dupla de sucesso e sempre arrasamos! Até

² Pôr do Som. Festival Mestres dos Saberes - Ana Maria Carvalho. [Vídeo]. Youtube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y_E9MBCAv-M. Acesso em 15 jul. 2022.

hoje a nossa parceria, firmada por essas memórias, fomenta a minha brincadeira e dança da vida.

Juntaram-se ao Rogério, tempos depois a esta minha caminhada, meus dois sobrinhos, o Benjamin e o Noah. Sempre digo que eles são meus fios de inteireza, recobram a minha essência e me fazem não perder o olhar de encantamento pela vida. A frase da música “Bola de meia, bola gude”, composição do Fernando Brant e Milton Nascimento, também cantor dessa canção, ilustra perfeitamente a nossa relação: “Toda vez que o adulto balança o menino me dá a mão”³.

Bom, pelo que estão vendo, adoro contar histórias e é por meio das narrativas aqui trazidas que te convido a percorrer as páginas escritas desta pesquisa que diz muito sobre minhas trajetórias, pessoais e profissionais, e como elas se entrelaçam. Os autores Ventura e Cruz elucidam a importância das narrativas à condição humana, ao afirmar que elas:

nos constituem como pessoas, como sujeitos, como identidades subjetivas. Mas não só. Narrativas nos constituem como espécie, como gênero humano, como mundo, como universo. E é a partir delas que damos significado ao mundo à nossa volta, seja considerando os aspectos filogenéticos ou ontogenéticos do gênero humano (2019, p. 430).

Segundo Benjamin (2018, p. 16), ao narrar “o contador de histórias tira o que ele conta da sua própria experiência ou daquela que lhe foi relatada por outros. E ele, por sua vez, o transforma em experiência para aqueles que escutam sua história”. Ao encontrar-me neste tempo-espço como professora-pesquisadora, me permito ser acolhida nessa prática de contar histórias para partilhar as narrativas que confluem neste trabalho, evidenciando as potências e as fragilidades dos processos da educação, bem como da pesquisa científica.

³ Três Clipes. Bola de Meia, Bola de Gude - Milton Nascimento | Videoclipe oficial (Projeto 3 Clipes - 1 Curta). [Vídeo]. Youtube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G9RS2BkbqHw>. Acesso em 03 nov. 2023.

Ao contarmos histórias, aprimoramos a faculdade humana da troca de experiências, ampliando e reconfigurando o conhecimento por meio do encontro com o outro, afetando e sendo afetado como sujeitos e, na especificidade desta pesquisa, elevando a qualidade da formação profissional com as contribuições a impactar a práxis educativa (Benjamin, 2018).

Para tanto, adotei trilhar o método das narrativas autobiográficas. Para além de ser uma metodologia de pesquisa, identificam-se, em sua natureza, duas dimensões que se articulam e, até mesmo, se sobrepõem: a de fenômeno a ser investigado e a de uma forma de exposição dos resultados alcançados com tal investigação (Ventura; Cruz, 2019).

Ao validar a contribuição das narrativas ao campo da pesquisa, Rubio lança luz e destaca as contribuições dessa prática no meio acadêmico e científico ao pontuar que:

é possível se ter cada vez mais tranquilidade para assumir que ouvir e contar histórias não é menos acadêmico, ou científico, do que qualquer outra forma de produzir conhecimento. O que muda é a forma de olhar para o mundo, para as pessoas e para o próprio texto que brota dos encontros com seres que nos tornam mais humanos (2016, p. 15).

Quando observamos a estrutura e os objetivos que dinamizam a realização de uma pós-graduação a nível de mestrado profissional, como o ProEF, entende-se que a metodologia das narrativas autobiográficas se configura em um processo que imputa ao pesquisador a sua (auto)formação, desencadeando um movimento de análise e reflexão com vistas ao aprimoramento de suas práxis pedagógicas.

As narrativas autobiográficas acolhem e evidenciam os alcances do relacionamento com o objeto de conhecimento, por vezes ignorados ou não percebidos na pesquisa, em virtude da objetificação das interações que não compreendem os reais sentidos atribuídos aos que participam de tal fazer (Passeggi *et al.*, 2016).

Por meio deste método, revelam-se as marcas daquela que toma a voz em primeira pessoa, comparando-se a um oleiro que deixa a impressão de suas mãos na confecção de um vaso de argila (Benjamin, 2018). Sendo assim, há o reconhecimento aos sujeitos da legitimidade de suas narrações que são frutos de processos reflexivos e sensíveis empreendidos por eles (Passeggi *et al.*, 2016).

A ênfase não está no registro fiel, cópia da realidade (até porque é impossível), mas na dinâmica, no que a pessoa pensou que fez, porque ela pensou que fazia alguma coisa, em que situação pensou que estava, como ela descreve seu sentimento e apreensões desta situação descrita. [...] a narração não apenas relata, mas justifica, há uma leitura contextual em todo texto produzido. Há um enredo, uma sequencialidade, um conjunto de escolhas e a busca de justificar o anticanônico (Marques; Satriano, 2017, p. 375).

Proença (2021) reforça a subjetividade nesse processo pontuando que:

o processo de criação do sujeito traduz-se na forma como o autor estrutura seu pensamento; articula e seleciona palavras; e compõe o texto, assumindo posicionamentos, confrontos e fatos vividos, transformando-os em registros ou documentação reflexiva de seus pontos de vista. A leitura do relato do educador transforma-se em uma experiência de cunho autobiográfico ao desvelar a experiência de formação narrada na prática pedagógica diária, atribuindo um especial valor ao cotidiano da instituição. Com essa postura do educador, o cotidiano se transforma em potencial espaço de investigações, descobertas, inusitados, maravilhamentos, pesquisas com sentido! (p.36)

Esse método evidencia a natureza da práxis humana, ao revelar a essência das relações sociais construídas pelos sujeitos, superando uma mera reprodução das experiências vividas que expressam as diferentes formas de envolvimento com o conhecimento oriundas dessas interações, assim como das nossas estruturas sociais, ao fazermos uma leitura da realidade a partir da minha perspectiva, delineada pela complexidade de indivíduos historicamente determinados (Santos; Garms, 2014; Rubio, 2016).

Alcança-se por meio dessa compreensão, a realidade na qual se concretizam as práxis dos professores e professoras no chão da escola, convidando-os/as a explorar uma potência do trabalho docente, a de professor/professora pesquisador/pesquisadora produtor/produtora de conhecimento, na combinação de ação e reflexão - pontuada por curiosidade, dúvidas e caminhos a gerir o cotidiano da sua dinâmica escolar.

O trabalho como pesquisadora dentro da metodologia das narrativas autobiográficas é ativo e não se restringe a ser uma observadora, mas, também na ação de descrever o vivido, apresentar as minhas percepções originadas no processo de investigação, reconhecendo suas limitações e as articulando nas dimensões dos significados subjetivos e socioculturais (Marques; Satriano, 2017).

Na busca por desenvolver esse processo investigativo, ampliei as percepções estéticas que não são comumente adotadas pelas pesquisas científicas, e que conferem autenticidade às narrativas autobiográficas. Rubio (2016) nos orienta a sentir, a acolher e a captar todas as nuances e sutilezas que permeiam os contextos e cenários da narrativa. É preciso “[...] explorar todos os nossos sentidos e assim ver/ouvir/cheirar/tocar/degustar as características que se apresentam diante de nós. Devemos estar atentos aos detalhes, aos mínimos sinais que podem nos dar pistas valiosas que nos levem a de fato adentrar na qualidade da experiência” (p. 30).

A estruturação da pesquisa sob a construção de uma narrativa pessoal e autoral, traz a “[...] possibilidade de aproximação do sujeito que pesquisa em lidar com os próprios impulsos, sentimentos e emoções em relação ao objeto de pesquisa e sua própria cultura” (Bossle; Molina Neto, 2009, p. 133), expandindo e aprimorando os saberes, com o reconhecimento das potências e das fragilidades do fazer docente que reverbera da relação sujeito professor e sujeito estudante, cotidianamente vivenciada no interior das escolas.

Torril *apud* Ventura e Cruz (2019, p. 432) nos diz que essa metodologia consiste no “[...] estudo de como os seres humanos experimentam o mundo e como pesquisadores narrativos coletam histórias e escrevem narrativas de experiência.” As narrativas autobiográficas são como “[...] fios que se entrelaçam no cotidiano, se estruturam e tecem o texto da história do sujeito e do grupo, única e singular”

(Proença, 2021, p. 42). Portanto, elas cumprem o papel de revelar o percurso de construção da aprendizagem do educador e seus educandos com base na memória dos envolvidos, ao se registrar as histórias contadas pelos sujeitos.

Dentro desse contexto de pesquisa, o objetivo foi compreender o impacto que as vivências e as experiências com as danças brasileiras das culturas populares, a partir dos estudos dos ciclos festivos brasileiros, pode gerar nos estudantes do ensino médio. Como objetivos específicos foi definido: analisar e discutir tais resultados por meio da metodologia das narrativas autobiográficas, registrando apontamentos sobre como esses saberes reverberam na formação sociocultural desses jovens ao possibilitarmos a construção de diálogos com esse legado cultural.

A pesquisa foi desenvolvida dentro da disciplina eletiva (DE). Esta faz parte do Programa Ensino Integral (PEI) e passaram a compor o quadro de horários de todas as escolas da rede pública estadual no ano de 2020, independente das instituições que escolheram ou não participar do programa. Ela faz parte das ações do Inova Educação⁴, implementado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo para ofertar oportunidades aos estudantes dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e ensino médio, relacionadas aos seus interesses, vocações e preferências, objetivando tornar o ensino mais atrativo e com sentido para esse público.

A dinâmica da DE nas escolas PEI é desenvolvida aos pares pelos docentes, preferencialmente de áreas de conhecimento diferentes que elaboram o plano de trabalho a ser cursado neste componente curricular pelo período de um semestre letivo. Os estudantes das três séries do ensino médio (segmento no qual atuo), gozando do direito eletivo, enumeram suas escolhas entre as disciplinas eletivas disponíveis, evidenciando como primeira opção aquela que mais gostou e despertou nele o desejo de cursá-la, fazendo assim sucessivamente até preencher de forma hierárquica, todas as opções disponíveis.

⁴ Inova Educação - Transformação hoje, inspiração amanhã. Disponível em: <https://inova.educacao.sp.gov.br/>. Acesso em 23 ago. 2023.

A etimologia do termo eletivo é de raiz latina e significa “aquele que faz escolhas”⁵. Reconheço e enalteço a possibilidade de escolha conferida aos estudantes pela DE, numa ação que corrobora para o fortalecimento da escola como um espaço de acolhimento às diversidades (saberes, estudantes, docentes, comunidade) por meio do exercício democrático. Já tive a oportunidade de realizar outras propostas de eletiva e afirmo, pela experiência e vivência junto aos estudantes nesse processo, o quanto as relações que se constroem no movimento de ensino e aprendizagem são positivas e diferenciadas, comparando-se a outras situações presentes na educação e na escola.

Atendendo aos preceitos que regulamentam a realização de uma pesquisa científica envolvendo a participação de sujeitos, os estudantes que escolheram participar da DE, foram convidados a participar desta pesquisa. Sendo assim, eles puderam cursar a DE, lhes sendo assegurado o direito de não participar da pesquisa. Aqueles que desejassem colaborar com o desenvolvimento dela, assinariam os termos de assentimento e consentimento livre e esclarecido (estão anexados a esta dissertação como apêndices), que informou a eles e às famílias os objetivos da pesquisa. Os processos que envolveram o trabalho realizado, foram registrados por meios audiovisuais (fotos e vídeos) e compõem o corpo desta dissertação, bem como o produto educacional idealizado a partir da pesquisa. Será possível notar em algumas fotografias, tarjas que asseguram a não identificação dos estudantes, pela razão de que esses não preencheram os termos citados, respeitando-se o desejo de não se exporem ao processo da pesquisa, porém, não deixando de participar.

O desenvolvimento da eletiva, ocorreu no período correspondente ao segundo semestre letivo do ano de 2022, porém, ela foi sendo delineada desde o início do projeto desta pesquisa – segundo semestre de 2021, quando se deu a definição dos orientadores para o início deste trabalho mais específico que culminaria nesta dissertação. Eu e a profa. Andresa Ugaya, orientadora desta pesquisa, plantamos as sementes deste trabalho que encontrou na presença e parceria do prof. Claudemir na

⁵ Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/eletivo/>. Acesso em 23 ago. 2023.

DE, sensibilidade, cuidados e conhecimentos – adubos férteis, para o seu florescer no chão da escola DBJ.

Dentro da dinâmica de uma escola que fez a adesão ao Programa Ensino Integral, como é o caso da escola estadual onde leciono, a “Desembargador Bernardes Júnior”, os docentes trabalham quarenta horas semanais – oito horas diárias e com uma hora para o almoço ou jantar, dependendo do período do módulo no qual atuam. Para os professores e professoras do módulo do ensino médio – grupo do qual faço parte, que atuam neste segmento, o horário de trabalho é das 12:15 h às 21:15 h, sendo que o trabalho com os estudantes é das 14:15 h às 21:15 h.

Os docentes não lecionam as oito horas de trabalho diárias, eles podem alcançar uma jornada de aulas cujo teto máximo são trinta e duas horas/aulas distribuídas entre os cinco dias da semana de acordo com a Portaria CGRH 18, de 9 de novembro de 2021⁶. A realidade dos professores e professoras da escola DBJ, está em torno de vinte e cinco a vinte e seis horas/aulas semanais, desenvolvendo um trabalho com as disciplinas da Base Nacional Comum Curricular, específico da formação de cada docente, e das disciplinas da Parte diversificada, onde encontramos a disciplina eletiva.

Os horários dentro das oito horas diárias de trabalho, nos quais não estamos desenvolvendo ações em sala de aula junto aos estudantes, são destinados para o estudo e aperfeiçoamento dos docentes (reuniões formativas, realização de leituras, cursos, visualização de vídeos), e a realização das demandas documentais inerentes ao Programa Ensino Integral (Agenda semanal, Plano de aula, Guia de aprendizagem, Programa de ação, Plano Individual de Aperfeiçoamento Formativo, Plano da Eletiva), ferramentas que gerenciam a dinâmica de uma escola PEI.

Foram em alguns desses momentos, mantendo uma regularidade desses encontros a partir no primeiro semestre de 2022, que eu e o prof. Claudemir nos reunimos para pensarmos e elaborarmos o planejamento do desenvolvimento da

⁶ Estabelece procedimentos e cronograma do processo de atribuição de classes e aulas para o ano letivo de 2022. Disponível em: <https://deitapevi.educacao.sp.gov.br/portaria-cgrh-18-de-9-de-novembro-de-2021-estabelece-procedimentos-e-cronograma-do-processo-de-atribuicao-de-classes-e-aulas-para-o-ano-letivo-de-2022/>. Acesso em 12 mai. 2023.

disciplina eletiva ‘Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país’, bem como o acompanhamento e ajustes necessários no transcorrer da sua realização. Também compartilhei com ele a construção do projeto de pesquisa, com o arcabouço teórico referenciado no mesmo, para trazer os embasamentos da literatura aos caminhos que estávamos traçando e nos propondo a caminhar.

Chegamos às narrativas da pesquisa! Dentro do universo metodológico que acolhe esta investigação científica, faremos uso das narrativas autobiográficas enquanto metodologia, evidenciando-a com os recortes bibliográficos à sua análise como fenômeno e expondo os resultados dos processos empreendidos. Será por meio da organização conferida por esse método que se faz na ação de contar histórias e nos coloca no exercício (auto)formativo da troca de experiências, que me proponho como pesquisadora, a fomentar reflexões sobre trabalhos que possam ser realizados nas escolas e estejam no bojo das culturas populares, trazendo as fragilidades sob as quais temas das relações étnico-raciais são abordadas na escola.

2. À CELEBRAÇÃO DOS ENCONTROS

2.1 Primeiro encontro - Clã Monteiro's

Uma parte da minha família, irmãos e irmã da minha mãe e alguns amigos ligados a eles, desde o início dos anos 90 se reúnem para celebrar datas comemorativas do nosso calendário. Por mais de 10 anos comemoramos o ano novo juntos, assumindo o compromisso de nos encontrarmos nas datas dessa festividade, fortalecendo os nossos laços para além do sanguíneo. A essa reunião de final de ano, demos o nome de Clã Monteiro's, o nosso encontro de família! Eram feitas camisetas para os participantes, organizada uma programação de atividades culturais, artísticas, recreativas e espirituais a serem desenvolvidas na véspera e no primeiro dia do ano novo, e festejamos, com comida, bebida, música, dança, a chegada do novo ano.

Essa festa persiste até hoje, porém, já não acontece somente no tempo do ano novo e, sua programação ajusta-se às necessidades da coletividade participante. A motivação para festejar é o desejo de estarmos juntos, reunidos em um mesmo tempo e espaço para celebrarmos algo ou alguém. Iniciou-se com os mais velhos - os irmãos e irmã da minha mãe, e atualmente é dinamizada pela geração seguinte - os filhos e filhas dos patriarcas e matriarcas da família. Ao refletir sobre a minha busca em conhecer as culturas populares brasileira, em específico nesta pesquisa os nossos ciclos festivos, trilhando caminhos para que eles se façam presentes na escola, compreendo que esse desejo tem raízes na minha vivência com o Clã Monteiro's, onde essa celebração apresenta dimensões também encontradas nas festividades populares, analisadas sob a perspectiva da festa enquanto fato social (Itani, 2003).

Como expressões do povo, as festividades são assinaladas pela coletividade e praticadas desde as épocas mais remotas da humanidade. São marcadas pelo caráter geracional e vivo, articulando a transmissão e a transformação do seu fazer e acontecer (Itani, 2003). Em nosso país, as festas das culturas populares se evidenciam como parte estrutural da formação humana, bem como as mais variadas

manifestações que delas se ramificam, fortalecendo a nossa identidade social por orientarem os modos de ser desse coletivo (Brasileiro, 2010). Sendo assim, trago a vivência no Clã Monteiro's realizada nessa esfera microssocial - a família - como uma inspiração que me acompanha há anos e, sem sombra de dúvidas, se reflete nas buscas e narrativas desta pesquisa.

2.2 Segundo Encontro - A dança

Minha mãe, a dona Irene, queria que as filhas e o filho praticassem uma atividade esportiva ou artística no contraturno escolar. Minha primeira investida foi na área esportiva, praticando a modalidade basquetebol feminino. Minhas colegas de treino eram maiores e mais velhas e, em um dos jogos que realizamos, no qual os pais, familiares e amigos foram convidados a estarem presentes para prestigiar suas jogadoras, a equipe que integrava ganhou a disputa e eu não toquei na bola uma vez sequer, apenas fiquei correndo de um lado da quadra para outro. Frequentei a escolinha municipal de basquetebol feminino durante um ano (o que começou tem que ser terminado, dizia a minha mãe) antes de fazer uma nova escolha, mesmo já sabendo que não era essa a prática que gostaria de fazer após o horário da escola. No ano seguinte, aos nove anos de idade, fui matriculada no curso de ballet clássico da Escola Livre de Música Municipal da cidade, minha segunda opção na busca por encontrar algo que gostasse de praticar.

Escolher a dança foi para mim não ter escolha. Assim como acontece quando amamos alguém, ou quando nos apaixonamos subitamente por algo. Senti este encontro nascendo de um primeiro olhar que desencadeou uma escolha mútua, assim se deu o abraço e logo ocorreu este querer, este constante apaixonar-se e admirar-se diante das essências das coisas, das pessoas e do mundo (Barreto, s/p., 2004).

Fui conquistada pela dança, paixão à primeira vista! Desde esse momento, estabeleceu-se uma relação com bases no sonho de me tornar uma bailarina clássica, desenhado pelo ideal de perfeição e sublimação que essa figura expressa e ocupa em nosso imaginário histórico e social. De forma poética, faço referência à canção “Ciranda da bailarina”⁷, do compositor Chico Buarque para ilustrar tais ideais, na construção dessa imagem inalcançável da bailarina. Em meu relacionamento com a dança nem tudo foram flores e, diante de determinadas situações vividas, carrego algumas frustrações que fizeram emergir novos/outros estados de consciência para com a dança, canalizados para um processo de aprimoramento das nossas interações. A dança pautou muitas das escolhas que fiz na vida, inclusive a opção pela graduação em Educação Física.

2.3 Terceiro Encontro - Educação Física e Educação

Na 3ª série do ensino médio decidi que iria buscar um curso superior que tivesse relação com as práticas corporais, já que a dança se encaixava nesse *hall*. Em Itapetininga temos a instituição Faculdades Integradas de Itapetininga – FKB que oferece a graduação em Educação Física, escola na qual realizei o meu ensino superior.

Na educação básica, tive uma Educação Física escolar muito pobre em relação a oferta de conteúdos que ela agrega, e das experiências que me foram oportunizadas. Já de cara, com o início das aulas na graduação, fiquei impactada com as possibilidades presentes em sua práxis pedagógica que vão desde os materiais utilizados, até as metodologias e conteúdo para serem trabalhados nas aulas. Minhas memórias sobre a dança na escola, por exemplo, restringem-se às festas comemorativas, “[...] sem qualquer estudo mais aprofundado sobre o estilo de dança

⁷ RWR. Chico Buarque e Edu Lobo: Ciranda da Bailarina (DVD Bastidores). [Vídeo]. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DP4jqyVGjMM>. Acesso em 10 nov. 2023.

escolhido, prejudicando de maneira substancial o entendimento, a aplicação e a finalidade da Dança na Escola” (Sousa *et al.*, 2010, p. 496).

Nesse processo, percebi na dança clássica que pratiquei a vida inteira, um caráter elitista e excludente evidenciado na vivência de um corpo objetificado, como mero instrumento da dança (Marques, 2007). Esses princípios não se alinham à dinâmica do espaço diverso e democrático que a escola deve promover e ser, levando-se em consideração a multiplicidade dos corpos-sujeitos que nela convivem e são palco à dança.

O corpo nessa concepção [instrumento] é algo a ser controlado, adestrado e aperfeiçoado, segundo padrões técnicos que exigem do dançarino uma adaptação e submissão corporal, emocional e mental àquilo que está sendo requerido dele externamente. É o dançarino sendo visto como “material humano” (Marques, 2007, p. 110).

Seria preciso então, traçar novas rotas para que a dança e a educação pudessem caminhar juntas nas práticas escolares, ambas se aprimorando e se complementando, a serviço da garantia e validação da nossa pluralidade. Diante dessa situação que, em um primeiro momento configurava-se como um desafio, assumi a responsabilidade de buscar possibilidades para a dança se fazer presente nas escolas, corroborando com a perspectiva de um espaço acolhedor e com sentido.

Aonde fui, eu levei a dança. Em minhas buscas, ela sempre me acompanhou.

Ainda na graduação, tomei conhecimento de algumas danças brasileiras das culturas populares, que me foram oportunizadas na disciplina de danças folclóricas. Identifiquei e reconheci possibilidades nessas manifestações e expressões, que poderiam viabilizar um trabalho com a dança nas aulas de Educação Física, contemplando e potencializando os ideais de uma educação com sentido e significado, trazendo encantamento e transformação às vivências. Fui atrás de embasamento (também me graduei em Pedagogia posteriormente) para me auxiliar a levar essa prática à escola e de fato fazê-la acontecer nas aulas de Educação Física, bem como fora delas.

Sou muito grata por todos os encontros que a dança me oportunizou e por toda a bagagem de conhecimentos e experiências que pude construir no meu processo de formação continuada: Instituto Caleidos – Isabel Marques; Festival Internacional de Dança em Joinville – Deca Madureira, Eleonora Gabriel e Gilmar Sampaio; Instituto Brincante – A arte do brincante na formação de educadores.

O curso de graduação me conferiu a habilitação para o exercício da licenciatura em Educação Física e foi nesse contexto que conheci a educação. Refletindo melhor sobre esse momento, hoje compreendo que a reconheci na verdade, pois, sou filha de uma educadora, estive em meio a esse ambiente e universo a minha vida toda. Vale destacar aqui também que brinquei muito de escolinha na infância, eu e meu primo Rogério, que hoje também é professor.

Sou professora de Educação Física e é por escolha. Encontro muito sentido no que faço. Iniciei em 2005 como estagiária na área, atuando nas escolas municipais da cidade de Alambari, município próximo de onde resido e, em 2007, passei a lecionar como professora após a conclusão da minha graduação. Em 2008 passei no concurso público municipal de Itapetininga, atuando com a Educação Física escolar nos anos iniciais do ensino fundamental.

No ano 2009 passei no concurso público estadual de São Paulo e ingressei nessa rede ministrando aulas de Educação Física para o ensino médio e anos finais do ensino fundamental. Em 2017 tive a experiência de estar na coordenação dos professores de Educação Física do sistema municipal na cidade de Itapetininga, atuando no transcorrer do mesmo ano. Atualmente, trabalho com estudantes do ensino médio em uma escola da rede pública estadual que atua na modalidade do PEI.

2.4 Quarto Encontro - Grupo Corpos Brincantes

Conheci o grupo Corpos Brincantes por intermédio da querida e hoje amiga, professora Eleni, em uma apresentação feita por ela junto a crianças que participavam

do projeto Mais Educação no município de Itapetininga, onde ela ministrava aulas de Coco de roda. Fiquei encantada com o que vi e mais encantada ainda com a possibilidade, ao receber o convite, para fazer aulas e aprender a dançar o Coco de Roda com o grupo.

Integrar o coletivo Corpos Brincantes, verbo que se faz no presente, me conferiu vasta e rica bagagem que nutre a minha formação enquanto ser neste mundo, para muito além de aprender a dançar o Coco de roda. Mergulhei no universo das culturas populares, ressignificando o meu universo. Me reconheci enquanto sujeito, dando abertura para novas percepções sobre o eu, sobre o outro, sobre o mundo e sobre essas conexões, que nos perpassam a todo momento. Expandimos as vivências para as danças de matriz africana e afro-brasileira, promovendo apresentações em escolas municipais, estaduais e federais, no carnaval e em eventos na/da cidade e fora dela, sendo propagadores das culturas populares aqui no interior do estado de São Paulo.

2.5 Quinto Encontro - O programa de mestrado profissional em Educação Física em Rede Nacional

O ano de 2021 marca o meu ingresso no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – o ProEF. Realizar uma pós-graduação a nível de mestrado era um desejo que vinha acalentando já há algum tempo. Tenho consciência da importância e da necessidade de estarmos em constante aprimoramento profissional, para que de fato possamos colaborar com a nossa práxis direcionada a uma educação de qualidade aos nossos estudantes e pensarmos para além do sistema educacional que muitas vezes nos aprisiona, apresenta contrariedades, e faz com que sejamos a manutenção dessa ordem vigente social, principalmente nos campos da economia e da política.

Desde a aula inaugural, datada no dia trinta e um de março, onde, em meio às angústias e turbulências da pandemia COVID-19, com as instituições de ensino

voltando a fechar no estado de São Paulo em virtude da chegada de uma nova onda do vírus, e a expectativa do ingresso na pós-graduação, fomos acolhidos amorosamente como em um abraço quentinho e envolvente por uma dinâmica que abriu o nosso encontro *online*, comandada pela querida profa. Andresa Ugaya, hoje, com muita gratidão e alegria, a orientadora e sonhadora desta pesquisa junto a mim.

Depois de mais um dia de cobranças por busca ativa dos estudantes, procurando engaja-los na participação das aulas *online*, muitas interações nos inúmeros grupos de WhatsApp que extrapolam a nossa jornada de trabalho e, o desafio constante e frustrante de ser e estar na educação pelas ferramentas e recursos digitais, esse momento de voltar o olhar para si, equilibrando a respiração e realizando uma automassagem, foi o bálsamo que eu e muitos dos meus companheiros precisávamos naquela hora, reverberando de forma positiva e sensível as nossas primeiras impressões sobre o ProEF.

Outros desafios, questionamentos e reflexões estavam por vir... Como cumprir com a programação e as demandas de um curso de Mestrado Profissional a distância? A especificidade “Profissional” implica a condição de estarmos com os pés no “chão da quadra” e o momento exigia de nós, a ressignificação das formas de presença e interação nos espaços escolares, bem como os de estudo e aperfeiçoamento.

À medida em que fomos trilhando os caminhos da pós-graduação, fomos nos empoderando dentro dessa dinâmica, encontrando o ritmo do passo, o suporte nos companheiros de jornada, gozando da alegria e do encanto com o conhecimento compartilhado e construído nesse movimento para uma Educação Física escolar com sentido e qualidade. Criamos laços de afeto, que nos impactam e nos conectam para o transcender do tempo da experiência de dois anos de mestrado.

Em nossa primeira disciplina, Problemáticas da Educação Física, iniciou-se um processo de tomada de consciência e de reconhecimento, sobre a nossa atuação docente no espaço escolar como pesquisadores. As problemáticas iluminadas em nosso estudo, nos perpassam nas aulas de Educação Física e, ao buscarmos caminhos possíveis para solucionarmos tais desafios, estamos fazendo pesquisa.

Em minha trajetória dentro do ProEF, esse *start* foi fundamental à percepção da minha realidade, de forma que pudesse ampliar e aprimorar minha práxis. Se

entender pesquisador ou pesquisadora, também proporciona nos relacionar com os desafios, conferindo a eles a natureza de responsabilidade e não de limitação ou incômodo. As problemáticas fomentam as pesquisas, é a partir delas que nos sensibilizamos e nos mobilizamos para as mudanças.

Na sequência, cursamos a disciplina Seminários de Pesquisa em Educação Física, que nos foi ofertada em três momentos diferentes ao longo do ano de 2021. Por meio dela, nos aproximamos do universo metodológico da pesquisa, para compreender os caminhos e as ferramentas que estão postas ao nosso alcance pela ciência, viáveis ao desenvolvimento da pesquisa a ser realizada neste programa de mestrado.

A intenção das atividades propostas nessa disciplina, era fomentar a produção de materiais que servissem de base para a elaboração do nosso projeto de pesquisa, nos auxiliando a contornar os limites desse trabalho com os estudos e reflexões apresentados, validando os processos da pesquisa perante o meio acadêmico científico.

Na disciplina Escola, Educação Física e Planejamento fomos convidados a refletir sobre a nossa atuação na educação a partir da nossa especificidade que é a ciência da Educação Física, fazendo o exercício de contemplar o todo por intermédio da parte, e o de reconhecer com a visão desse todo, a presença indispensável dela, sem hierarquizar as relações e os movimentos de ir e vir nesse contexto.

A Metodologia do Ensino da Educação Física, impactou-me ao trazer em uma das suas reflexões feitas no encontro síncrono, a seguinte sensibilização: “a escola dos meus sonhos”⁸, título de um livro do Instituto Paulo Freire. A partir desse cenário construído por meio de uma fala instigadora e ao mesmo tempo sensível, fomos alinhavando as nossas concepções sobre o ensino da Educação Física nas escolas – bagagem essa construída para além do mestrado e em aprimoramento com as propostas ofertadas pela disciplina, com a idealização física e humana dos nossos anseios e dinâmicas dentro desse espaço.

⁸ ANTUNES, Ângela; ABREU, Janaina; PADILHA, Roberto (org.). EaD freiriana [livro eletrônico]: artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso a escola dos meus sonhos ministrado pelo professor Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018.

Outra proposta que nos foi direcionada por essa disciplina, foi a elaboração de uma rima para Coco, construída junto aos colegas Adriano, Eduardo, Leda, Rogério e Tássia, expressão das nossas buscas que nos conduziram a esse encontro no curso de pós-graduação, que revela em seu verso a crença no potencial de transformação das nossas realidades por intermédio das ações cunhadas por nós, nas diferentes realidades educacionais por nós vividas. Irei transcrevê-la nas linhas abaixo.

Eu quero dizer
O valor desse grupo
Que está sempre muito unido
E vai transformar o mundo!

Adentramos o segundo ano do mestrado cursando as disciplinas eletivas, realizadas no mês de janeiro de 2022. Nos foram propostas três disciplinas eletivas, sendo a escolha de duas delas obrigatórias para compor a carga horária do programa e uma facultativa. Por estarem organizadas para serem desenvolvidas no período de uma semana, caracterizaram-se em um estudo intenso e volumoso das propostas organizadas pelos professores e professoras que as ministravam.

Fiz a opção por cursar as três disciplinas eletivas. Seguindo o calendário combinado, iniciamos com a eletiva Jogos, Lazer e Educação na Infância e na Adolescência, onde o foco esteve pautado no olhar crítico sobre essas três dimensões, buscando embasamento em nomes que ofereceram contribuições relevantes nesses campos de estudo: o professor Nelson Marcellino e o professor Demerval Saviani. Como exercício reflexivo deste estudo, desenvolvemos uma análise sobre produções audiovisuais que dialogam com o material teórico da disciplina.

Na sequência, tivemos a oferta da disciplina eletiva Teorias do desenvolvimento humano, articulando momentos de explanação, dinâmica e discussões em grupo, para trazer linhas conceituais que contemplam o desenvolvimento dos sujeitos na associação e expressão das suas várias dimensões,

evidenciando a importância de um olhar integral aos processos e seus indivíduos. A atividade fixada para esta eletiva, culminou na aplicação do ‘Pentáculo do Bem-estar’ junto aos nossos estudantes no retorno das aulas, mapeando e fazendo uma análise das informações coletadas por meio dele, sobre questões que influem no desenvolvimento dos sujeitos.

Encerrando as propostas das eletivas, cursamos a disciplina Epistemologia e Educação Física Escolar, refletindo sobre a natureza dos entendimentos que perpassam a Educação Física, dimensionando-os fora do campo de uma suposta neutralidade. Costuramos este estudo com a realização de uma produção textual coletiva, articulando as ideias presentes nos textos escritos pelos autores Fernando de Azevedo e Inezil Penna Marinho, abordando os temas ciência, Educação Física, metodologia de ensino e aprendizagem escolar.

No mês de fevereiro do primeiro semestre de 2022, iniciamos a disciplina Educação Física no Ensino Médio que nos trouxe uma oportunidade muito rica para os nossos estudos no mestrado. Essa disciplina foi específica para os mestrandos que definiram como linha de pesquisa o Ensino Médio. Dentro desta segunda edição do ProEF, na instituição de ensino UNESP – Bauru, poucos ingressos optaram por desenvolver suas pesquisas nessa linha. Sendo assim, foi articulado um movimento em parceria com outras instituições credenciadas ao programa, a nível nacional, que também apresentavam poucos inscritos, nos agrupando para o trabalho nesta disciplina.

Me foi possibilitado ampliar ainda mais minhas percepções sobre a Educação Física, me reconhecendo e me fortalecendo com as narrativas compartilhadas e vivenciadas em contextos diversos aos meus, assinaladas pelo fator espaço, ora carregadas de desafios e limitações, ora empoderadas de superação e transformação das situações e contextos vivenciados. As trocas se deram com professores e professoras de outras cidades do interior do estado de São Paulo e dos estados de Mato Grosso e de Rondônia.

Finalizando o programa de disciplinas ofertadas para serem cursadas neste programa de pós-graduação, chegamos ao tema Educação, Educação Física e Inclusão, provocando em nós por meio de suas propostas, uma sensibilização

embasada pelo estudo da teoria, nos dando suporte para a realização de ações que contemplem o tema da inclusão em nossa atuação docente.

Foi marcante assistir ao filme “Vermelho como o céu”⁹, dinamizado por uma das atividades solicitadas. A condição de cegueira do protagonista Mirco, inspiração para a construção deste longa metragem, revela inúmeras fragilidades que a educação daquela época, década de 70 na sociedade italiana, já apresentava no tocante à inclusão, porém, que não se refere única e exclusivamente à condição da deficiência visual. Nos vemos refletidos em dinâmicas e valores que, infelizmente, ainda estão presentes em nossa educação, como o peso dos estereótipos e do preconceito a gerir nossas relações.

Para o cumprimento das demandas do programa de mestrado referente às Atividades Complementares, busquei na participação em congressos – como ouvinte, e na realização de cursos, bagagem para ampliar a formação ofertada pela pós-graduação, fomentando o desejo de aprimorar a minha práxis junto aos estudantes do ensino médio nas aulas de Educação Física, e delinear caminhos para o desenvolvimento da pesquisa.

Irei destacar uma ação específica vivenciada no transcorrer do mestrado, revertida como créditos para as Atividades Complementares que foi a participação no Estágio Docência, sob a orientação da profa. Andresa Ugaya. Acompanhei os desafios e as superações de se continuar os estudos no nível da graduação por meio de aulas síncronas *online*, intervindo em alguns momentos na regência delas.

As disciplinas em questão foram “Dança” e “Práticas Formativas”, estudos que conjugam dimensões práticas e relacionais muito latentes, e necessitaram se reformar para atender as configurações de uma nova organização na educação frente ao contexto pandêmico. Minhas considerações por meio da observação desta nova dinâmica, são as de que é preciso reformar não apenas as bases metodológicas, mas

⁹ Vermelho como o céu. Filme italiano. Gênero: Drama. Duração: 96 min. Lançamento: 2006 (Brasil). Direção: Cristiano Bortone. Distribuidora: Califórnia Filmes. Disponível em: <https://cinemahistoriaeducacao.com/cinema-e-pedagogia/vermelho-como-o-ceu/>. Acesso em 15 out. 2023.

também o nosso olhar para com esse acontecer e com aqueles que estão nesse acontecer.

A profa. Andresa, em seus apontamentos e ponderações nas aulas, não deixou escapar essa vigília, para que a aspereza da situação já posta - as consequências da pandemia (físicas, emocionais, psicológicas), o distanciamento social e as mediações pelas ferramentas digitais, na qual uma linha muito tênue nos separa do embrutecimento das relações, ou então, a penalização petrificante e empobrecedora frente ao contexto, pesasse para qualquer um dos lados, tentando sempre trazer equilíbrio para as novas formas de relação, que tem como centro o humano, o ser.

Tive a oportunidade, como pontuei acima, de estar na regência de alguns encontros com a turma, sob o olhar acolhedor e amoroso da profa. Andresa, estudando, pesquisando e organizando alguns materiais para compartilhar com os estudantes, no objetivo de contribuir com a formação deles. Esse movimento mobilizou em mim esforços na realização dessa ação que me auxiliaram na coleta bibliográfica para uma linha a ser traçada no desenvolvimento do projeto da pesquisa.

Também convidei a professora Eleni, minha amiga e mestra do grupo Corpos Brincantes para conversar sobre o Coco de roda com a turma, trazendo a narrativa da sua vivência enquanto dançarina e professora, bem como as contribuições oriundas da sua pesquisa de doutorado sobre a Dona Selma do Coco. A Eleni tem uma palavra que ecoa em nosso íntimo, por expressar a sua verdade de mulher preta, a sua resistência diante das injustiças sociais que nos assolam e a sua generosidade, fruto do saber que costura a sua vida.

Depois de toda uma jornada *online*, alternando momentos síncronos e assíncronos, aconteceu o nosso primeiro encontro presencial, no dia seis de maio de 2022. Estávamos em número reduzido de mestrandos, e pegamos uma 'carona' no encontro presencial de acolhimento da Turma III do ProEF. Tal qual o alimento orgânico nutre o corpo físico, esse encontro nutriu a minha alma. Foi tão potente, tão belo e tão especial que as palavras não deram conta de expressar, deixei-me apenas sentir e isso foi tanto! Estar na educação do nosso país é desafiador e desgastante. Por isso, encontrar ecos nos fortalece nessa busca e amplia a nossa rede de

resistência. Nos despedimos na expectativa de um próximo encontro, fomentando em nosso íntimo esse desejo.

Quero afirmar o quanto o conhecimento construído, reformado e aprimorado neste programa de mestrado sobre a Educação Física escolar, impacta a minha prática docente, reverberando em propostas para os estudantes, posturas e escolhas que procuram contribuir para uma educação de sentido e significado, a mim e a eles, no movimento constante de lapidação das bases que sustentam o meu fazer docente. Nesses dois anos de curso, desenvolvi ações em parceria com outros professores e professoras, promovendo um diálogo entre as áreas do conhecimento, destacando e reconhecendo o protagonismo das mulheres em diversas frentes – Projeto Mulheres Extraordinárias.

Faço parte de um grupo de dança que estuda e desenvolve a dança do Coco de roda e danças de matriz africana e afro-brasileira chamado Corpos Brincantes. Realizamos apresentações em eventos culturais da cidade e região, nas escolas de Itapetininga, levando conhecimento sobre essas expressões e manifestações dançadas, combatendo estereótipos e preconceitos sobre elas. Em novembro de 2021 realizamos uma apresentação aos estudantes da escola onde trabalho, contextualizando a data do Dia da Consciência Negra, com dança, debate e reflexão sobre racismo, preconceito, desigualdades, privilégios da branquitude, temas estes que impactam as relações étnico-raciais em nossa sociedade.

No primeiro semestre de 2022, junto à profa. Fernanda que leciona a disciplina de Física aos estudantes, desenvolvemos a DE ‘O tupi que a gente vive’, a qual buscou trabalhar os saberes das culturas indígenas e que, em certa medida, inspirou o processo de elaboração da DE ‘Festejar o Brasil’.

Em abril de 2022, tive a oportunidade participar no SESC Sorocaba, cidade vizinha a Itapetininga aqui no interior de São Paulo, de uma oficina de colar indígena, ministrada por indígenas da tribo Desana que estudam no Centro de Convivência Indígena da UFSCar São Carlos em Sorocaba, aprimorando o trabalho que já vinha sendo desenvolvido pela DE ‘O tupi que a gente vive’ e nos sensibilizando como sujeitos em constante formação.

Em setembro de 2022, tive a oportunidade de prestigiar, também no SESC Sorocaba, o show do grupo pernambucano Coco Raízes de Arcoverde e a alegria de partilhar esse momento junto aos integrantes do grupo Corpos Brincantes e da querida profa. Andresa Ugaya.

No carnaval de 2023, pude apreciar a beleza e o encanto do desfile das escolas de samba do grupo especial da cidade de São Paulo, uma experiência singular em minha vida. Todas essas ações me alimentaram como professora, pesquisadora e sujeito no mundo.

Por fim, finalizo a narrativa desse quinto encontro com a certeza de que todas as particularidades dessa trajetória não foram aqui contempladas, porém, tais registros trazem os afetos que me perpassam ao longo desta jornada. Ainda há muito o que caminhar e, que alegria deste ponto do caminho contemplar a estrada: a gratidão pelo trecho que já se foi e o encantamento do trecho que está por vir!

O ingresso na pós-graduação no programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, trouxe para a colcha de retalhos da minha vida, a costura de vários tecidos que fui recolhendo ao longo da caminhada e que, neste momento, preenchem de sentido espaços antes vazios e, ressignificam outras partes já costuradas, colaborando para a ampliação dessa colcha.

Tais pedaços de tecidos são as minhas memórias e revelam as minhas escolhas como sujeito-autora desta narrativa dentro dos contextos em que foram vivenciadas. Essas lembranças ilustram a correspondência feita entre o fato, a realidade e as representações estruturadas ao longo do percurso (Proença, 2021).

2.6 Sexto Encontro – A parceria com o professor Claudemir

No ano de 2021 a instituição estadual onde atuo no município de Itapetininga, a escola DBJ, aderiu ao Programa Ensino Integral da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Diante desta nova configuração, houve o remanejamento de

docentes para outras unidades escolares e o ingresso de novos para atender as escolhas feitas por cada servidor e a organização escolar agora vigente.

Foi nessa reestruturação da escola que o professor Claudemir passou a integrar o corpo docente da equipe, ministrando aulas de biologia aos estudantes do ensino médio.

Já havia trabalhado com ele no ano de 2013, em uma escola estadual no município de Campina do Monte Alegre. Dividimos algumas caronas para o trabalho e, no trajeto de aproximadamente cinquenta minutos de viagem, íamos conversando sobre vários assuntos. Guardo na memória uma das conversas que tivemos sobre religião.

O professor Claudemir é Babalorixá, um sacerdote das religiões afro-brasileiras, consagrado na Umbanda e raspado no Candomblé. Paralelamente atua em ambos, concomitantemente. Na ocasião, ele compartilhava alguns apontamentos sobre o candomblé e a umbanda. Em um dos momentos da sua fala, ele me disse algo que me recordo até os dias de hoje: “o homem permanece no escuro até o momento em que ele acende a luz”. Refletindo sobre essas palavras no contexto da nossa conversa, ele referia-se ao conhecimento que as pessoas devem buscar sobre as religiões afro-brasileiras, tão cercadas de preconceitos e estigmas, fruto da nossa construção social alicerçada nas bases do racismo.

A oportunidade de trabalharmos juntos novamente estreitou os nossos laços de amizade e deu continuidade às nossas conversas, reflexões e ações no ambiente escolar, onde partilhamos e sustentamos os ideais de uma educação democrática e para a diversidade, com base nas relações étnico-raciais.

A autora Franco (2022, p. 19) dá voz a esses nossos desejos educacionais quando nos diz que:

a escola deve articular-se para a organização de um projeto educativo, com práticas pedagógicas que permitam a emancipação dos sujeitos, desmascarando projetos de dominação cultural que, travestidos de naturalidade e neutralidade, impedem a plena vivência dos direitos fundamentais e produzem uma leitura única do mundo. Os diferentes lugares de fala precisam estar presentes, renovando e recriando subjetividades coletivas.

Concebemos à docência como práxis que deve dar suporte a uma escola de efetivo espaço para o acolhimento dos estudantes, ao propor e oportunizar trabalhos que evidenciem e fortaleçam a diversidade, premissa presente em nossas culturas populares, reconhecendo o legado africano e afro-brasileiro, e o legado indígena em nossa construção histórica, cultural e social.

Afirma Paro (2014, p. 25) que somos sujeitos históricos. Nessa perspectiva, quando pensamos na cultura como algo a ser apreendido pelos estudantes em seu processo de formação, processo que ele chama de “atualização histórico-cultural”, expandimos suas referências, ampliando qualitativamente os conteúdos a serem ensinados.

Foi buscando contribuir para com os desafios e problemáticas nesse cenário da Educação que escolhemos – professor Claudemir e eu – celebrar o nosso reencontro pelos caminhos das culturas populares. Fiz o convite para que ele fosse meu parceiro na elaboração e desenvolvimento de uma DE que seria ofertada aos estudantes da 1ª a 3ª séries do ensino médio, lócus escolhido dentro da estruturação desta pesquisa para ela ser realizada. E ele, com a generosidade que lhe é característica, compartilhando o saber que agrega, para a minha imensa alegria, aceitou prontamente o convite. E assim inicia-se a nossa parceria na DE ‘Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país’.

2.7 A potencialidade dos encontros

Tenho comigo que a vida é marcada por encontros. Estar a caminhar é viver a dinâmica do ir e vir, entrecruzando olhares, partilhando sonhos, construindo vivências nesse espaço de coletividade que, tendo eu consciência ou não, irão me afetar como ser neste mundo. Ao observar o tecer desses encontros, coloco-me a refletir sobre a

construção de um diálogo que é permeado pelo afeto, pelo encantamento, pela beleza e pelo empoderamento das relações que nos trazem conhecimento.

Encontros podem definir rumos para os caminhos, trazer discernimento e assertividade às nossas escolhas, nos encorajar diante dos desafios e nos alimentar com encanto. Encontros também podem nos decepcionar, trazer perspectivas que nos frustram e nos façam ressignificar os passos, processo esse que também faz parte da sua essência. Em ambos os contextos, protagonizamos possibilidades que concorrem para o nosso desenvolvimento, ampliando e potencializando nossas percepções e compreensões de nós, do outro e do mundo à nossa volta, por meio das experiências significadas e ressignificadas nos encontros.

As páginas a seguir festejam e dançam, destacando com beleza e encanto, a caminhada, os encontros, as vivências e experiências das histórias e narrativas, de uma dupla de professores junto aos seus estudantes que se entregaram a proposta de conhecer e reconhecer o Brasil por meio das suas celebrações populares.

Daqui da escola DBJ, partimos na DE 'Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país', em busca de uma desconhecida brasilidade, viajando para lugares que nos trouxeram conhecimento, pertencimento, empoderamento, diversidade e muita alegria! O grande legado de toda esta experiência, é o de que a nossa escola abriu seus portões, seus espaços, o currículo, as mentes e os corações para acolher e valorizar as culturas populares, construindo caminhos nos quais ecoam as vozes da pluralidade, da diversidade, da educação antirracista, do encantamento, do acolhimento. Não podemos mais voltar atrás, e sim, somente seguir em frente e encorpar nossas vozes fortalecendo o coro.

Venham conosco se contagiar com a energia da expressão cultural do Frevo!

Venham conosco brincar boi na Festa do Bumba-meu-boi!

Venham conosco celebrar o Natal na Festa da Folia de Reis!

Que sejamos todos brincantes nesta viagem pelas festas das culturas populares brasileiras, reconhecendo seu legado e sua potência. Sejam bem-vindos a bordo, a viagem está prestes a começar!

Vamos festejar o Brasil?

3. O CONVITE PARA FESTEJAR O BRASIL

Olhe bem e com cuidado, porque aqui está uma gente muito nossa, mas uma gente que vem de tão longe, que às vezes parece que nem existe mais (Brandão *apud* Dumont, 2005, p. 5).

O desejo de realizar esta pesquisa, cujo tema está atrelado ao pluriverso potencialmente educativo das culturas populares, caracterizado pela heterogeneidade de suas atividades e imensa riqueza das suas expressões culturais (Côrtes, 2000), traz concepções, princípios e valores que orientam minha práxis pedagógica, a qual está diretamente relacionada aos encontros que marcam minhas vivências e experiências pessoais, acadêmicas e profissionais.

Diante de um sistema educacional que tem a escola como um dos seus principais aparelhos ideológicos, regulando e controlando as massas, formando mão de obra barata e desqualificada para o trabalho nas indústrias (Franco, 2022), tenho o compromisso de pensar e fazer a educação com base em outras perspectivas que privilegiem as relações humanizadoras e não mercadológicas.

O autor Demo (2008) traz apontamentos sobre as políticas educacionais em nosso país e evidencia o despreparo dos gestores do poder público, ao propor ações e articulações que engajem apenas numericamente os índices da educação, acreditando que somente tais medidas possam dar conta de gerir os desafios e a complexidade da educação em um país delineado por uma imensa desigualdade social.

Os impactos desses direcionamentos verticalizados das esferas públicas, deixam de lado reflexões e discussões importantíssimas, como por exemplo, uma reestruturação do currículo escolar que acolha os saberes, as festas, as expressões e as manifestações das culturas populares. Essas leituras e interpretações sobre a escola, colaboram para a configuração dela em uma instituição social que reproduz os ideais do sistema neoliberal, atrelando os objetivos da educação unicamente para garantir o aumento da renda dos sujeitos (Demo, 2008).

Nas palavras da autora Franco (2022, p. 3), para a escola:

o tempo atual se torna mais cruel quando se organiza em torno da lógica neoliberal, nos contornos da supremacia do mercado financeiro e em detrimento das perspectivas humanistas e de valores de solidariedade e participação do sujeito nos rumos da sociedade em que vive.

Ainda com o entendimento voltado para a estruturação e articulação da educação em nossa sociedade, somos elucidados pelas reflexões de Ferreira (2019) quanto às compreensões sobre o currículo, que se configura como um documento de competência e sistematização das esferas públicas a nível federal, estadual e municipal, que pontuam as diretrizes para o desenvolvimento do planejamento das práticas educativas nas escolas. A autora nos diz que o currículo:

ao organizar o conhecimento por meio do sistema educacional é um meio de não apenas influenciar na definição do que se considera a cultura legítima a ser enfatizada, como também de produzir efeitos em toda a estrutura econômica e social (p. 65).

Contrapondo-se à formação de sujeitos restrita a interesses econômicos, trago para refletirmos a ideia do autor Paro (2014) sobre a concepção histórica que nos faz compreender os processos que se sucederam ao longo do desenvolvimento da humanidade, como produção cultural humana. Logo, ao nos relacionarmos mediados pela dinâmica da educação, se faz imprescindível reconhecer docentes e estudantes como sujeitos históricos pela ação humana de fazer cultura.

Em primeiro lugar, a preocupação da educação tomada num sentido rigoroso é com o homem na integralidade de sua condição histórica, não se restringindo a fins parciais de preparação para o trabalho, para ter sucesso em exames ou para qualquer aspecto restrito da vida das pessoas. Em segundo lugar, e em consequência disso, seu conteúdo é a própria cultura humana em sua inteireza, como produção histórica do homem, não se

bastando nos conhecimentos e informações, como costuma fazer a educação tradicional (Paro, 2014, p. 26).

Assim, cunhar espaços para o trabalho com as festas, expressões dos ciclos festivos das culturas populares na escola – produção cultural dos sujeitos, traduz-se, nas palavras de Costa Silva (2008, p. 9), onde:

a partir da cultura popular, é possível pensar um outro país, uma ou várias alternativas de Brasil. Isto porque a cultura popular brasileira é um estoque inesgotável de conhecimentos, sabedorias, tecnologias, maneiras de fazer, pensar e ver nossas relações sociais e, nessa exata medida, um lugar em que mais do que simplesmente criticar o modelo genocida e autodestrutivo, é possível resistir a ele com outras propostas de sentido do viver e de humanidade.

Escolher desenvolver uma DE cujo tema são os ciclos festivos das culturas populares do Brasil, expressa o reconhecimento que se quer trazer a esses saberes que em sua grande maioria foram silenciados e invisibilizados ao longo da história do nosso país e da educação e, dessa forma, construir espaços dentro da dinâmica escolar à presença desse legado de forma contextualizada e significativa.

Só depois de nos despir dos entulhos de mais de 500 anos de vigência de noções hierárquicas e desiguais será menos absurdo pensar também a possibilidade de uma outra escola, de uma outra maneira de ensinar e, sobretudo, de ensinar outras coisas. Recusar a subalternidade da cultura popular é, portanto, ser capaz também de conceber o mestre, o local/nacional no processo de ensino nas escolas e nas universidades (Costa Silva, 2008, p. 9).

Desenvolver uma proposta de trabalho com as culturas populares na escola, nos conduz na contramão de uma práxis educativa sob os princípios do “racismo epistêmico” (Ferreira, 2021, p.74), contribuindo com o movimento de afirmar espaços aos afro-brasileiros/africanos e indígenas na formação acadêmica dos estudantes,

referenciados pelos saberes construídos por esses grupos, na interação com a nossa subjetividade e integralidade humana.

A ideia do racismo epistêmico está diretamente relacionada à recusa de toda e qualquer produção justificada através de um pensamento nos âmbitos: cultural, social, filosófico, histórico e científico que não privilegie a hegemonia do pensamento ocidental. Para isto, são criados vários sistemas de verificação e organização do pensamento de acordo com valores de colonialidade (Ferreira, 2021, p. 74).

A busca por esse reconhecimento, encontra embasamento e suporte na Lei 10.639 (Brasil, 2003) que incluiu o artigo 26-A a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, nº 9.394/96 (Brasil, 1996), instituindo a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, e o 79-B que institui no calendário escolar o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

Esse marco na educação nacional foi conquistado com a mobilização e a articulação de segmentos dos campos social, político, intelectual, que assumiram o compromisso de fazer da educação um espaço de acolhimento as diversas perspectivas formadoras presentes na história do Brasil, tendo forte atuação do movimento negro nas negociações e estratégias que trazem continuidade, agora de forma mais institucionalizada, à ações voltadas para uma política antirracista que possa trazer novos rumos à educação brasileira (Machado, 2019a).

A Lei nº 10.639 (Brasil, 2003), segundo Machado (2019a, p. 61), traz “valorização e reconhecimento da diversidade cultural permeada de valores éticos e estéticos oriundos de encontros entre culturas indígenas, africanas e europeias que perpassam toda a constituição sociocultural do nosso país.” Ela materializa uma porta de entrada oficial na escola para que as festas, manifestações e expressões das culturas populares, comuniquem seus saberes, convidando os estudantes a um diálogo mediado pela diversidade que nos compõem.

Dialogar foi uma ação que costurou todo o desenvolvimento desta pesquisa, articulando o campo dos conhecimentos que embasam as vivências e experiências

que impactaram os participantes diretos deste processo professora/professor-estudantes.

O diálogo promoveu a horizontalidade necessária a um trabalho com a educação pelas relações étnico-raciais na educação, assegurando afeto e respeito na comunicação entre os envolvidos, frente às mais diversas situações com as quais nos deparamos na realização das propostas da DE e da pesquisa.

Freire (1967) nos traz reflexões sobre o diálogo enquanto uma metodologia participativa e crítica para a educação, pontuando que:

[...] quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (p.107).

A autora Santos (2001) também contribui com o nosso entendimento sobre a importância do diálogo em processos de educação comprometidos com a democracia e a valorização da diversidade por meio da cultura, evidenciando que:

o diálogo deixa de ser um meio para se conhecer uma cultura para se tornar o *lugar* onde o mundo é co-produzido, devendo se superar por isso toda ditadura da linguagem, toda *monolingagem*, para assumir a *polissemia*, na qual cada indivíduo, cada grupo, pode negociar, reconstruir e reinventar continuamente a representação de si mesmo e do mundo circundante (p. 102).

Vindo ao encontro de uma efetivação do trabalho com a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, temos o aporte do documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Ela destina-se a todos aqueles que atuam em papéis ligados diretamente a educação em nosso país, sensibilizando-os bem como os embasando, para o

compromisso que lhes é de responsabilidade: um trabalho com as relações étnico-raciais na escola, buscando superar relações opressoras, de injustiça e negligenciadas para com, não apenas, o povo negro que compõem a nossa sociedade mais especificadamente.

A DCN para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004, p. 6) nos evidenciam que:

para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários.

A Lei nº 11.645 (Brasil, 2008) incluiu a obrigatoriedade do ensino da história e culturas dos povos indígenas nas instituições públicas e privadas, devendo ser desenvolvida nas esferas do ensino fundamental e médio. Por meio dessa ação, evidencia-se o compromisso da instância federal no desenvolvimento de políticas públicas que, no âmbito da educação, possam contribuir para a efetivação de transformações a partir da educação das relações étnico-raciais.

Com isso, traz por objetivo a promoção do respeito e da valorização da diversidade dos povos indígenas que contribuíram para a formação do nosso Brasil e que, por muito tempo, foram excluídos, diminuídos e invisibilizados em nossa sociedade.

O artigo 3º, em seu parágrafo § 1º da DCN (Brasil, 2004) traz a seguinte redação para uma melhor compreensão do que seja um trabalho na área da educação das relações étnico-raciais:

tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira (p. 20).

O desenvolvimento de um trabalho pedagógico sob a perspectiva das sociedades enquanto expressões da diversidade cultural, requer de professores(as) e pesquisadores(as), consciência e sensibilização para reconhecer as tensas relações étnico-raciais presentes no cotidiano escolar, porém, não limitando a nossa diversidade apenas aos aspectos sociais, econômicos e culturais.

Partimos ainda da premissa de que o racismo herdado do colonialismo se manifesta explicitamente – e com mais furor – a partir de características físicas, mas não apenas aí. A discriminação também se estabelece a partir da inferiorização dos bens simbólicos daqueles a quem o colonialismo tenta submeter: crenças, danças, comidas, visões de mundo, formas de celebrar a vida, enterrar os mortos e educar as crianças (Lopes; Simas, 2021, p.16).

A sociedade brasileira projeta-se como branca e, é importante para a construção e validade dessas ações, admitirmos tal situação, combatendo o mito da democracia racial que mascara as nossas relações e invisibiliza o preconceito e o racismo estruturados em nossa formação social (Silva, 2011).

Esta pesquisa, ao trazer o campo das relações étnico-raciais para ser refletido e exercitado na dinâmica escolar, evidencia outras referências para a condução das ações docentes, superando características de objetividade e universalismo pautadas em um pensamento eurocêntrico, hegemônico, elitista e monocultural.

É um estudo que busca refletir sobre questões que têm sua origem nas diferenças de “[...] classe social, de condições e de experiências de vida, de escolhas identitárias, de lutas por reconhecimento e direitos de diferentes grupos atuantes na sociedade, ainda que sua atuação seja por tal sociedade tida como sem mérito” (Silva, 2005, p. 27).

Apoiada na ideia de Mattos e Monteiro (2021), pela definição que reverbera uma prática pedagógica orientada por um currículo insurgente, encontramos o reconhecimento, a visibilidade e a valorização de culturas inferiorizadas em nossa sociedade, como a africana, afro-brasileira e indígena em um trabalho pautado pelas relações étnico-raciais na escola. Dessa forma,

dar significado e importância aos conteúdos históricos concretos invisibilizados pelas memórias dominantes, à posituação de práticas não codificáveis pelas linguagens convencionais, às sociabilidades não hegemônicas e às múltiplas temporalidades do viver cotidiano pode aproximar os currículos da realidade dos grupos populacionais, historicamente subalternizados, público majoritário nas escolas públicas. (Mattos; Monteiro, 2021, p. 3).

É neste cenário educacional que a DE 'Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país' se desenha, sendo perpassada por esses apelos e angústias presentes na realidade educacional do nosso país. Com este trabalho encontramos espaços e caminhos possíveis para que a construção de uma educação que acolha as culturas de forma a não as hierarquizar, possa ser construída dentro das escolas, afirmando outros modelos de educação ao encontro da diversidade, em um diálogo que tem por base o conhecimento, o respeito, o afeto e o reconhecimento ao outro como parte de um mesmo universo.

Novamente, recorrendo às ideias de Mattos e Monteiro (2021, p. 5):

os estudos culturais também contribuíram substancialmente para a crítica ao currículo oficial de educação. Não há cultura sem um povo, e o lugar dessas culturas, nesse contexto, deve ser a escola. Os estudos culturais promovem a crítica necessária ao currículo, desestabilizando o que antes era definido como padrão de educação e propondo outro olhar para a cultura popular. Portanto, a partir da crítica aos conteúdos hegemônicos que postularam os currículos de educação, os teóricos da pedagogia crítica abrem outras janelas para o conhecimento, respeitando a diversidade e promovendo equidade.

A contribuição dos estudos culturais também nos revela uma dimensão do currículo como espaço de representação que se dá a partir das relações de poder instituída entre os grupos sociais. Os significados alcançados por essas representações curriculares servem para mediar as relações em sociedade, dando sentido a elas e são usados como parâmetros para existirmos e realizarmos tais interações (Silva, 2017).

Significados são criados e postos em circulação pelas relações sociais de poder, livres de qualquer ingenuidade ou desinteresse. Portanto, repensar o currículo vigente em nossa educação, sob a perspectiva insurgente, se faz imprescindível diante de marcadores sociais como o preconceito e o racismo tão presentes em nossas relações, e que, infelizmente, muitas vezes são reforçados pela escola no desenvolvimento de suas ações. O currículo não reconhece, ou reconhece de maneira muito empobrecida, as expressões das culturas populares, o que corrobora para uma manutenção das relações de poder.

As imagens, as narrativas, as histórias, as categorias, as concepções, as culturas dos diferentes grupos sociais – e sobre os diferentes grupos sociais – estão representadas no currículo de acordo com as relações de poder entre esses grupos sociais. Essas representações, por sua vez, criam e reforçam relações de poder entre eles. As representações são tanto o efeito, o produto e o resultado de relações de poder e identidades sociais quanto seus determinantes (Silva, 2017, p. 194).

Convidando-nos a refletir sobre uma educação que não traz em sua base um currículo insurgente, o autor Paro (2014) destaca para o espaço escolar a sua “natureza pouco ambiciosa” em relação aos objetivos que se propõe a alcançar voltados à formação crítica dos sujeitos. A escola limita-se a ser mero veículo transmissor de conhecimentos e informações, abrindo mão “[...] de uma educação que provê as necessidades culturais da personalidade do ser humano numa perspectiva de integralidade [...]” (p. 53).

E, denunciando ainda mais essa escola que promove uma ruptura entre a formação dos estudantes e o viver, muitas vezes sendo totalmente alienante e

desconexa da dinâmica da vida, encontramos em Ferreira (2021, p. 82) os seguintes apontamentos:

a escola se distancia do seu propósito de ser uma unidade polinizadora do conhecer, do saber, da mediação de ensinagens a partir do auto referencial e das possibilidades de atravessamento de conhecimentos que voam pelos céus do mundo. A escola deveria possibilitar conexão, reconexão e problematização da vida. Não o oposto.

Sendo assim, o plano da DE foi redigido sob perspectivas que conclamam ao espaço escolar outras estéticas, delineando um Brasil com diversos saberes que dão sabores e sentidos aos mais diferentes cenários configurados neste país. Está explícito um convite nesta disciplina, que é o de fazer emergir outras perspectivas para com a realidade, apresentando-a de forma plural e polifônica.

Ilustrando com as palavras de Trindade (2000, p. 16), a eletiva concebe a práxis pedagógica numa perspectiva:

[...] política, ideológica e humanamente comprometida com nosso povo mestiço, belo, forte, que luta, que surpreende, que ri, que chora, que cria cotidianamente saberes e estratégias práticas que possibilitem viver/sobreviver, num tempo em que a exclusão social é vista como um valor positivo e como inevitável.

A escolha pelo tema dos ciclos festivos brasileiros, suas festas e expressões, revela o reconhecimento que se quer trazer aos saberes produzidos pelas culturas populares, conquistando espaço para que eles estejam presentes de forma contextualizada e significativa nas práticas escolares.

Embasada pelas reflexões desencadeadas com as ideias expostas acima, fizemos o convite aos estudantes do ensino médio da escola DBJ para vivenciarmos as culturas populares. Desafiadoramente, também fizemos um convite à área da Educação como um todo para partilhar possibilidades de trazermos as culturas

populares para o chão da escola, inspirando, motivando e fortalecendo ações dentro desse pluriverso que é desconhecido e desqualificado, tanto pela escola, como pelo meio acadêmico (Trindade, 2000).

O convite feito no Feirão das Eletivas é apresentado na narrativa que segue abaixo.

3.1 Feirão das Eletivas

Ao ingressarmos no segundo semestre de 2022, chegou o momento de dar vida às ideias que dançavam em nossas mentes e que desenharam os contornos da proposta da DE com descobertas, desafios, superações, empoderamentos e encantos.

A ideia que alimenta as nossas buscas e escolhas para com o desenvolvimento desse trabalho e, conseqüentemente, o revelar-se da pesquisa, está ao encontro de uma realidade escolar fruída, uma educação que, urgentemente, necessita trazer e acolher outras perspectivas sobre a relação do conhecimento para a validação da diversidade. Tal trabalho deve dar-se sob as bases de uma educação antirracista, reconhecendo saberes e práticas de grupos na formação do povo brasileiro que foram silenciados e invisibilizados em suas contribuições – expressões e manifestações.

O Brasil é uma imensa nação cujas características principais não se reduzem às desigualdades socioeconômicas. É um país marcado, também, pela diversidade cultural e racial. Não podemos, portanto, desconsiderar a interferência das diferenças étnico-raciais nas condições de vida e história do povo brasileiro (GOMES, 2001, p. 85).

Queremos oportunizar aos estudantes do ensino médio da escola DBJ, um encontro com outras/novas realidades, com o objetivo de sensibilizá-los para diferentes formas de perceber, por meio do exercício da vivência e da promoção de

diálogos entre os conhecimentos das culturas populares, circunscritos em outros tempos e espaços do Brasil, com o nosso lugar de fala, nas intersecções social, emocional, espiritual, cultural, acadêmica.

As percepções dos impactos desses encontros estarão nas narrativas deste trabalho que busca mapear sob o critério da qualidade, as falas e percepções que serão geradas a partir desses encontros.

Nossa educação, tal qual a sociedade brasileira, está estruturada sob verdades únicas e absolutas que empobrecem a dinâmica polifônica da condição humana, por ser incapaz de acolher com reconhecimento e valorização, as vozes múltiplas e diversas dos sujeitos com os quais nos relacionamos.

Educar dentro dessa perspectiva de uma “história única”, como nos alerta Adichie (2019), é um princípio que impede a entrada das manifestações das culturas populares no currículo escolar e no fazer gerado em seu cotidiano – no caso desta pesquisa a expressão das danças das culturas populares, silenciando a contribuição de seus saberes no processo de formação dos sujeitos brasileiros. A autora Machado (2019a, p. 74) destaca em seus apontamentos a importância de que:

conhecer outras histórias, reconhecer a história daqueles que nos formaram, que marcaram tão fortemente nossa cultura, permite-nos sair de uma história que se deseja única, monocultural, oriunda de uma cultura que se põe como superior, universal, única.

As palavras de Brandão (2012) também costuram essa proposta de trabalho com os ciclos festivos na escola, reconhecendo nas expressões e manifestações das culturas populares, a articulação de princípios e valores que ascendem a ideia de uma educação popular e que anseiam por encontrar espaço entre os bancos escolares, ao pontuar que:

[...] o pensamento do educador não raro se esquece de ver a educação no seu contexto cotidiano, no interior de sua morada: a cultura – o lugar social das ideias, códigos e práticas de produção e reinvenção de vários nomes,

níveis e faces que o saber possui. Ora, pensar sobre a educação popular obriga a uma revisão do sentido da própria educação. [...] entre aqueles que a pensam de modo mais motivado, a educação popular parece não só existir fora da escola e à margem, portanto de uma “educação escolar”, de um “sistema de educação”, ou mesmo “da educação”, como também parece resistir a tudo isso (p. 14).

Após quinze dias de férias gozados em julho, retornamos com as aulas no dia vinte e seis, uma terça-feira do mesmo mês. Antes da escolha das disciplinas Eletivas pelos estudantes, é realizado um trabalho de orientação e conscientização deles sobre esse processo. Essa ação aconteceu no horário das aulas da Eletiva, já fixos no quadro de aulas (todas as quintas-feiras, nas segunda e terceira aula), e teve a duração de um mês da data do início dos trabalhos específicos de cada Eletiva.

A dupla, prof. Claudemir e eu, já estava atuando como parceiros nesse momento preparatório à escolha dos estudantes. Esse período também foi importante para que eles conhecessem as parcerias que se firmavam para aquele novo semestre entre os docentes nas novas disciplinas eletivas.

Havia muita curiosidade em saber o tema e os assuntos a serem abordados pela nossa DE. As turmas sabem do meu envolvimento, afeto e trabalho para com a dança, assinalado em nossas aulas de Educação Física e em outros momentos oportunizados pela escola, como no encerramento de ações e projetos interdisciplinares, onde participei me apresentando com o grupo Corpos Brincantes e, até mesmo em apresentações em eventos da cidade nos quais nos encontramos.

Já havia pontuado em breves falas aos estudantes as ideias que se desenhavam para o trabalho junto ao prof. Claudemir. Tê-lo como parceiro nessa proposta que se desenvolve por meio das expressões dançadas das culturas populares brasileiras, traz reflexões sobre os preconceitos e estereótipos que repousam há tempos sobre a prática da dança realizada por homens – “coisa de mulher” (Marques, 2007). Essa não será a abordagem da pesquisa em desenvolvimento, porém, vale anunciá-la enquanto possibilidade para sua superação, em virtude do peso com que esse contexto marca as práticas em dança.

Nesse período de preparação até o início das disciplinas eletivas do segundo semestre de 2022, também fomos elaborando, em nossos horários de estudo, o momento do Feirão, onde divulgamos aos estudantes as propostas temáticas a serem trabalhadas pelas duplas de professores e professoras. Essa vivência marcou um momento muito especial desse processo.

Decidimos que o espaço onde iríamos expor a DE, seria ilustrado com alguns adereços e acessórios, músicas e instrumentos, vestimentas, danças dos ciclos festivos que estávamos nos propondo a trabalhar (figuras 1, 2 e 3). Combinamos, também, que iríamos confeccionar três estandartes representando os ciclos festivos brasileiros, caracterizando-os com elementos presentes em cada um deles (figuras 4, 5 e 6).

Quero registrar neste momento do processo, a memória do entusiasmo e a alegria do prof. Claudemir, ao planejar e confeccionar uma fogueira com palitos de churrasco para ‘encantar’ o estandarte do ciclo junino. Foi um momento de descoberta, de reconhecimento e de afirmação de nossas potências e foi muito belo ver isso aflorar, florir e nos maravilhar.

Somos sempre aprendentes e descobridores de nós mesmos. Me encheu de alegria e os olhos d’água presenciar e vivenciar esses momentos. Trago para ilustrar esse momento sensível, as palavras de Machado (2019a, p. 50) que nos traz uma compreensão de educação como aquela que “provoca diálogos, trocas efetivas e afetivas, com mútuas aprendizagens, almejando e alcançando o amadurecimento da consciência, processo que acarreta mudanças no dia a dia, na existência concreta”.

Eis que chega o dia dezoito de agosto de 2022, uma quinta-feira, dia da realização do ‘Feirão das Eletivas’. As duplas de docentes ficaram alocadas em seus espaços tematizados sobre o trabalho a ser desenvolvido naquele semestre, compartilhando junto aos estudantes um pouco daquilo que se pretendia realizar em cada uma das DEs.

Nesse mesmo movimento junto a nós, também estavam a divulgação de outras eletivas: Fashion School sobre moda e customização de roupas; Primeiros Socorros abordando procedimentos referentes ao tema; Robótica trazendo princípios básicos de programação aos estudantes; A Copa do Mundo é nossa com informações sobre

um dos maiores eventos esportivos do mundo; Museu da Pessoa com referência ao trabalho desenvolvido no Museu da Pessoa e A Ciência da Gastronomia de Norte a Sul trabalhando com o universo da confeitaria.

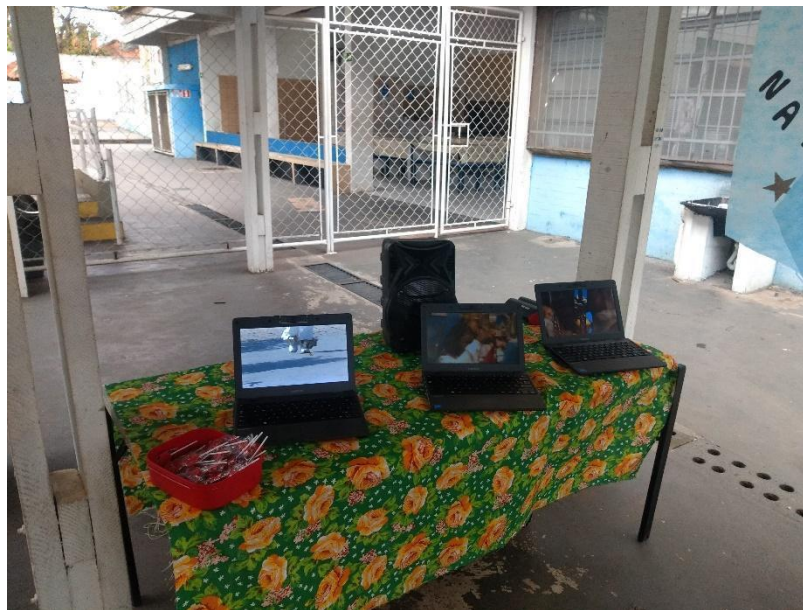
O nosso espaço era o único que tinha música. Isso também foi um diferencial e um convite para que os estudantes se sentissem curiosos para descobrir, conhecer o 'Festejar o Brasil'. Foi possível perceber alguns estudantes balançando seus corpos ao som da música com os papéis em mãos para anotar a ordem de preferência de suas eletivas. Em nossas breves explicações, notamos surpresa e interesse por este novo que ainda encontra muito pouco espaço na escola – o saber do povo. Falar sobre a festa do Boi, do Cavalo Marinho, expressões das culturas populares, desperta essa curiosidade e, ao mesmo tempo, encantamento ao contemplar a cabeça do boi feita de lantejoulas e fitas de cetim, bem como o boizinho de barro e o chapéu do Mateus e do Bastião, personagens do Cavalo Marinho.

Figura 1 – Feirão das Eletivas: elementos característicos de algumas expressões das culturas populares.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 2 – Feirão das Eletivas: notebooks com vídeos selecionados para serem exibidos aos estudantes.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 3 – Feirão das Eletivas: espaço organizado para a divulgação da DE.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 4 – Feirão das Eletivas: estandarte do ciclo carnavalesco.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 5 – Feirão das Eletivas: estandarte do ciclo junino.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 6 – Feirão das Eletivas: estandarte do ciclo natalino.



Fonte: Autora, 2022.

Sustentamos esse trabalho sobre os ciclos festivos brasileiros na escola, com base na oferta e contextualização das propostas com as manifestações e expressões das culturas populares, compreendendo a necessidade e a importância desse movimento para os diálogos polifônicos e construções inclusivas que desejamos alcançar junto aos estudantes.

As imagens acima materializam o nosso carinho e cuidado para com a organização dos materiais coletados – símbolos que nos remetem ao legado das culturas populares, para a exposição da Eletiva ‘Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país’ e, ilustram sobre os cenários das festas e danças as quais se associam. Na conversa travada com os estudantes que visitavam o nosso alegre e colorido espaço, pontuamos mais informações sobre os materiais – símbolos ali presentes, abordando um pouco do significado deles para os seus contextos festivos.

Sobre os símbolos e, corroborando com os ideais que estruturam a base das nossas propostas para com o trabalho na disciplina eletiva, o autor Arantes (2012, p. 36), pontua em sua obra que:

em lugar de tomar esses símbolos abstratamente, como se eles estivessem vagando no vazio, convém, para os nossos propósitos, interpretá-los como produtos de homens reais, que articulam, em situações particulares, pontos de vista a respeito de problemas colocados pela estrutura de sua sociedade.

Professor Claudemir e eu, conforme figura 7 e 8, estávamos utilizando vestimentas inspirados nos brincantes do Coco – saia rodada e florida, calça branca com detalhe de pano sobre a cintura do mesmo tecido florido da saia, blusa de babado branca, flor no cabelo, bata branca, chapéu de palha – para receber os estudantes e divulgar a DE.

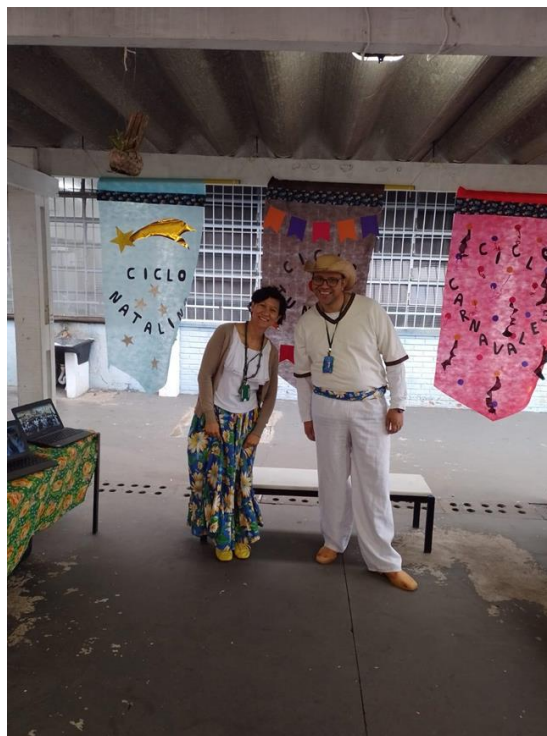
Alguns estudantes quiseram tirar fotos conosco (figura 9)! Nos sentimos acolhidos por esse gesto, compreendendo que o nosso desejo de trazer as culturas populares para o espaço escolar como saber, estética, relações, também estava sendo acolhido por esses estudantes. Essa situação nos fez entender que a realização de um movimento de mudança se faz coletivamente e por meio de uma via de mão dupla.

Figura 7 – Feirão das Eletivas: professora Juliana e professor Claudemir.



Fonte: Professora Aline Barbosa, 2022.

Figura 8 – Feirão das Eletivas: professora Juliana e professor Claudemir e os três estandartes.



Fonte: Professora Aline Barbosa, 2022.

Figura 9 – Feirão das Eletivas: professora Juliana, professor Claudemir e estudantes que foram conhecer a proposta da DE Festejar o Brasil.



Fonte: Professora Aline Barbosa, 2022.

Após o encerramento dessa ação, em conversa com a profa. Andresa, minha orientadora, relatando as primeiras impressões sobre esse momento, ela me disse sobre uma “escola colorida” e não “monocromática”, fazendo referência à explosão de cores que o espaço organizado para o Feirão reverberava com a presença de alguns elementos reunidos para celebrar e ilustrar a nossa DE.

Falar sobre as festas brasileiras, falar sobre as danças das culturas populares do Brasil, é encher o corpo, o espaço e a vida de cor! Possibilitar que todas essas nuances dialoguem, brinquem e se expressem, na intensidade e potência que são, me remete a uma analogia para com os sujeitos do espaço escola e no reconhecimento das suas cores, subjetividades, individualidades, sendo valorizadas e tendo seus espaços assegurados nesse ambiente, pintando, colorindo e enchendo de vida a nossa escola e suas próprias vidas.

Acompanhamos um movimento a nível federal de revitalizar o segmento do ensino médio, buscando propostas que possam engajar as juventudes nessa última etapa da formação educacional básica. Ficam evidentes ações e interpretações de natureza autoritária nesse processo de mudança, oriundas da carência de diálogo,

principalmente, com as partes envolvidas na dinâmica cotidiana da escola: estudantes e docentes.

Os aportes que sustentaram a DE foram importantes para a superação de um possível descompasso entre os estudantes e a escola, por apresentar uma flexibilização do currículo com a abertura para outras referências a orientar os processos educativos (Bungenstab, 2019), para além daqueles empreendidos pela reforma do ensino médio.

Reforço que a dinâmica de interações e diálogos constantes foram ao encontro dos anseios da juventude, o que fortaleceu a realização de uma formação no ensino médio mais significativa para os estudantes.

Tal colorido, também, é a expressão de uma escola que se quer acolhedora da diversidade por meio de uma educação para/com as relações étnico-raciais, compreendendo a nossa sociedade como multicultural. Apoio-me na reflexão de Silva (2011, p. 30) quando nos diz que:

o desconhecimento das experiências de ser, viver, pensar e realizar de índios, de descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, faz com que ensinemos como se vivêssemos numa sociedade monocultural. Isto nos torna capazes de corrigir a ilusão da democracia racial, de vencer determinações do sistema centrado em cosmovisão representativa de uma única raiz étnico-racial. Impede-nos de ter acesso a conhecimentos de diferentes origens étnico-raciais, e ficamos ensinando um elenco de conteúdos tido como o mais perfeito e completo que a humanidade já teria produzido. Tornando-nos incapazes de perceber vozes e imagens ausentes dos currículos escolares: empobrecidos, mulheres, afrodescendentes, africanos, indígenas, idosos, homossexuais, deficientes, entre outros.

Finalizando os registros e reflexões desse primeiro encontro (fim, talvez, daquilo que consegui apreender, pois tenho a certeza de que muitas coisas me escaparam!), quero compartilhar a alegria que me invadiu e me sensibilizou para com este momento do Feirão das Eletivas - a materialização do início da DE.

Desde a lista de músicas até os adereços, acessórios, instrumentos, vestimentas, me dei conta de que este momento presente vinha sendo preparado há tempos! Ele está para além deste segundo semestre do ano de 2022. Ele vem sendo

construído desde a minha graduação quando, cursando a disciplina de danças folclóricas, falei: É essa dança que eu quero levar para a escola!

Já disse isso e volto a afirmar, a dança é o fio condutor das minhas escolhas. Foi ela que fez com que eu escolhesse a minha profissão. Foi ela que me levou à educação. Foi ela que me apresentou às culturas populares. Foi ela que me fez buscar uma pós-graduação a nível de mestrado.

Antes do início do feirão dei um abraço no prof. Claudemir como expressão da minha gratidão por encontrar eco na busca por uma escola mais colorida – multicultural – como disse a profa. Andresa.

Com a construção da proposta dessa DE e com sua divulgação para as turmas do ensino médio, anunciaram-se momentos de muito sentido e significado dentro da rotina desafiadora e desgastante que é trabalhar na educação. Anunciaram-se o desejo e a esperança da chegada de uma práxis pedagógica cheia de encruzilhadas, alegria, afeto, cores e sabores.

4. A PREPARAÇÃO DA FESTA

Seja bem-vindo/a ao Festejar o Brasil! Vamos celebrar o que é sermos humanos afirmando a nossa diversidade por meio das nossas festas e expressões, mas, principalmente, aguçando o nosso sentir por meio das culturas populares nos três ciclos festivos do nosso país: carnavalesco, junino e natalino (Côrtes, 2000).

A expectativa e a ansiedade nos fizeram companhia na preparação e na espera do primeiro encontro! Mantendo a dinâmica de nos reunirmos em nossos momentos de estudo e aperfeiçoamento para medirmos a caminhada da DE, prof. Claudemir e eu instituímos em nossas agendas semanais que toda terça e quarta-feira, no início do período de trabalho, seriam planejadas as vivências a serem trabalhadas nas aulas daquela semana.

Nos debruçamos no estudo e delineamento dos caminhos que poderiam ser destacados para conhecermos os ciclos festivos brasileiros em suas expressões e manifestações. Essa ação nos proporcionou a compreensão da amplitude e da profundidade que é o pluriverso das culturas populares e das muitas possibilidades que poderiam ser ofertadas aos estudantes para o encontro com essas celebrações.

Ao estudar os ciclos festivos e os limites desta pesquisa, ressalto que foi necessário fazer escolhas dentro do nosso contexto, compreendendo a imensidão de caminhos que tais ciclos poderiam ofertar. A pesquisa é um espaço concreto para a compreensão das culturas populares como práticas de descolonização da educação (Abib, 2019). Ao vestirmos esta pesquisa, iniciou-se a aceitação e o reconhecimento das culturas populares a refletir respeito e acolhimento às suas manifestações e saberes. É outro, é diferente, é diverso. É um convite à celebração da pluralidade por meio da validação da nossa condição de produtores culturais e sujeitos históricos (Paro, 2014). Corroborando com essa compreensão, para os autores Ayala e Ayala (2006, p. 68):

a intensificação de estudos que estabeleçam as especificidades das várias manifestações culturais populares fornecerá novos argumentos para que se

refute aquelas concepções elitistas, preconceituosas e comprometidas, consciente ou inconscientemente, com a ideologia hegemônica.

Novas relações revelaram-se e ampliaram as nossas percepções sobre ser e estar neste mundo. É encantador aspirar no meio a tantas situações redutoras, desafiadoras, desiguais e meritocráticas presentes em nossa sociedade, outras maneiras de estarmos com o outro.

Entendo a necessidade e a importância da escola, como um espaço democrático, fomentar o diálogo para a consolidação de relações mais horizontalizadas entre os sujeitos envolvidos no processo educativo e entre os saberes ofertados, contrapondo-se a uma educação de raízes eugenistas que busca silenciar e invisibilizar tudo aquilo que difere da cultura branca, europeia, hegemônica – base inicial das nossas estruturações curriculares (Franco, 2022).

A escola deve enaltecer o comunicar das diversas linguagens, aprimorando a capacidade de expressão e simbolização dos diferentes sujeitos sobre o mundo por ela partilhado. Para Costa Silva (2008, p.15),

uma escola concebida como um espaço onde pudesse vicejar uma multiplicidade de linguagens permitiria florescer, também, uma pluralidade de sentidos, de novos sentidos do humano. Uma escola apta a fazer do ensino um instrumento sustentador de valores e não mais pura e simplesmente reprodutora de aprendizado técnico.

Esta pesquisa buscou fazer caminhos pelas festas das culturas populares para que as distâncias entre elas e a escola fossem diminuídas, e para que os diálogos pudessem ocorrer de forma sensível e colaborativa nas esferas dos sujeitos e saberes que compõem estes diferentes territórios.

Outro ponto abordado foi o pensar a nossa realidade (escola – comunidade – espaço geográfico) por meio desses contornos que nos atravessam de alguma forma, porque as festas populares são construções coletivas cunhadas, acumuladas e

recriadas a partir das experiências das ancestralidades presentes na formação da sociedade brasileira.

Isto posto, para o caminhar da práxis pedagógica adotei como um dos referenciais educativos a perspectiva da educação das relações étnico-raciais, pois, como assevera Cavallero (2006, p. 23), à instituição escola “[...] é necessária a promoção do respeito mútuo, o respeito ao outro, o reconhecimento das diferenças, a possibilidade de se falar sobre as diferenças sem medo, receio ou preconceito”.

O desenvolvimento da DE Festejar o Brasil, nos presenteou com uma viagem, não no sentido temporal e espacial, e sim, no sentido estético e relacional. Fruímos da condição de turistas que, para além de um consumo quantitativo, desejávamos uma experiência delineada pelo qualitativo, almejando trocas sob princípios e parâmetros culturais, em um processo similar ao que Carvalho (2013) chama de acessar os lugares de memória, promovendo uma maior interação, não no sentido presencial geográfico, como em nosso caso, e, sim, na contextualização das propostas a serem trabalhadas por meio dos recursos e linguagens que estão à nossa disposição.

4.1 Início da DE Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país

Para o nosso primeiro encontro, que se deu no dia 25 de agosto de 2022, nos acolhemos em uma roda. Sabe quando reunimos o pessoal para combinarmos como será a brincadeira? Pois bem, foi assim esse primeiro momento. Nossa conversa buscou desenhar os caminhos iniciais, evidenciando características necessárias à nossa postura como realizadores da DE.

Partilhamos que os processos desenvolvidos, seriam a base que estruturaria a pesquisa, Ciclos festivos na escola: encantamentos por meio das danças brasileiras. A dança é uma prática corporal que acontece no corpo e, tanto a Educação Física quanto a biologia dialogam com ele, revelando as suas diversas e diferentes dimensões.

Esse trabalho desencadeia um movimento de iluminar os saberes da Educação Física e da biologia com os saberes das culturas populares, sublimando-os ao enaltecer as práticas corporais das danças ligadas aos ciclos festivos como histórias e narrativas que constroem outros espaços, para além daqueles instituídos, historicamente, pelo poder hegemônico aos grupos subalternizados.

Para Castro Jr. (2014, p. 18) as manifestações dançadas das festas “[...] representam a necessidade e o desejo do corpo de criar novos territórios imateriais para que seja contada outra história que tentamos traduzir, parcialmente, em forma de palavras e imagens”.

A proposta da Eletiva Festejar o Brasil foi oportunizar experiências e vivências com as culturas populares, tendo como acesso para elas as suas manifestações dançadas que fulguram no cenário dos ciclos festivos brasileiros. Segundo Brasileiro (2016, p.138), a dança é uma marca da cultura brasileira,

[...] é também muito expressiva – dos sambas aos maracatus, dos frevos às congadas, dos batuques aos carimbós, conhece-se o Brasil e sobre sua cultura popular através das danças. Elas narram uma parte expressiva dessa história que continua sendo (re)produzida ao longo dos anos com outras e novas formas de dançar, com outros e novos sentidos e significados que são (re)produzidos pelos diferentes grupos e sujeitos.

Com base nessas referências, para o nosso primeiro encontro elaboramos uma dinâmica que intitulamos “Que festa é essa?”, onde foram elencadas algumas das dimensões que integram as festas das culturas populares, reunindo informações sobre elas, com o objetivo de serem (re)conhecidas pelos participantes.

Foram elencadas três celebrações ou manifestações, associadas aos ciclos festivos carnavalesco, junino e natalino (Côrtes, 2000) e, compartilhamos imagens, músicas, estados e/ou regiões do Brasil nos quais essas manifestações acontecem, a época do ano em que assinalam o rico calendário festivo brasileiro, acessórios/apetrechos/vestimentas que caracterizam esteticamente essas festas e uma curiosidade sobre elas.

Os estudantes foram divididos em grupos e, a cada rodada, escolheram uma das dimensões para ser revelada. Com base nessa e em informações já compartilhadas em outras rodadas da dinâmica, o grupo tenta reconhecer que festa é essa. As celebrações escolhidas foram a Folia de Reis (ciclo natalino), a manifestação cultural do Caboclinho (ciclo carnavalesco) e o Complexo Cultural do Bumba meu Boi do Maranhão (ciclo junino).

Os grupos não conseguiram identificar com assertividade as festas e expressões das nossas culturas populares. Admitiram conhecer algumas informações compartilhadas, porém, não conseguiram referenciá-las aos nomes das manifestações elencadas. A grande maioria das informações foi totalmente nova para os estudantes.

Desejamos com esta atividade, trazer perspectivas ampliadas sobre as culturas populares, para além do que está posto pelo senso comum, principalmente no que se refere ao contexto de estudantes da escola pública de uma comunidade periférica, numa cidade do interior do estado de São Paulo.

Em sua grande maioria, o acesso desses jovens às manifestações das culturas populares, restringe-se às festas veiculadas pelas mídias, as quais oferecem informação descontextualizada, esvaziando de sentidos e significados tais manifestações que são elevadas a produtos comercializáveis na lógica capitalista.

Nesta vivência compartilhada junto aos estudantes, quero destacar uma situação com a qual nos deparamos, onde a informação do item curiosidade, destacada para a festa da Folia de Reis trazia os seguintes dizeres: “Reproduzem a viagem dos três reis magos ao encontro do menino Deus”.¹⁰ De cara, esses dizeres incomodaram alguns estudantes que, de forma não explícita, expuseram por meio de falas entre eles, fossem elas mais restritas ou proferidas de forma mais aberta, uma certa indignação sobre a expressão “menino Deus”. Nenhum deles sentiu-se acolhido e/ou encorajado a trazer para uma conversa em âmbito coletivo, o impacto que essa

¹⁰ TV UFMG. Folia de Reis. [Vídeo]. Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QdyMmnjAYFM>. Acesso em ago. de 2022.

informação havia causado neles, por ela contrapor-se a formação e a compreensão religiosa de alguns estudantes participantes.

Esse contexto evidencia o diálogo com as questões religiosas e espirituais que perpassam a nossa formação como sujeitos e, quando não articuladas de forma plural, livre e respeitosa, podem gerar atitudes que se conduzam pelos caminhos do preconceito. É importante pontuar a condição de estarmos nos relacionando com o novo, com o outro e, essas diferenças vem à tona porque estão intrínsecas no processo.

As reflexões que emergiram ao analisar essa situação, são as de uma escola que ao se regimentar como laica, não oportuniza que os sujeitos – constituídos ou não dessa dimensão, exercitem essa articulação, porque não existe espaço e nem uma sensibilização para diálogos sobre se conhecer as religiosidades nas escolas, motivados por serem temas inerentes à vida, ou por meio dos saberes e contextos hierarquizados à educação.

A escola como espaço democrático e inclusivo, tem por compromisso desenvolver uma educação com base nas orientações para a promoção das relações étnico-raciais (Lei 10.639/03, Lei 11.645/08, DCN para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana), oportunizando espaços para diálogos sobre diversidade religiosa, principalmente no tocante ao conhecimento para a desconstrução de certos pré-conceitos sobre as religiões afro-brasileiras, presentes na formação cultural e social brasileira (Felinto, 2012). A religiosidade e espiritualidade estão na base da maioria das celebrações presentes nas culturas populares.

A Folia de Reis se constitui na representação de grupos que dramatizam e cantam a viagem dos Reis Magos e a celebração do nascimento de Jesus, no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro (Torres; Cavalcante, 2008). Essa festividade fundamenta-se em uma diversidade que:

abrange elementos materiais, como a indumentária, ou imateriais, como respeito ou não a protocolos longevos, maior ou menor intensidade na

conjunção das normas do catolicismo com as referências de religiões de matriz africana, e outros (Abreu; Magno, 2017, p. 25).

A DE trouxe uma situação em que, por meio da expressão ‘menino Deus’, a temática da religiosidade veio à tona quando abordarmos a festa da Folia de Reis que articula referências cristãs e afro-brasileiras em suas manifestações. O impacto gerado nos estudantes convidou-os a reflexões sobre essa dimensão em suas vidas e na vida do outro.

Ao nos propormos a desenvolver um trabalho cuja temática são as expressões e manifestações festivas do Brasil, tal contexto irá prescindir o relacionamento com essas dimensões, que estará presente nas propostas de experiências e vivências junto aos estudantes. Não houve demonstração de qualquer intenção dos estudantes em não participarem das ações desenvolvidas pela Eletiva, motivadas por essa situação.

Pontuamos em um dos momentos reflexivos junto aos mesmos, que os nossos passos pelos caminhos das culturas populares no recorte dos ciclos festivos, promovem encontros de natureza fruída e relacional, sempre balizados pelo respeito à diferença e a diversidade, na busca por conhecer o outro, que se configura como novo para nós.

Não é preciso que eu converta as minhas crenças, sejam elas no tocante às questões religiosas ou espirituais ou, em qualquer outra dimensão da vida, para experimentar e vivenciar as culturas populares. É preciso que eu me coloque no exercício de coexistir junto ao outro, vivenciando a plenitude da subjetividade, nossa característica enquanto humanos.

Dando continuidade as nossas propostas junto aos estudantes para o desenvolvimento da disciplina, realizamos uma brincadeira cantada que aprendi no curso ‘A arte do brincante para educadores’¹¹, realizado no ano de 2018, no Instituto Brincante, na cidade de São Paulo, adaptando-a para o contexto presente.

¹¹ Módulo: Figuras e Adereços dos Folguedos Populares, ministrado pela profa. Carla Passos, realizado em Maio de 2018.

Os estudantes organizaram-se em duplas, sendo que um deles deveria ficar sem parceiro ou parceira para iniciar a brincadeira. Esse ficaria com a cabeça do Bumba-meu-boi, objeto também feito no mesmo curso, tendo a estrutura de uma cabeça de boi feita a partir de rolinhos de jornal, com colagens de pedaços de jornais embebidos em uma mistura de cola com água, ora sobrepostos, ora justapostos, para preencher os espaços dessa modelagem de máscara em 3D, pintada nas cores branca e preta, com detalhes em azul e vermelho e fitas de cetim verdes e vermelhas coladas nos chifres, um fio de lantejoulas douradas colada em volta do focinho, uma estrela azul contornada de vermelho e de lantejoulas de cores variadas, pintada no topo da cabeça e lantejoulas de cores variadas coladas em suas orelhas. Os estudantes poderiam colocá-la sobre as suas cabeças, como ilustram as figuras 10 e 11, ou apenas segurá-las, assumindo o personagem do boi na brincadeira.

Em um espaço delimitado dentro da quadra, foram dispostos arcos pelo chão. Um dos integrantes da dupla ficaria dentro do arco e o outro circularia pelo espaço delimitado, enquanto era cantada uma música com a seguinte letra: ‘Oi pega o touro, amarra o touro, bota o touro no mourão. Esse touro é fio da vaca, da fazenda do Barão’, sendo repetida por duas vezes.

Ao final da segunda vez, o boi, personagem identificado pela máscara da cabeça do Bumba-meu-boi, sairia em perseguição a um dos estudantes, tentando tocar nele, antes que ele adentrasse o arco junto ao seu parceiro na dupla. Aquele que fosse pego, na próxima rodada seria o personagem do boi, ficando com a máscara.

A música foi cantada por mim que a conhecia. A intenção era a de que os estudantes encorpassem um coro para ela, mas essa situação não se concretizou. Elaboramos também uma proposta de variação à brincadeira onde, substituímos o canto por áudio da toada de boi que faz parte do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi no estado do Maranhão, também explorando o instrumental do Sotaque¹² de Matraca.

¹² Se não existisse o sol - Boi da Maioba. [Vídeo]. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZSBG2D9SgKs>. Acesso em set. de 2022.

Essa adaptação à brincadeira, possibilitou aos estudantes entrar em contato com as toadas de Bumba-meu-boi, um elemento específico e característico dessa celebração. Em meio a dinâmica da brincadeira, procuramos explorar uma potencialidade dessa festa, pontuando aos participantes a nossa intencionalidade.

Figura 10 – Brincadeira cantada: estudante A.H. fazendo pose para a foto com a cabeça do boi.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 11 – Brincadeira cantada: estudante P.O. fazendo pose para a foto com a cabeça do boi.



Fonte: Autora, 2022.

Foi por meio desta brincadeira cantada que se deram as primeiras aproximações dos estudantes com a máscara da cabeça do boi, configurando momentos de importantes reflexões aos olhos da professora pesquisadora sobre o contato deles com esse objeto, um portal para o acesso a um universo de símbolos a serem construídos e ressignificados nesse processo da eletiva.

A estudante M.J. evidencia em sua narrativa esse momento proposto pela DE, onde trouxemos o Bumba-meu-boi por meio desta brincadeira cantada, quando registrou: “a que eu mais gostei foi Bumba-meu-boi, a história dele, as danças foi sensacional quando fizemos a brincadeira na quadra.”

Em outro momento no qual a cabeça do boi foi destaque, aconteceu na realização de uma dinâmica onde, os estudantes organizados em roda na sala de aula, passavam-na de mão em mão e, cada um deles, estando com ela, deveria dizer um elemento das festas e expressões das nossas culturas populares que havíamos conhecido por meio da dinâmica “Que festa é essa?” (figuras 12 e 13), uma retomada dos conhecimentos compartilhados em aulas anteriores.

Figura 12 – Dinâmica "Fui a festa": estudante recebendo a cabeça do boi.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 13 – Dinâmica "Fui a festa": estudante passando a cabeça do boi.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Quero trazer apontamentos reflexivos sobre essas duas vivências que me impactaram nesse processo. Quando a máscara em 3D da cabeça do boi foi

apresentada aos estudantes, houve falas que atribuíam a figura do animal, a condição de ser “chifrudo”, “corno”, uma associação comumente presente em nossa realidade social cotidiana no tocante aos relacionamentos afetivos, evidenciando-se também a figura do animal vaca e toda uma leitura depreciativa que é feita sobre a mulher relacionada a essa interpretação simbólica. Ambos os contextos refletem mazelas estruturadas ao longo dos tempos em nossa dinâmica social, destacando-se nessas expressões o machismo a pautar as condutas dos relacionamentos.

Detive-me a observar os estudantes sentados em roda. Vejo em seus olhares um misto de medo e encantamento ao segurarem nas mãos a máscara da cabeça do boi. Ela os cativa, é fato! É colorida, tem fitas de cetim, lantejoulas e me traz a possibilidade do acesso ao brincar, a ser brincante nesse novo que se apresenta.

O medo estava presente pois, é preciso despir-me dos símbolos que trago sobre o boi. Eles me vestem, quase como uma armadura para me proteger desse outro, desse novo: a figura do boi e toda a sua simbologia para as culturas populares. Para brincar o boi e ser brincante nesse contexto é preciso partilhar outras leituras sobre o ele, que permitem a mim e a ele transitarmos por outras interpretações, reveladoras de outros valores a essa experiência.

Existem outros significados para o boi, como por exemplo, ele ser o personagem principal em uma festa que acontece no mês de junho no estado do Maranhão. Ter seu couro de veludo preto adornado caprichosamente com bordados de canutilhos, miçangas e lantejoulas, feitos por mãos cuidadosas e hábeis, é reconhecimento da sua importância nesta celebração.

Representar o boi, ‘dando vida’ à armação de madeira e vime em seu miolo, é trabalho para manipuladores especializados que trazem o encantamento desse personagem à festa. Brincar o boi é encenar junto a pai Francisco e mãe Catirina, uma história espalhada pelo Brasil baseada na crença do desejo de mulher gestante que queria comer a língua do boi mais formoso do patrão (Bueno, 2001).

Quantas outras narrativas podem ser encontradas no boi! Seja bem-vindo boi na comunidade DBJ com seus encantamentos, poesias e cores para abrilhantar a nossa eletiva ‘Festejar o Brasil’.

Procurando ampliar o repertório quanto às vivências nas culturas populares, oportunizamos aos estudantes a realização da dança do Mineiro Pau. Este momento foi organizado com base nos conhecimentos do curso 'O corpo nas danças populares brasileiras'¹³, realizado em 2018 na 36ª edição do Festival de Dança de Joinville, ministrado pela profa. Eleonora Gabriel, a criadora da Companhia Folclórica do Rio da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)¹⁴.

No referido curso, a profa. Eleonora trouxe para os cursistas, a vivência da dança do Mineiro Pau presente na festa do Boi Pintadinho na cidade do Rio de Janeiro, celebração ocorrida no período que compreende o ciclo carnavalesco. Compartilhamos informações e vídeos¹⁵ sobre a dança do Mineiro Pau, buscando contextualizar essa expressão aos estudantes. Replicamos as batidas com os bastões aprendidas no curso, o que exigiu bastante concentração e atenção dos participantes. Em conversa com a estudante R.A., após o encerramento da aula, ela relatou ter gostado de realizar a dança do Mineiro Pau. Nenhum dos estudantes conhecia essa expressão dançada das culturas populares.

Após essas vivências que potencializaram os corpos dos estudantes em uma primeira proposta de acesso aos conhecimentos das culturas populares elencados, onde trouxemos as festas de boi (Bumba-meu-boi e Boi Pintadinho) marcando o início dos trabalhos, demos continuidade com a proposta de realizarmos um estudo sobre as festas e expressões brasileiras celebrados nos três ciclos festivos apresentado por Côrtes (2000): carnavalesco, junino e natalino.

¹³ Módulo: O corpo nas danças populares. Programa: O curso apresenta um panorama das danças populares brasileiras com formas, motivações e localidades diferentes. Pretende sensibilizar professores, artistas e outros interessados à reflexão sobre as danças populares na Educação e no ensino de dança. Através da ludicidade revelar as ascendências dos participantes e trocamos histórias dançantes de hoje e de sempre. Incentivar o olhar para cultura popular como potencial artístico e social presente na vida de cada um do entorno. Utilizar o material apreendido no curso para pensar em ensino e criação em dança e dançar e brincar muito com a diversa corporeidade brasileira.

¹⁴ Companhia Folclórica do Rio - UFRJ. Disponível em: <https://www.companhiafolcloricadorioufrj.com/>. Acesso em 09/05/2023.

¹⁵ Mineiro-pau. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001635.htm>. Acesso em set. de 2022.

Conheça a dança folclórica 'Mineiro Pau' - dezembro/15. [Vídeo]. Youtube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4AzmtSoKWlw>. Acesso em set. de 2022.

Esse momento nos destacou como professores-pesquisadores-observadores desse processo pelo qual os estudantes, ao fazerem uso do direito que lhes foi conferido, decidiram aproximar-se dos conhecimentos das culturas populares também como estudiosos, observadores e investigadores. Tomávamos consciência e nos empoderávamos dessa dimensão que nos perpassava para esse trabalho, inclusive eu, em um movimento de sensibilização para com essa condição de professora-pesquisadora.

Causou impacto aos estudantes referenciá-los como estudiosos, observadores, investigadores, situação que vai na contramão de uma educação ‘para’, ao encontro de uma educação ‘com’. As DEs (São Paulo, s/ano) têm por princípio a participação dos estudantes na elaboração de seu próprio currículo, viabilizando esse trabalho ‘com’ eles, seja por meio da decisão feita pelos docentes em relação ao tema gerador da eletiva, que são baseados nos projetos de vida dos discentes, ou nas experiências e vivências possíveis de serem elencadas para o trabalho ao longo do semestre.

Ingressar no ProEF provocou em mim um movimento de deslocamento que ampliou o lugar da docência, onde pude me enxergar e ocupar o lugar de pesquisadora, de forma consciente, acolhedora, empoderada e gentil comigo mesma. Inúmeros são os desafios em realizar uma pós-graduação a nível de mestrado, concomitante ao exercício da docência, costurando esses dois espaços dentro de uma realidade marcada pelo distanciamento entre elas – a universidade e o chão da escola.

A educação configura um cenário de muito pouco reconhecimento a esse professor-pesquisador-estudioso-observador-investigador, no sentido do acesso e permanência dele em seu aprimoramento profissional, por sobrecarregá-lo com tantas burocracias que quantificam os processos sem torná-los significativos e com sentido ao fazer docente.

Os materiais apostilados são uma realidade no sistema de ensino do estado de São Paulo. Sobre esse contexto, a autora Franco nos traz algumas constatações de sua pesquisa para refletirmos os desafios da ação docente numa perspectiva do professor-pesquisador a gerenciar a sua práxis pedagógica:

em minhas aproximações aos sentimentos e pensamentos do professor de escola pública do ensino fundamental, pude perceber que o sujeito nem sempre se percebe enredado em uma lógica produtivista, superficial, colonizada. Identifiquei muitas falas que podem ser resumidas da seguinte maneira: 'É bom mesmo que eu receba um roteiro do que devo dar em sala de aula, assim não preciso gastar tempo pensando!'. Sem muita reflexão, mas convictas, muitas professoras afirmam: 'Assim (com roteiro) fica mais fácil passar aula!' (2022, p. 9).

As raízes que limitam a nossa compreensão para com a ação de pesquisar estão alicerçadas em uma educação que não fomenta e/ou fomenta de forma muito superficializada essa condição, tanto no estudante quanto no educador. O autor Demo (2008, p. 40) assevera que "[...] a virtude central do professor é pesquisa, não ensino", colocando esta ação como primeira dentro dos processos permeados pelas relações no cenário educacional. Uma das primeiras falas que ouvi ao ingressar neste programa de mestrado, no desenvolvimento da primeira disciplina, foi: "você já faz pesquisa! Você resolve as problemáticas do dia a dia da escola, da educação. Portanto, já faz pesquisa".¹⁶

Quanto à DE, há parâmetros construídos no registro do documento conhecido como plano da eletiva que são organizados pelos professores que a lecionaram, porém, tais parâmetros são indicadores abertos, ajustados e aprimorados à medida em que são postos em prática.

A educação e seus processos acontecem no relacionamento com os outros e essa conjugação pode propiciar contextos inéditos aos envolvidos nesse fazer, por isso que a ação de planejar não é estanque, e sim flexível. No transcorrer do percurso de desenvolvimento da eletiva, nos alinhamos trilhando o caminho lado a lado dos estudantes, ofertando contextos em que eles participassem das escolhas e tomadas de decisões indicando os rumos da práxis pedagógica.

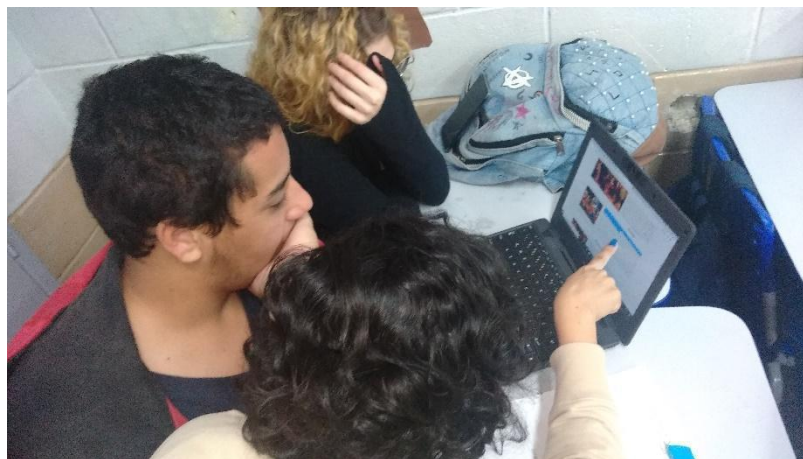
Partindo desses pressupostos, elaboramos uma ficha para ser preenchida pelos estudantes, instigando-os a buscarem conhecimentos veiculados por diferentes fontes – imagens, áudios, textos, vídeos, reportagens, entrevistas – sobre as festas,

¹⁶ Essa é uma transcrição não literal, traz a ideia da fala proferida pelo prof. Milton Vieira ao ministrar a disciplina Problemáticas da Educação Física _ D01 neste programa de mestrado.

as manifestações e as expressões associadas aos ciclos festivos utilizando diferentes bases de dados disponíveis na *Internet*. Tal estudo possibilitou o acesso aos estudantes a essas celebrações e suas produções de forma ampla, potencializando quantitativamente e qualitativamente o processo.

Nas figuras 14, 15, 16 e 17 vemos a turma dividida em trios e duplas para a realização do estudo que foi marcado por muitas trocas entre os integrantes dos grupos. Também foram direcionadas perguntas para o prof. Claudemir e eu, à medida que o imenso pluriverso das culturas populares brasileiras era acessado pela turma.

Figura 14 – Estudantes realizando a pesquisa sobre as festas e expressões presentes nos ciclos festivos 1.



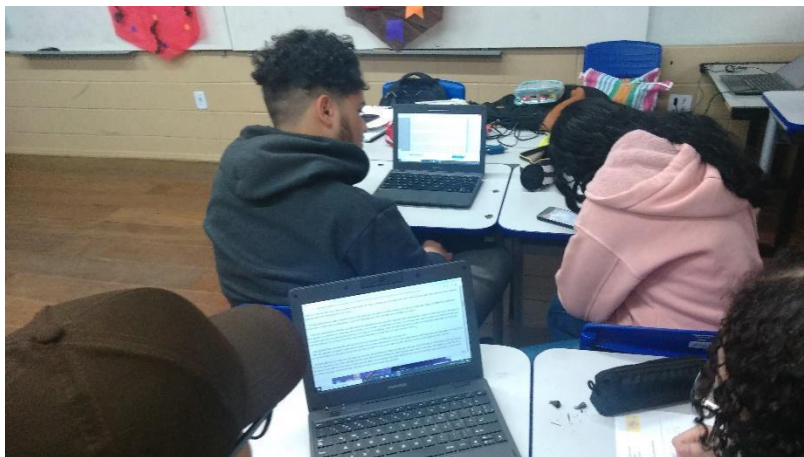
Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 15 – Estudantes realizando a pesquisa sobre as festas e expressões presentes nos ciclos festivos 2.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 16 – Estudantes realizando a pesquisa sobre as festas e expressões presentes nos ciclos festivos 3.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 17 – Estudantes realizando a pesquisa sobre as festas e expressões presentes nos ciclos festivos 4.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Nas interações com os estudantes, quero destacar duas situações que revelaram indicativos sobre o envolvimento da turma com a aula. A primeira diz respeito ao estudante P.O. que compartilhou suas reflexões ao lembrar de uma festa que presenciou quando tinha nove anos de idade, mas que naquele instante não recordava o local onde ocorreu (depois lembrou-se que era na cidade de Campina do Monte Alegre¹⁷, município que faz divisa com a cidade de Itapetininga). Ele lembrou que viu homens vestidos de mulher para jogarem futebol. O estudante pontuou a forma preconceituosa com que esses homens se tratavam, dando para ele indícios de como deveriam ser tratadas as pessoas homossexuais, ou seja, de maneira “zoada e desrespeitosa”.

Em outro momento, fora do tempo e espaço delimitado para o desenvolvimento da DE, a estudante T.A. compartilhou que ela segue um influenciador digital nas redes sociais chamado Gustavo Tubarão e que ele havia feito uma postagem em seu perfil no *Instagram*, no formato de *stories*, mostrando o trecho de uma festa que para ela parecia ser a Folia de Reis. Ela quis me mostrar os *stories*, porém ele fica disponível

¹⁷ Campina do Monte Alegre é um dos mais jovens municípios do estado de São Paulo. Está localizado a 229 quilômetros da capital e faz divisa com a cidade de Itapetininga. Disponível em: <https://www.campinadomontealegre.sp.gov.br/a-cidade/dados-do-municipio>. Acesso em 15 mai. 2023.

para visualização apenas pelo período de 24 horas, o que impossibilitou o nosso acesso.

Trago as narrativas desses estudantes para destacar o movimento que acontece na realização de uma práxis pedagógica, para além das duas aulas semanais presentes no currículo. Acredito que o conhecimento aprendido na escola possa reverberar em nossa vida, fazendo relação com as mais diversas dimensões que por nós são transitadas, como ressignificar nossas experiências e vivências por meio da ação reflexiva, ao revisitá-las e partilhá-las com o outro. Ou nos destaques que conferimos a conteúdos partilhados pelas redes sociais que antes poderiam passar despercebidos e agora, sensibilizados pelas expressões das culturas populares, ganham visibilidade e maior entendimento pelos estudantes. Reconheço nesse movimento deles a articulação dos saberes aprendidos na eletiva com as relações de vida e não com fim e objetivos restritos à escola.

Quando as duplas e trios finalizaram as pesquisas, fruíam de um arcabouço de festas, expressões e manifestações do Brasil, tendo percorrido suas dimensões de norte a sul, leste a oeste, compilados a partir do interesse e (re)conhecimento dos estudantes diante das nossas culturas populares. Os resultados deste estudo foram organizados no quadro 1 registrado abaixo.

Quadro 1 – Levantamento de informações sobre os ciclos festivos, festas, expressões e manifestações.

Ciclo Festivo	Festas, expressões e manifestações
Carnavalesco	Afoxé, Caboclinhos, Frevo, Bonecos gigantes, Escolas de samba, Maracatu Nação, Maracatu Rural, Trio elétrico.
Junino	Bumba-meu-boi, Tambor de crioula, Festa de São João, Festa de São Pedro, Festa de Santo Antônio, Festa de São Marçal.

Natalino	Pastoril, Reisados, Presépio, Queimação de palhinhas, Folia de Reis, Cavalhada, Chegança, Congada.
----------	--

Fonte: Autora, 2022.

Esse era o tom e a medida que queríamos dar ao nosso trabalho para que os direcionamentos dos nossos próximos passos pudessem ser definidos com base na participação dos jovens, expressando seus desejos e expectativas para com a eletiva.

A organização do quadro 1, com base nas informações pesquisadas por eles, apresenta equívocos na associação das festas, expressões e manifestações aos ciclos festivos, porém, como já registrado anteriormente, nesse primeiro momento a nossa intenção era ampliar e diversificar o repertório deles sobre as culturas populares brasileiras e pontuar, posteriormente, uma revisão desse material realizando os ajustes necessários. O fato é que se operacionalizou uma dinâmica que não possibilitou atender, de forma satisfatória, a esse objetivo em virtude do tempo que rege as relações no espaço escolar, causando ansiedades e angústias para nós que mediamos esse trabalho.

Cabe aqui uma ressalva crítica em relação a dinâmica do sistema escolar que organiza as demandas das escolas públicas do estado de São Paulo. O público que anima as instituições escolares – estudantes, docentes, gestores, comunidade escolar, equipe terceirizada, está subordinado às prioridades elencadas pela gestão da Secretaria Estadual de Educação, demandas que chegam até nós de forma verticalizada e que não acolhem, na maioria das vezes, as necessidades e os desafios vivenciados por aquela comunidade específica (lôcus, realidade social, econômica, cultural).

O segundo semestre letivo de 2022 foi marcado por várias ações organizadas pelas instâncias superiores do sistema de educação do estado de São Paulo, como a semana de recesso escolar no período de 10 a 14 de outubro apontada na Resolução SEDUC nº 139 de 13/12/2021¹⁸ que regulamenta o calendário letivo de 2022, a

¹⁸ Resolução SEDUC nº 139, de 13-12-2021. Dispõe sobre a elaboração do calendário escolar para o ano letivo de 2022. Disponível em:

suspensão das atividades escolares no horário dos dias de jogos da seleção brasileira masculina de futebol no evento da Copa do Mundo no dia 24 de novembro, normatizada pelo decreto estadual nº 67.255/22¹⁹ e a adaptação e adequação da rotina escolar para realização da avaliação do SARESP no dia 01 de dezembro. É importante pontuar também neste cenário de fragilidade temporal o início do desenvolvimento das disciplinas eletivas, datando quase um mês após o retorno das aulas no segundo semestre letivo de 2022, em virtude dos direcionamentos e orientações que precisavam ser trabalhados com os estudantes para esse processo de escolha.

Frente ao exposto acima, contrapondo-se aos princípios da DE, alinhados ao que eu e o prof. Claudemir elencamos para o desenvolvimento desse trabalho, nos deparamos com esse (tornado, feito) algoz que, por vezes, impôs outros/novos delineados ao nosso processo: o tempo dos processos na escola. Viver a sua passagem pautada pela dinâmica das demandas escolares, não significa ou traduz a qualidade e a subjetividade das estruturas de ensinar e aprender construídas por cada estudante. E, viver a sua passagem por meio dos saberes das culturas populares como são as propostas da Eletiva “Festejar o Brasil”, requer outras estruturas para relacionar-se com eles que não obedecem a lógica quantitativa das demandas.

Como já pontuamos no capítulo anterior, ao embasarmos a construção desta pesquisa no trabalho para com as relações étnico-raciais, a Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08 que pauta essa obrigatoriedade ao ensino brasileiro, encontra um de seus desafios à implementação nas escolas, as questões regimentadas por esse tempo curricular estruturado, que ordena as relações dos sujeitos com o conhecimento e desconsidera os aspectos da subjetividade ao processo de aprender. Ao trabalharmos com a perspectiva de saberes que sofreram um processo de invisibilidade e

<https://deguaratingueta.educacao.sp.gov.br/resolucao-seduc-139-de-13-12-2021-dispoe-sobre-a-elaboracao-do-calendario-escolar-para-o-ano-letivo-de-2022/#:~:text=Artigo%201%C2%BA%20%E2%80%93%20As%20unidades%20escolares,e%20a%20m%C3%BAtua%20correspond%C3%A2ncia%20nos>. Acesso em 15 mai. 2023.

¹⁹ Decreto nº 67.255, de 10 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2022/decreto-67255-10.11.2022.html>. Acesso em 15 mai. 2023.

menosprezo no cenário educacional, por ser serem construções dos grupos subalternizados da nossa sociedade – de origem africana, afro-brasileira e indígena, nascedouros das nossas culturas populares, nos deparamos com outra lógica para se experimentar e vivenciar as propostas (metodologias), bem como disposições íntimas para acolher esse outro e esse novo, que subverte as estruturas sob as quais eu sou e estou nesta sociedade (valores, crenças).

Para Mattos e Monteiro (2021) a escolha por um trabalho, cujo fio condutor seja o das relações étnico-raciais na escola, estruturando-se sobre a perspectiva de um currículo insurgente como citado anteriormente, implica na

[...] necessidade de investir em um outro modelo de educação formativa que possa contemplar novas abordagens teórico-metodológicas capazes de recriar o ambiente escolar a partir de novos formatos de aprendizagens, que envolvam os estudantes em uma atmosfera lúdica e afirmativa, representativa do seu cotidiano, interativa do ponto de vista do conhecimento e das novas práticas esportivas e corporais (p. 5).

As manifestações das culturas populares que reverberam a sobreposição ou a justaposição de suas matrizes africanas e afro-brasileiras por exemplo, pautam suas vivências na ancestralidade e no encantamento, medindo a passagem do tempo por meio do princípio qualitativo, revelando o “tempo mítico africano” que está subordinado aos animais, às pessoas, à natureza, expressando como características a sua heterogeneidade e descontinuidade (Machado, 2019a). São abordagens diferentes que nos propõe outras formas de nos relacionarmos com os saberes e, se nos empoderamos desse trabalho com as relações étnico-raciais por meio das culturas populares – festas, expressões e manifestações, é preciso dar condições para a realização do mesmo em nossas escolas.

Sendo assim, propor aos estudantes o desenvolvimento de um trabalho com as festas das culturas populares, caminhou lado a lado com o desafio de gerir o tempo em uma dinâmica numérica e bem delimitada (aulas duplas, às quintas-feiras, totalizando encontros semanais de 1 hora e 30 minutos), porém, propondo a fruição

de experiências formativas sustentadas em outras dinâmicas de ensinar, aprender, conhecer. A dança, a oralidade, a música, os valores, a espiritualidade, a estética, que permeiam os saberes populares, são geradas nas formas de ser e estar desses sujeitos no mundo. Compreender tais manifestações não se alinha aos regimentos dos tempos curriculares instituídos em nossa educação, não possibilitando a presença dos saberes das culturas populares no exercício das relações étnico-raciais na escola.

Com a realização dessa atividade pudemos dimensionar a riqueza conceitual e estética nas manifestações e expressões das culturas populares dentro dos ciclos festivos carnavalesco, junino e natalino. Tomando por base o material reunido pelos estudantes, e em um processo de escolha coletiva e democrática, foram definidos os próximos rumos da nossa caminhada.

5. AS FESTAS

A dança é presença marcante em todas as culturas, atendendo a uma necessidade intrínseca do humano de se comunicar e se expressar ao transitar entre sua condição individual e coletiva, nas múltiplas funções sociais pelas quais elas são praticadas. A história nos evidencia que dançar, é afirmar-se pertencente a um determinado grupo social, revelando por meio dos gestos e movimentos corporais de aportes atuais ou ancestrais, o corpo como mensageiro dos valores e símbolos que orientam os modos de vida dos sujeitos de um coletivo.

Todas as culturas desenvolvem diversas linguagens, conforme sua concepção de vida, sua forma de simbolizar o mundo. No mundo todo, desde sempre, as pessoas dançam para se comunicar, expressando o indivíduo e principalmente o grupo a que pertencem. Porém todas as culturas manifestam-se através do corpo, que é, antes de tudo, o seu conteúdo (Robatto, 2012, p. 28).

Em toda boa festa, não pode faltar uma boa dança! Nossos ciclos festivos são assinalados por expressões dançadas que fulguram nos mais diversos e diferentes cenários do nosso Brasil. Segundo Brasileiro (2016, p. 143) “a expressão da dança aparece no cenário das festas populares como uma das suas manifestações que, em diálogo com as músicas, as encenações, os banquetes, os jogos, confere à cultura popular sua imagem pública”. É ela que nos conduzirá ao encontro do conhecimento e do reconhecimento da grandiosidade e riqueza das produções populares brasileiras, nos possibilitando acessar práticas até então negligenciadas pela práxis educacional.

Se faz importante destacar para o contexto dessa pesquisa as danças populares, compreendendo que elas

não são as danças da moda, pelo contrário. Danças populares são aquelas que persistem no tempo e continuam preservando os mesmos elementos dentro de uma mesma estrutura apesar de estarem sendo constantemente recriadas pela iniciativa criadora dos seus praticantes ou por necessidade de

adaptação a novos contextos. São danças que normalmente, se aprende a dançar por imitação direta, na própria vida, longe de situações formais ou eruditas de transmissão do saber. Danças populares ou folclóricas são as danças típicas, particulares a cada região ou país, que, diferentemente das danças eruditas não se universalizam. O que não quer dizer que um dia não possam se universalizar, pela qualidade artística e divulgação (Oliveira, 1991, p. 31).

O espaço da dança na escola vem se consolidando para além das festas e comemorações presentes no calendário escolar, momentos esses que, em sua grande maioria, ocorrem de forma descontextualizada. No componente curricular da Educação Física, mesmo a dança sendo reconhecida como seu campo de estudo, ela ainda é marginalizada enquanto conteúdo da área, não tendo o seu devido espaço nas práticas do componente curricular, quando comparada a outros conhecimentos por ela trabalhados (Sousa *et al.*, 2010).

Em um movimento de diálogo e articulação com outras áreas do conhecimento e das diretrizes que pautam o trabalho docente nas escolas de ensino médio do estado de São Paulo (Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio, Base Nacional Comum Curricular Ensino Médio, Currículo Paulista Ensino Médio), há que se fazer uma reflexão crítica sobre a presença da dança em nossas práticas escolares, reconhecendo-a como caminho para um aprendizado de “[...] qualidade, profundidade, compromisso, amplitude e responsabilidade” (Marques, 2007, p. 17).

É interessante pontuarmos as palavras de Vargas (2007, p.51) sobre a prática da dança na escola como uma “alternativa de trabalho fora de alguns padrões de educação formal”, nos convidando a reconhecer e encarar uma educação que ainda se faz formatada por ações e mediações padronizadas, contribuindo com um espaço desconexo às necessidades, potências e fragilidades das relações que permeiam a nossa sociedade – são contextos atemporais, sem relevância e impacto na formação dos sujeitos.

Encontramos por meio das vivências nas danças tradicionais caminhos que possam nos levar ao encontro dos saberes das culturas populares e ressignifiquem essa prática à educação e à nossa formação. A potência educativa da nossa pluralidade cultural reverbera conhecimentos e práticas de diferentes tempos e

espaços da nossa sociedade e, apoiadas nas ideias de Marques (2007, p. 38), reconhecemos nas danças brasileiras “[...] possibilidades de compreendermos, desvelarmos, problematizarmos e transformarmos as relações que se estabelecem em nossa sociedade entre etnias, gêneros, idades, classes sociais e religiões”.

Na história brasileira estão ausentes muitas das expressões da dança de cunho popular que se mantiveram ao longo dos anos. São danças ligadas às festas, às religiões, às produções culturais das nações que, dizem, contam e encantam quem as faz e quem as vê. Trata-se de incontáveis manifestações que são mantidas comumente pela tradição oral e pela sua manifestação corporal nas festas populares (Brasileiro, 2016, p. 138).

Ao analisarmos a proposta realizada, a dança na escola está desenhada em um contexto de educação que busca confluir em um projeto emancipador, por estabelecer

[...] um amplo e profundo diálogo com os saberes historicamente silenciados, provenientes das experiências dos povos subalternizados pelos processos de colonização da América Latina, sobretudo dos povos indígenas, originários dessas terras e dos povos escravizados vindos de África (Abib, 2019, p.11).

Tal parâmetro nos faz propor este trabalho junto aos estudantes do ensino médio, em uma escola no interior do estado de São Paulo, de vivências com as culturas populares brasileiras por meio das expressões dançadas dos ciclos festivos, fomentando possibilidades para uma efetivação da lei nº 10.639/03 e da lei nº 11.645/08, quanto ao reconhecimento das relações étnico-raciais na educação brasileira.

5.1 Celebrando o Frevo

Nesse ponto do caminho, para dar continuidade a nossa viagem dançada, era preciso definir as expressões e manifestações festivas das culturas populares que seriam vivenciadas com uma maior profundidade pelos estudantes. Entendemos profundidade como a contextualização das ações propostas com eles, no processo de conhecer e reconhecer essas práticas, por meio de um fruir das vivências da dança, que se conectam a todo um cenário de elementos para dar sentido e significados as celebrações do povo brasileiro.

De acordo com o embasamento teórico e a organização sob o qual a DE se estruturou para estudar as festas brasileiras, o coletivo de estudantes elencaria uma festividade ou expressão popular, associada aos três ciclos festivos brasileiros: carnavalesco, junino e natalino (Côrtes, 2000), seguindo a mesma ordem aqui registrada e com base no levantamento feito pelas pesquisas realizadas.

Um novo direcionamento seria dado aos nossos trabalhos e, para tanto, afirmando os valores democráticos e de coletividade anunciados nas ações com base nas culturas populares, nos reunimos em roda como nos mostra o registro da figura 18, para que pudéssemos escolher qual manifestação seria contextualizada em nossa Eletiva, iniciando-se pelo bolsão cultural do ciclo festivo carnavalesco.

Os estudantes que pesquisaram sobre esse ciclo compartilharam conosco as informações que encontraram dando ênfase ao que mais chamou a atenção no estudo realizado. Após a socialização das informações e, diante dos destaques feitos pelos grupos, ficou direcionado um trabalho a ser desenvolvido com a manifestação do Frevo.

Figura 18 – Escolha da festa ou expressão do ciclo festivo carnavalesco



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

A ideia inicial era também a de se definir os temas dos processos a serem vivenciados nos outros dois ciclos festivos, porém, em virtude da dinâmica escassa e desafiadora de gerenciar o tempo escolar, elegemos apenas a prática do ciclo carnavalesco e deixamos as outras escolhas para serem feitas em momento posterior.

Outro ponto é o fato de que um dos grupos, ao preencher a ficha contemplando os itens solicitados, equivocadamente ao registrar aquela que mais gostou, fez essa escolha independente do recorte do espaço tempo do ciclo carnavalesco. Eles trouxeram informações sobre a festa do Boi Bumbá, expressando sua preferência em relação a continuidade dos estudos que seriam realizados, porém, não atenderam a orientação e proposta da atividade de pesquisa, configurando esta opção como não elegível para aquele momento do processo – aprofundarmos em festas e expressões do ciclo carnavalesco.

Sendo assim, o Frevo, segundo Barbosa:

[...] ocupa lugar de destaque entre as manifestações que fazem parte das celebrações do Carnaval; é uma expressão cultural musical, coreográfica e poética de caráter coletivo, embora não deixe de se expressar também em criações individuais (2016, p. 13).

Mesmo ela sendo uma das mais conhecidas manifestações culturais populares entre os estudantes, pelo alcance e visibilidade da festa do carnaval em nosso país e no cenário mundial, eles a conheciam pelo recorte, rapidez e superficialidade das lentes das mídias, e nunca a tinham vivenciado, muito em virtude das questões espaciais e temporais que nos permeiam. Sabiam que se tratava de uma dança que usava um “guarda-chuvinha”, porém, até mesmo esse objeto tão característico dessa expressão popular carnavalesca, lhes era algo ainda muito distante e vago.

Uma das primeiras ações que tive ao definirmos que nossos próximos passos pelos caminhos da eletiva ‘Festejar o Brasil’ nos levariam ao encontro do Frevo, foi o de comprar sombrinhas de frevo para a vivência desse trabalho. Objeto simbólico dessa expressão carnavalesca (figura 19), incorporado organicamente em seus gestos e passos, a sombrinha é uma extensão dos passistas de frevo, evidenciando a sua relevância nessa dança da cultura popular brasileira, identificada na história e na dinâmica da sua movimentação. A sombrinha é o ícone que ilustra esse fenômeno cultural carnavalesco, sendo a sua maior representação simbólica na atualidade (Barbosa, 2016).

O Frevo consolidou-se em Pernambuco no início do século XX e essa expressão que marca as festividades do carnaval desse estado, traz uma ligação intrínseca com a manifestação da Capoeira. Os passos dessa dança, geométricos e ritmados, nasceram das lutas de capoeira. A sombrinha, tornada símbolo do carnaval pernambucano como já nos referimos acima, é a transformação das bengalas e guarda-chuvas, utilizados como armas no passado, no enfrentamento entre as agremiações no carnaval, assinalando a rivalidade existente entre os grupos (Côrtes, 2000).

Figura 19 – Sombrinha de Frevo na decoração da culminância.



Fonte: Autora, 2022.

Em nosso primeiro encontro para a vivência do Frevo, nos reunimos em círculo no espaço da quadra para realizarmos uma dinâmica que nos colocasse em contato com a sombrinha. O objetivo era transformar tal objeto em qualquer outro que não fosse a sombrinha, explorando a criatividade dos estudantes e permitindo que eles o manuseassem sem qualquer padrão ou limitação das potencialidades nele encerradas.

Havia uma sombrinha para cada estudante e, a nova configuração e função assumida pelo objeto seria revelada por meio de mímica. Um estudante por vez, compartilhou a nova função assumida pela sombrinha, alguns de forma mais tímida, outros de forma mais espontânea e extrovertida, porém, todos tiveram espaço e pontuaram suas elaborações, fazendo surgir arma, sacola/bolsa, bengala, espada, bebê. Para essa dinâmica planejamos uma segunda rodada, procurando trazer um grau de complexidade maior a atividade, desafiando os estudantes a realizarem o

gesto condizente ao objeto escolhido para representar com a sombrinha, bem como o som produzido por ele.

No segundo momento desse encontro, continuamos a oferecer aos estudantes, propostas de aproximação com o Frevo por meio da sombrinha. Organizados de forma dispersa pela quadra, caminhávamos enquanto uma música de Frevo tocava no som e, assim que ela fosse pausada, parávamos no local onde estivéssemos para realizar um malabarismo com esse objeto, explorando lançamentos e capturas, giros da sombrinha no ar, trocas do objeto de mão, em um trabalho de conhecimento das qualidades materiais e dinâmicas da sombrinha.

Analizando a realização dessa atividade, trago como evidência o convite que ela nos fez de sair da nossa zona de conforto, nos instigando a pensar o processo por meio do rompimento dos padrões do senso comum, alcançando outras/novas percepções sobre a relação com o objeto em questão e favorecendo a construção de um tempo e espaço acolhedor às nossas vivências para com a expressão carnavalesca do Frevo, marcado pela liberdade em nos expressarmos (sem um apontamento de certo ou errado) e pela descontração.

Finalizando as propostas de vivência e exploração da sombrinha do Frevo, coletivamente e orientados pela minha condução, praticamos algumas sugestões de malabarismos como nos mostram os registros abaixo das figuras 20, 21, 22 e 23, acolhendo as expressões dos estudantes e procurando propor uma complexidade maior aos movimentos com o objeto.

Figura 20 – Estudantes explorando a sombrinha de Frevo 1.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 21 – Estudantes explorando a sombrinha de Frevo 2.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 22 – Estudantes explorando a sombrinha de Frevo 3.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 23 – Estudantes explorando a sombrinha de Frevo 4.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

A continuidade desse nosso primeiro encontro com a expressão do Frevo, se deu com o estudo e a realização de alguns passos dessa dança, escolhidos com base em pesquisa prévia feita por nós professores.

Nesta aula foram vivenciados três dos cinco passos escolhidos: “Ponta de pé calcanhar” (figura 24), “Chutando de frente chutando de lado” (figura 25) e “Saci

Pererê”²⁰ (figura 26). Cada um dos passos foi trabalhado de forma individual, sendo acolhido por nós no reconhecimento das facilidades e desafios que neles se encerram por meio da sua especificidade, conjugados a subjetividade dos corpos que se propunham a experimentá-los.

Nesse processo foram evidenciadas questões que envolviam a consciência do nosso eixo corporal (transferência de peso), a articulação dos passos com o manuseio da sombrinha (como ela auxilia no passo de alguma forma? como a sua presença articula-se ao movimento?). Após essa vivência dos passos a proposta foi organizá-los em uma sequência para que fossem realizados, buscando dar a eles uma conexão na intenção da elaboração de uma pequena sequência coreográfica.

Figura 24 – Estudantes aprendendo passos da dança do Frevo: Ponta de pé calcanhar.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

²⁰ Passos de Frevo: o Baú da Camilinha. [Vídeo]. Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSAZuaGEnal>. Acesso em set. 2022.

Figura 25 – Estudantes aprendendo passos da dança do Frevo: Chutando de frente chutando de lado.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 26 – Estudantes aprendendo passos da dança do Frevo: Saci-pererê.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Encerramos o nosso primeiro encontro com o Frevo partilhando junto aos estudantes alguns apontamentos históricos e conceituais sobre essa expressão carnavalesca presente nas culturas populares brasileira, recorte que destacou a

relação do Frevo com a Capoeira no processo de construção da sua identidade de movimento que reverbera na sua dança.

O professor Claudemir traz em sua bagagem a vivência da Capoeira e, a sequência desse trabalho se daria com uma leitura dos passos do Frevo sob a dinâmica da Capoeira, evidenciando as semelhanças entre essas movimentações e gestualidades, contextualizando essa expressão popular brasileira em uma relação histórica e de diálogo nessa construção.

Diálogos possíveis entre o Frevo e a Capoeira são evidenciados por Barbosa (2016, p. 38) ao nos pontuar que:

conforme a abordagem sobre as origens da dança do frevo, os golpes da capoeira sugerem movimentos de ataque e defesa, muitos passos do frevo mantêm essa característica, como chutando de frente, pernada, abre-alas, rojão e tramela, passos firmes e agressivos. No abre-alas, por exemplo, parece que o passista está se preparando para brigar, dançando com as pernas abertas e os braços se movimentando para frente como se dessem socos no ar. No entanto, diferentemente do que ocorre na capoeira, no passo os dançarinos praticamente não se tocam e quase não há movimentos com as mãos no chão.

O desenvolvimento desse trabalho na DE 'Festejar o Brasil' foi impactado pela lacuna de dois encontros que não puderam ser realizados dando sequência aos processos iniciados sobre a expressão cultural do Frevo. Na aula da semana seguinte, a escola organizou-se para realizar o processo de recuperação dos estudantes, tanto das médias que refletem as questões de ensino e aprendizagem quanto das compensações de ausências, pautando ações garantidas por lei aos estudantes e previstas em momentos específicos do calendário escolar, como a finalização do bimestre, tempo e espaço no qual nos encontrávamos.

Sendo assim, a escola, de forma diferenciada da sua rotina para contemplar tal demanda, suprimiu uma semana as aulas da DE. Na semana seguinte, outra determinação regimentada pelo calendário escolar para o ano de 2022, o recesso escolar, com duração de sete dias (uma semana), também concorreu para que a

mesma não pudesse ser realizada. Ou seja, ficamos duas semanas sem as aulas da eletiva.

Ao voltar, retomamos o processo para com a expressão cultural do Frevo e, já havíamos deixado evidenciado no encontro anterior, que iríamos propor uma leitura dos passos dessa dança sob a perspectiva da Capoeira, buscando compreender como essas duas potências culturais se perpassam e dialogam no universo das culturas populares.

Iniciamos com uma dinâmica registrada nas figuras 27, 28 e 29, objetivando resgatar apontamentos partilhados na aula anterior, por meio de uma adaptação da brincadeira da 'Batata quente', utilizando-se a sombrinha de Frevo com algumas palavras-chaves penduradas nela que nos auxiliaram nessa retomada, importante e necessária, para darmos sequência a nossa viagem que sofreu uma pausa.

As palavras escolhidas para esse momento foram Capoeira, Sombrinha, Pernambuco, Passo/Passistas. Ao som de uma música do ritmo frevo, a sombrinha foi passada de mão em mão pelos estudantes e, quando ela foi pausada, aquele que estivesse com o objeto em mãos, escolheria uma das palavras nele penduradas para ser tematizada naquele momento de retomada entre nós sobre a expressão cultural do Frevo.

Figura 27 – Dinâmica com palavras sobre o Frevo 1.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 28 – Dinâmica com palavras sobre o Frevo 2.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 29 – Dinâmica com palavras sobre o Frevo 3.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Dando sequência a esse encontro, assistimos a dois vídeos²¹, recurso do qual nós lançamos mãos para ilustrar a dança do Frevo e os passos trabalhados por nós na aula anterior. Foi uma apreciação dirigida sob a condução e os apontamentos do professor Claudemir que é praticante da Capoeira.

Os *links* foram sendo construídos no transcorrer da apreciação do audiovisual por meio de evidências trazidas por ele, sensibilizando-os para a compreensão da sua influência na configuração da expressão cultural do Frevo. Foram pontuadas nas movimentações dos dançarinos as constantes transferências do peso corporal exigida na execução dos passos do Frevo, a exploração do nível baixo na realização de alguns deles, bem como os pontos de apoio corporal para a permanência e saída do nível baixo, alcançando os outros - médio e alto.

²¹ Grupo Sarandeiros. Frevo - Grupo Sarandeiros - Espetáculo Coup de Coeur. [Vídeo]. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IS8r3wG8-Js>. Acesso em set. 2022.
O Baú da Camilinha. Passos de Frevo: o Baú da Camilinha. [Vídeo]. Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSAZuaGEnal>. Acesso em set. 2022.

Muitos dos estudantes conhecem a Capoeira e inclusive já a praticaram, porém, trazer essas experiências e vivências para contextualizar a dança do Frevo representava outras possibilidades de leitura e entendimento para com essas manifestações das culturas populares brasileiras.

Após essa caminhada de sensibilização e consciência para com a gestualidade e movimentação do Frevo, fomos explorar por meio do corpo, o processo que refletimos em sala de aula, iniciando uma prática orientada pelo prof. Claudemir, realizando alguns movimentos da Capoeira, procurando enfocar os apontamentos evidenciados na partilha dos vídeos – transferência de peso, movimentos no nível baixo, apoios corporais.

Ao registrar as figuras 30, 31 e 32 em áudio e vídeo, tive a oportunidade de observar "de fora" como os estudantes realizavam a atividade. Observei o quanto foi desafiador para eles realizarem as movimentações propostas com base na Capoeira. Aqui gostaria de destacar a exploração e a participação do corpo, acessando-o por vias que não são trabalhadas com tanta frequência dentro das práticas escolares, pensando-o nas dinâmicas propostas e formatadas do cotidiano escolar e nas práticas específicas desenvolvidas nas aulas de Educação Física.

Figura 30 – Prática com movimentos da Capoeira 1.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 31 – Prática com movimentos da Capoeira 2.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 32 – Prática com movimentos da Capoeira 3.



Fonte: Autora, 2022.

Na sequência trabalhamos com dois passos do Frevo que não havíamos explorados no encontro anterior: o “Ferrolho” e a “Tesoura”²² (figuras 33 e 34). Fazendo um encerramento das propostas para com a expressão cultural do Frevo, retomamos os passos aprendidos anteriormente, somando-os aos novos com o objetivo de organizarmos uma sequência com eles, ao som de uma música de Frevo, ação que acabou não sendo contemplada em virtude do tempo finito estipulado ao nosso encontro.

O Frevo é uma dança de passos rápidos e ágeis, que convida o corpo do passista a explorar os diferentes níveis espaciais ao realizar a sua movimentação específica, aprimorando a sua consciência corporal por meio das constantes transferências de peso exigidas à execução de seus passos. Soma-se a essas características a utilização da sombrinha na dança e as infinitas possibilidades que ela oferece de ser manipulada, contribuindo à beleza, ao colorido e à liberdade de expressar-se com esse objeto.

Foi um desafio para os estudantes conjugar essas potências da expressão cultural do Frevo, evidenciadas nas propostas que foram desenvolvidas em nossos encontros. Temos a consciência de que não esgotamos todas as possibilidades de nos relacionarmos com essa expressão cultural presente nas festividades do carnaval brasileiro e, tampouco era a nossa intenção. Dentro do recorte que propomos, pautado pela dinâmica da DE, desenhamos caminhos que nos levaram ao encontro da dança do Frevo, ampliando e significando por meio da contextualização essa expressão originada das culturas populares brasileiras.

²² O Baú da Camilinha. Passos de Frevo: o Baú da Camilinha. [Vídeo]. Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSAZuaGEnal>. Acesso em set. 2022.

Figura 33 – Estudantes aprendendo passos da dança do Frevo: Ferrolho e Tesoura 1.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 34 – Estudantes aprendendo passos da dança do Frevo: Ferrolho e Tesoura 2.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

O nosso próximo encontro da disciplina eletiva não aconteceu em virtude de uma reorganização da escola para a realização da festa do Halloween. Essa ação foi encabeçada pelo Grêmio Estudantil que a pleiteou junto a gestão escolar, atendendo às reivindicações dos estudantes. Esta pausa na viagem aumentou a minha angústia e a do prof. Claudemir.

Tínhamos ciência de que o segundo semestre seria mais curto que o primeiro para o trabalho com a DE onde teríamos apenas três meses de efetivo desenvolvimento das propostas elencadas no Plano de trabalho (setembro, outubro e novembro). Sabemos que a dinâmica escolar não é linear e acontecimentos eventuais perpassam a nossa rotina, porém, frente a escassez e as limitações impostas pelo tempo, fruindo-o dentro da normatização escolar, essa situação impactou o andamento de todas as eletivas, porém, o recorte que trarei aqui será sobre o reverberar dessas ações na eletiva Festejar o Brasil.

Traçamos alguns caminhos possíveis dentro da realidade na qual nos encontrávamos para, minimamente, desenvolver nossas propostas de trabalho nos encontros que ainda nos restavam antes da finalização semestral das DEs com o evento da culminância. O professor Claudemir partilhou a ideia de apresentarmos neste momento de encerramento, o desfile de um cortejo com os estudantes, sendo anunciado por um estandarte confeccionado pela turma, onde estivessem presentes representantes ou representações das festas e expressões referentes aos três ciclos festivos que nos propomos a viajar, a pesquisar.

Definimos essa ideia como o esqueleto da nossa apresentação, a partir da qual esquematizamos as demais propostas. Verificando o tempo que nos restava, contabilizamos mais três encontros oficiais. Tivemos encontros extras, de menor tempo e que assumiram outras configurações que serão explicitadas um pouco mais a frente deste texto, porém, até o momento em que se encontra esta narrativa, essa era a nossa realidade angustiante e aflitiva diante do pouco tempo que tínhamos para a conclusão da eletiva.

Também busquei o auxílio da profa. Andresa que contribuiu com apontamentos assertivos e acolhedores para a continuação dessa viagem. Nossa atenção voltou-se para os ciclos junino e natalino, ainda não contemplados de forma mais específica tal qual o carnavalesco e que, dentro das nossas propostas de trabalho deveriam ser vivenciados.

Afirmo desde já, uma constatação talvez meio óbvia, que com eles não foi possível desenvolver a mesma dinâmica realizada no ciclo carnavalesco. Nem mesmo o processo de escolha das festas a serem trabalhadas em cada um desses ciclos teve

tratamento igual. Decidimos acolher as orientações da profa. Andresa, a seguirmos viagem pela festa do Bumba-meu-boi como representação do ciclo junino e pela festa da Folia de Reis, representando o ciclo natalino.

É importante evidenciar que essas escolhas se estruturaram, principalmente, no trabalho realizado com os estudantes no início da DE, onde, na dinâmica intitulada ‘Que festa é essa?’, já havíamos abordado um pouco dessas duas festividades que procuramos explorar um pouco mais nos encontros que nos restavam dessa viagem.

Na primeira proposta – ciclo junino, trouxemos a figura do Cazumba ou Cazumbá e na segunda – ciclo natalino, a figura do Palhaço. Nosso planejamento teve foco na apresentação das festas aos estudantes, procurando construir um contexto e um cenário representativo a esses personagens, bem como a apresentação do Cazumba e do Palhaço de uma forma pontuada e específica.

Dividimos as tarefas que envolveriam a pesquisa e a forma como seria partilhado esses conhecimentos com os estudantes, buscando ser assertivos frente a escassez de tempo que nos assolava. Definimos que o prof. Claudemir apresentaria o contexto e cenário da festa do Bumba-meu-boi, com ênfase na figura do Cazumba, e eu partilharia com eles saberes sobre a festividade da Folia de Reis, com destaque para o personagem do Palhaço.

5.2 Celebrando o Bumba-meu-boi

Ajustados os nossos roteiros, partimos em viagem novamente após o evento da festa do Halloween, e fomos ao encontro da festa do Bumba-meu-boi guiados pelo prof. Claudemir, como nos mostram os registros das figuras 35, 36 e 37. Esse encontro assumiu um caráter de apresentação, onde procurou-se trazer ao conhecimento dos estudantes, com base no planejamento e estudos feitos por nós nessa reta final de desenvolvimento da Eletiva ‘Festejar o Brasil’, o personagem do Cazumba.

O auto do boi é realizado aos quatro cantos do Brasil e, segundo Côrtes (2009, p. 26) ele “fazia parte do ciclo natalino, mas tem sido largamente difundido no ciclo

junino e no carnaval, daí a necessidade de enquadrá-lo como um auto independente.” Em virtude dessa amplitude e abrangência das festas do boi em nosso país, ao escolhermos trazê-la no ciclo junino, nossas referências estão no estado do Maranhão, lugar do Brasil onde essa celebração acontece com grande potência no mês de junho, nas comemorações para São João.

Em levantamento de campo pode-se constatar hoje, realmente, que é no Maranhão que esse rito lúdico envolve maior contingente e esforços da população. Ali a ‘brincadeira de Bumba-boi’ é intensiva nas comunidades familiares que realizam ano a ano a festa em louvor a São João (Bueno, 2001, p. 29).

Em dinâmica realizada no início da DE, os estudantes já foram apresentados ao enredo presente nessa festa, o mesmo em quase todo o país, podendo sofrer algumas variações.

O enredo gira em torno da história de um rico fazendeiro que possui um boi muito bonito, que sabe dançar. Um dos trabalhadores negros da fazenda denominado “Pai Chico”, rouba o boi para satisfazer o desejo de sua mulher “Catirina”, que está grávida e sente uma forte vontade de comer língua de boi. O fazendeiro manda seus empregados procurarem o boi e quando o encontra, ele está morto. Os pajés – curandeiros – são chamados para ressuscitarem o boi. Após rezarem, o boi renasce e todos celebram a saúde do boi com a realização de uma grande festa (Carvalho, 2013, p. 120).

A partilha desse encontro trouxe recortes dessa festividade pontuando a sua popularidade no estado do Maranhão como referenciado acima e, na sequência, uma breve explanação sobre os Sotaques que se apresentam nos grupos de boi que o festejam, quando os maranhenses brincam de “bumbar boi prá São João” (Bueno, 2001, p. 31).

Essa temática foi importante de ser contextualizada pois, a distinção entre eles, traz uma variação dos personagens que participam dessa festa. Os sotaques podem ser definidos como a diferença entre a musicalidade apresentada nos grupos de boi do Maranhão, que reflete em uma cadência diferente no ritmo em cada um deles, bem como nos instrumentos musicais dos quais se utilizam (Côrtes, 2000).

‘Sotaque’ é o termo usado no Maranhão para designar o estilo de Bumba-boi conforme a origem local, e abrange a lírica das toadas com sua maneira de cantar, a instrumentação musical com sua maneira de tocar e a indumentária com sua maneira de dançar e de atuar (Bueno, 2001, p. 32).

Ao escolhermos o Cazumba para ser apresentado e representado no evento da culminância pelos estudantes, reconhecemos que ele é um personagem presente nos bois do Sotaque de Pindaré ou da Baixada, por isso a necessidade de trazer um estudo sobre esse recorte específico, contextualizando o processo que estava sendo proposto para eles.

Apresentando-se com uma máscara denominada de “careta”, esse personagem passa a estar presente na brincadeira de boi do Sotaque da Baixada, tendo as suas origens na cultura portuguesa, onde nos festivais de inverno que ocorrem entre a região Nordeste de Portugal e a Espanha, realizam-se “[...] uma série de rituais que se caracterizam pelo uso de máscaras pelos rapazes das aldeias e cidades” (Matos; Ferretti, 2010, p. 3), e também, nos grupos e sociedades e da África, nos quais a sua presença está em festividades de caráter especial para esses coletivos (Bueno, 2001).

Figura 35 – Professor Claudemir apresentando da Celebração do Bumba-meu-boi 1.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 36 – Professor Claudemir apresentando da Celebração do Bumba-meu-boi 2.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 37 – Professor Claudemir apresentando da Celebração do Bumba-meu-boi 3.



Fonte: Autora, 2022.

Após a construção dessa relação para trazer sentido à dimensão do fazer, o prof. Claudemir compartilhou com os estudantes dois vídeos²³ selecionados por meio da nossa pesquisa e planejamento desse momento, para ilustrar o personagem que estávamos conhecendo. A visualização do Cazumba nas brincadeiras de boi do Sotaque da Baixada por meio dos vídeos apresentados, nos convida a reflexão por impactar a nossa construção social expressa nos conceitos estéticos, associados às normativas de beleza e feiura, e os desdobramentos decorrentes desse posicionamento, que nos levam a concepções equivocadas sobre algo, alguém ou um fato, por orientar-se no binômio belo – bem/bom e feio – mal/ruim.

²³ TV Assembléia Maranhão. Histórias de São João: Cazumbá, figura mística do Sotaque da Baixada. [Vídeo]. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gKA1Z-2QAxQ>. Acesso em nov. 2022.

TV Assembléia Maranhão. São João: Você já viu um Cazumbá? Conheça o trabalho de confecção deste personagem da nossa cultura. [Vídeo]. Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ITqvTOTPM38>. Acesso em nov. 2022.

O Cazumba, que brinca, diverte as pessoas, faz travessuras e transgride as regras na hora da apresentação, tem nessa máscara ou careta seu símbolo dominante e talvez o que o defina como um personagem especial, de grande prestígio, mistério, criatividade e beleza. [...] Normalmente em formato animalesco, as caretas incutem temor e medo às pessoas, sendo esta uma característica geral do Cazumbas, independente de grupo ou município (Matos; Ferretti, 2010, p. 13-14).

O prof. Claudemir trouxe apontamentos sobre a festa do Bumba-meu-boi, que referem-se as fragilidades presentes em nossas relações sociais, na compreensão estereotipada e preconceituosa que se tem para com o povo que dela brinca, categorizando os participantes em pobres e negros, sendo essas expressões culturais populares alvo de repreensões policiais.

Encontramos em Carvalho observações sobre a celebração dessa festa que ilustram as reflexões feitas acima pelo prof. Claudemir, ao nos dizer que:

introduzido pelos negros africanos, os primeiros registros sobre o bumba-meu-boi datam do final do século XVIII e início do XIX, período no qual sofreu constantes repressões pela classe burguesa ludovicense que em alguns casos, tornou impeditiva a livre manifestação pelos setores populares, em virtude do seu caráter contestatório e de sublevação à ordem socialmente estabelecida, ao mesmo tempo em que revelava estratégias de manutenção e atualização de uma memória etnocultural específica, diante de uma realidade socioeconômica excludente (2013, p. 121).

Podemos encontrar esse contexto de repressão também na história do Frevo, bem como nas festividades da Folia de Reis e demais expressões das culturas populares. O conjunto de manifestações referenciadas pelo termo cultura popular, trazem em seu cerne a significação de serem práticas realizadas por coletivos marginalizados pela nossa sociedade, orientados por princípios opostos ou alternativos à cultura hegemônica vigente que buscam expandir as limitações impostas pelas desigualdades instauradas. Práticas das culturas populares

representam uma ameaça a manutenção das nossas estruturas sociais, que privilegia com poder e capital uma minoria em detrimento da subordinação e pobreza da massa.

Simultaneamente, expressam a consciência que seus produtores e consumidores tem dessa desigualdade e de sua própria situação, subordinada, na estrutura social, veiculando, também, pontos de vista e posições que contestam a ideologia dominante, podendo, portanto, contribuir não para a reprodução, mas para a transformação da estrutura social vigente (Ayala; Ayala, 2006, p. 58).

Nesse encontro para celebrarmos o Bumba-meu-boi, também organizamos junto aos estudantes os papéis a serem assumidos por cada um no evento da culminância, onde iríamos apresentar à comunidade escolar um pouco do trabalho desenvolvido na disciplina eletiva 'Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país', figurando as expressões dançadas das festas estudadas, dando vida aos personagens que delas fazem parte.

Nos planejamentos para os encontros semanais da eletiva realizados em nossos momentos de estudos dentro da dinâmica escolar, eu e prof. Claudemir nutrimos esse espaço com muitas partilhas e trocas entre nós, diálogos que nos fortaleciam, nos encorajavam e nos encantavam diante do trabalho a ser desenvolvido, perpassado por desafios e sublimações, configurando esse tempo espaço em um verdadeiro movimento de acolhimento.

Antes mesmo de iniciarmos o próximo encontro para celebrar a Folia de Reis, fomos presenteados com o relato pessoal do prof. Claudemir sobre o seu contato com essa celebração, como preparação para a nossa próxima viagem.

5.3 Celebrando a Folia de Reis

Para além dos encaminhamentos práticos e logísticos direcionados à preparação do momento da Culminância, importantes, porém, de ordem mais procedimental abordados ao final do encontro sobre o Bumba-meu-boi, como anunciado acima, darei destaque nesta narrativa para a partilha do prof. Claudemir sobre suas memórias, trazidas do tempo em que ele tinha, aproximadamente, nove anos de idade, quando fez viagem para uma cidadezinha no estado de Mato Grosso.

O resgate dessa memória se deu em virtude de estarmos dialogando sobre a Festa de Reis, festividade que seria abordada em nosso próximo encontro. Ele narrou nessa nossa conversa o contato que teve com essa festa. A riqueza de detalhes desenhada por sua oralidade nos permitiu compor tal cenário em nossas mentes, transportando-nos para um tempo e espaço que era só dele, porém, com a partilha também passamos a ocupá-lo, como telespectadores.

Não havíamos combinado dele trazer essa narrativa e também não havíamos a direcionado para o próximo encontro. Na construção dos diálogos no transcorrer da DE, a narrativa encontrou o seu lugar, fazendo de todos nós ocupantes desse tempo espaço, apreciadores dessa vivência.

Quando criança, meus pais tinham o costume de, ao menos nas férias de dezembro, irmos em viagem para Mato Grosso, temos parentes lá, meus parentes paternos em Rondonópolis e meus parentes maternos em uma pequena cidade chamada São José do Povo, onde tive uma experiência extraordinária e marcante de religiosidade, fé e cultura. Em uma dessas viagens, tão esperadas, passamos as festas de fim de ano na casa dos meus avós Dona Irene e Seu João Duarte, e ficamos algumas semanas depois do ano novo, eu tinha por volta de nove, talvez dez anos.

Por ficar mais tempo dessa vez, participamos das festividades do Dia de Reis que se comemora no dia seis de janeiro, então tive minha extraordinária experiência. Dias antes, uma procissão de rezas e músicas religiosas, chega a porta da casa de minha vó, que me lembro na época dava direto para rua de terra. A procissão trazia um estandarte, pra mim enorme, colorido e com coisas penduradas. Entregaram o estandarte nas mãos de minha avó e, enquanto cantavam e saudavam os donos da casa ela passava o estandarte como que abençoando os cômodos e móveis da casa. Quando chegou no quarto minha avó passou o estandarte em sua cama e pendurou algo no estandarte, não recorro se um papel ou pano.

Lembro de três personagens que marcaram muito, principalmente na festa que ocorreu depois, acredito que no outro dia depois da procissão, figuras que na minha imagem de criança pareciam fortes, altos e ágeis, com roupas coloridas brilhantes e chapéus cônicos, cada um com facão na mão, e me assustavam na mesma proporção em que me deslumbravam e aguçava

minha curiosidade, por não saber bem o que estava acontecendo e tentando saber quem eram aquelas figuras, então a festa seguiu com muita comida, cânticos e orações.

Em dado momento as três figuras entram para um cômodo da casa, lembro de minha tia me arrastando pro terreiro da casa e dizendo: "aí você não pode entrar", então as três personagens sumiram. E as festividades foram se acabando.

De berço católico, anos mais tarde entendi as festividades de Folia de Reis na qual tive oportunidade de deslumbrar, e descobri que os três personagens eram, na festa, a representação de reisado ou os reis magos magníficos e assustadores (o que eu acho pertinente um rei ser magnífico e um mago ser misterioso e assustador), ainda anos depois descobri que um dos "Reis" era um afilhado dos meus pais, pessoa que eu convivia todas as vezes em que viajava para lá.

Demorei anos para descobrir quem era um dos reis, e os outros dois, sempre ficaram em meu imaginário e minha curiosidade, porém sempre preenchendo minha memória com um momento tão marcante em minha vida.

As palavras podem acolher, envolvendo-nos como em um abraço e foi assim que vislumbrei os estudantes nesta narrativa, abraçados pelas palavras do prof. Claudemir. A oralidade dentro da cultura ocidental não é reconhecida enquanto estruturante das diversas relações que se dão em nosso meio, sendo encarada como algo de menor valor e que requer predisposições desafiadoras.

Nós temos pouca ou nenhuma disposição para ouvir, seja a nós mesmos e muito menos o outro, exercitando a empatia, a solidariedade e a fraternidade de forma *fast*. Como estabelecer uma conexão de sujeito para sujeito se eu não tenho tempo de ouvir, de dar essa abertura para o outro?

É importante trazer para a reflexão desse momento o cenário e o contexto no qual firmamos nossos pés: a escola. Essa instituição desenha-se como um espaço de construção, partilha e aprimoramento do saber que se dá nas relações que se estabelecessem entre os sujeitos presentes nesse lócus. Educar está para além das definições professor ou professora e estudante – eu ensino e você aprende, encontrando significado e sentido no bojo das relações desses indivíduos. Ousaria chamar a conexão entre esses sujeitos na ação de educar de encanto.

A cultura africana e a cultura indígena têm as suas bases na oralidade. Muitos valores se configuram de maneira diferente/diversa ao pautar as relações. Há um entendimento de que a ação de ouvir, principalmente os mais velhos, não se

caracteriza como perda de tempo ou inadequação à realidade por apontamentos nascidos em outros tempos ou vindos de realidades e perspectivas que não são minhas.

Concebe-se ouvir como um exercício de conexão para a ampliação da nossa potência de ser e estar nesse mundo que me coloca em condição de respeito e responsabilidade com esse outro, fortalecendo a coletividade sem perder a essência individual. Ouvir nos coloca em um movimento de ir e vir, entre individual e coletivo, ofertando parâmetros para que as relações se construam. Trago para ilustrar a narrativa do prof. Claudemir, os apontamentos de Machado sobre a oralidade enquanto característica fundamental da cultura africana e indígena, muito evidenciada pelas culturas populares brasileira, que trazem em sua essência a conjugação das matrizes africanas e indígenas em suas expressões e manifestações. Ela nos diz que:

a oralidade apresenta-se como uma subversão constante, pois é contingente (preservando seu conteúdo), é dinâmica e, por ser dinâmica, supõe a interação e assim a voz, a pausa e o silêncio adquirem grande significado [...] e a participação de quem ouve/escuta/aprende/conhece/sente, assim como do que está em volta quando se está “sozinho/a”, sem ninguém próximo. Dessa forma, é sempre um mistério que envolve o que foi, o que está sendo e o que pode vir a ser. (2019a, p. 96).

Assim, fomos envolvidos com sensibilidade e encanto por essa narrativa, marcando o início das celebrações da festa da Folia de Reis. A dinâmica que pontuou nosso encontro foi semelhante à realizada na celebração do Bumba-meu-boi, onde compartilhamos saberes sobre essa festa, momentos registrados nas figuras 38 e 39, contextualizando o personagem do Palhaço, destacado para ser apresentado no momento da Culminância.

Tal qual a festa do Bumba-meu-boi, a Folia de Reis já havia sido pontuada aos estudantes em encontros no início do trabalho com a DE. Frente a formatação do tempo espaço escolar, como já exposto nas reflexões que permeiam estes registros, corríamos contra o tempo para concluir o desenvolvimento deste trabalho, atendendo as necessidades que balizam a eletiva, bem como as da pesquisa.

De forma geral em nossa partilha apresentação, foram pontuados integrantes da festa da Folia de Reis como o cortejo de Foliões, os Reis Magos, o Festeiro, o Embaixador/Mestre e os Palhaços ou Bastiões, evidenciando, de forma pontuada e resumida, um pouco sobre esses personagens na dinâmica da celebração.

Uma abordagem e apreciação um pouco mais aprofundada foi destinada à figura do Palhaço ou Bastião, tendo em vista os limites e os objetivos traçados para o desenvolvimento do trabalho. Uma das versões da história difundida sobre esse personagem, socializada pelos foliões da cidade de Valença, no interior do estado do Rio de Janeiro, faz referência a ele como uma representação dos soldados do rei Herodes que foram perseguidores do menino Jesus, quando anunciado o nascimento daquele que seria o salvador da humanidade (Abreu; Magno, 2017).

Quando anunciamos o Palhaço como personagem da Folia de Reis, imediatamente o imaginário dos estudantes acessou a imagem do Palhaço presente no circo. Eles não imaginavam que outro contexto e outra estética dessa figura pudessem existir.

Partilhamos um vídeo²⁴ para trazer a ilustração dessa figura a eles e apreciarmos a movimentação desse personagem em uma performance de dança. A estudante M.J. nos revelou sentir medo do Palhaço e, lancei a ela em especial, bem como para todos os participantes da nossa Eletiva, o convite para conhecer e apreciar essa figura simbólica da Folia de Reis, oferecendo outras referências sobre tal personagem.

Ela se propôs a esse movimento e o impacto dessa descoberta para a M.J. foi tão potente que ela, na divisão dos trabalhos para a Culminância, aceitou dar vida ao Palhaço da Folia de Reis, ressignificando sua relação com esse personagem por descobrir outras possibilidades dessa figura existir.

²⁴ Dança do palhaço na folia de reis. [Vídeo]. Youtube, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CljO_TurEqs&t=5s. Acesso em nov. 2022.

Figura 38 – Professora Juliana apresentando da Celebração da Folia de Reis 1



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 39 – Professora Juliana apresentando a Celebração da Folia de Reis 2



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Nas pesquisas feitas para a preparação desse momento de celebração da Folia de Reis, encontramos a figura do Palhaço a realizar uma dança intitulada “Dança do Ovo” presente em algumas festas. Por meio de movimentos rápidos e ágeis, esses personagens que desempenham um papel importante na animação da festa, devem

realizar o percurso limitado por uma fileira de ovos postos no chão, com pouco espaçamento entre eles, sem quebrá-los.

No ritmo dos instrumentos dos Foliões, eles desafiavam-se passando entre os ovos, saltando em uma perna só de um lado para outro da fileira, agachados lançando as pernas para a lateral alternadamente, percorrendo a fila de ovos na direção à frente e retornando de costa. Toda essa performance é feita com muita alegria pelos Palhaços, com o objetivo de interagir e levar divertimento ao público presente na festa.

Para ilustrar a “Dança do Ovo”, partilhamos junto aos estudantes um vídeo²⁵ e, após a sua visualização, com base no que nos foi referenciado por meio dele, fizemos a eles a proposta de realizarmos tal performance. Levamos ovos cozidos e organizamos o cenário para essa vivência como nos mostra o registro da figura 40. Omitimos a informação de que os ovos estavam cozidos e lançamos, de forma provocativa, instigando-os a participar, o convite para que eles realizassem esse desafio dançado.

Alguns voluntários aceitaram vivenciar essa proposta (figura 41), porém, para diminuir a ansiedade deles em relação a possibilidade de quebrar um ovo cru, contamos que todos estavam cozidos. Foi um alívio para eles! A “Dança do Ovo” foi um momento de superação para aqueles que toparam a experiência e de grande descontração entre todos.

²⁵ Folia de Reis do Grotão. Folia de Reis, os palhaços e a dança do ovo. [Vídeo]. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D2N3IADb8rU>. Acesso em nov. de 2022.

Figura 40 – Dança do Ovo: cenário.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 41 – Dança do Ovo: vivência.



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

No transcorrer do desenvolvimento da Eletiva, os encontros se realizaram no processo de conhecer e reconhecer as culturas populares que viajamos ao encontro. Por vezes me indaguei sobre os roteiros que fomos escolhendo para festejarmos as nossas riquezas culturais, buscando delinear o Brasil abarcando-o em sua grandiosa extensão territorial, porém, sempre nos situando enquanto viajantes que tem um ponto de partida – uma realidade, um contexto, buscando nos pertencer enquanto fruidores dessa brasilidade.

A escola estadual DBJ localizada na periferia da cidade do interior paulista de Itapetininga, em um primeiro momento, pareceu-nos estar distante dessas expressões populares por conectarem-se a nós, permeando-nos apenas por meio do nosso reconhecimento enquanto brasileiros.

Eis que neste trabalho, a estudante R.A., nos presenteia com um relato sobre a festa da Folia de Reis, onde, em uma conversa com a sua avó materna, narra a ela o trabalho que vem sendo realizado na eletiva ‘Festejar o Brasil’ de estudarmos tal celebração popular. A avó então lhe contou que seu bisavô, o pai dela, já foi palhaço na festa de Folia de Reis, um Bastião.

Quando a R.A. nos traz o relato desse encontro, o sentido e o significado do trabalho se evidenciam e se potencializam, pois, vamos alinhavando com mais precisão as nossas costuras de pertencer a esse processo e a nossa cultura popular. Os caminhos dessa viagem dançada pelo Brasil, conduziram R.A. a outras viagens singulares e subjetivas realizadas por si própria, em um movimento de descoberta das raízes culturais populares que a enraízam no nosso país.

São premissas da educação as de que ela seja uma ação que reverbere para além dos muros da escola, possibilitando aos sujeitos que se relacionam nesse processo, serem agentes conscientes e empoderados à transformação de si, impactando e ajustando as estruturas que pautam a nossa sociedade.

Estamos nos aproximando de mais um momento especial nessa nossa caminhada! Novamente olho para trás e aprecio o caminho construído até aqui... Caminho esse desbravado por pés que escolheram caminhar no passo das danças presentes nos ciclos das festas populares brasileiras, festejando os saberes do povo.

O dançar nos acolheu por inteiro: dançamos no corpo reverberando o movimento/passo/ritmo das expressões das culturas brasileiras, dançamos nas ideias e reflexões possibilitando outras percepções e compreensões ao contextualizarmos as culturas populares trabalhadas, dançamos com o outro na realização dos encontros, das viagens e das celebrações que se fazem e se traduzem na condição de ser e estar no mundo dos sujeitos, refletindo suas relações nos coletivos e comunidades das festas apreciadas e, que em alguma medida, ecoam em nós.

Meu coração se enche de alegria e gratidão pelo caminho construído até aqui. Tenho a certeza de que ele pode ser aprimorado e, na condição de pesquisadora – fazer que deve sempre pautar o trabalho docente, sigo, com responsabilidade e generosidade frente as minhas potências e limitações, destacando novas/outras possibilidades de lapidar o trabalho para futuros processos.

Essa caminhada, suas viagens e encontros, nos conferiram farta bagagem para podermos, nesse ponto do caminho, idealizarmos a nossa festa. Nosso movimento dinamizou-se por partir do nosso lócus – comunidade DBJ/Itapetininga/São Paulo, e ir ao encontro das festas das culturas populares brasileiras, celebradas em outros tempos e espaços do nosso Brasil.

Agora, para o evento da culminância que se aproxima e fecha o ciclo de trabalho da DE ‘Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país’, é hora de trazer essas festas para a nossa escola, partilhando com a comunidade escolar, aquilo que foi reunido em nossas bagagens, e claro, celebrando com alegria e entusiasmo o conhecimento que nos compõe.

6. FESTEJAR O BRASIL: A NOSSA FESTA!

Este capítulo da pesquisa será escrito na dinâmica do encantamento! O momento a ser narrado é a materialização de um processo e, ousar dizer que não representa o seu encerramento. Quando iniciamos as ações para a realização da disciplina eletiva ‘Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país’, nem sei se posso delimitar o segundo semestre do ano de 2022 pois, os desejos e anseios que impulsionaram esse fazer vem se desenhando desde muito antes da sua configuração de fato.

Não tínhamos dimensão do que foi alcançado com esse trabalho com as culturas populares desenvolvido na escola com estudantes do ensino médio, nem os lugares que foram acessados para além do encontro com as expressões presentes nos três ciclos festivos estudados (Côrtes, 2000).

Conhecemos um Brasil que apresentou-se para todos nós, com os contornos desenhados pelas culturas populares, revelado no legado de um povo brincante que no fazer-se cotidianamente, marca com colorido e encanto as mais diferentes e diversas configurações sociais.

A práxis pedagógica realizada na DE nos proporcionou ampliar nossa compreensão sobre a potencialidade das festas populares brasileiras. O aprendizado sobre as expressões dançadas não reduziu-se a uma simples apropriação dos movimentos, e sim, a um estudo reflexivo sobre os processos de discriminação e exclusão vivenciados pelos grupos sociais que são detentores desses conhecimentos (Maldonado; Neira, 2021).

A dinâmica escolar já se anunciava desafiadora em relação a escassez de tempo, proporcional a tantas demandas acumulativas de um encerramento de ano letivo, como por exemplo, a avaliação externa a nível estadual do Saresp²⁶ e fatores

²⁶ O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) é aplicado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo com a finalidade de produzir um diagnóstico da situação da escolaridade básica paulista, visando orientar os gestores do ensino no monitoramento das políticas voltadas para a melhoria da qualidade educacional. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/saresp>. Acesso em 20 out. 2023.

sociais com os quais a escola dialoga e impactam a sua organização, como a realização da Copa do Mundo de Futebol masculino, normatizando um decreto estadual que suspende os expedientes das repartições públicas nos horários em que a seleção brasileira disputará os jogos.

Nos encontramos a dezoito dias do evento da culminância, contados a partir do nosso último encontro, momento no qual as DEs desenvolvidas nesse segundo semestre de 2022 serão apresentadas a toda a comunidade escolar, partilhando um pouco do trabalho desenvolvido junto aos estudantes ao longo dos processos vivenciados. A culminância é um evento de cunho expositivo, informativo, artístico e celebrativo.

Como já pontuado anteriormente, as aulas acontecem às quintas-feiras e, um dos jogos da nossa seleção ocorreria nesse dia da semana, assim como a avaliação do Saresp, cada um em uma semana, inviabilizando, portanto, o desenvolvimento dos trabalhos e ações necessárias para o evento no tempo restante.

Houve por parte da gestão escolar a sensibilização de reorganizar o quadro de aulas nessas duas semanas que ficaríamos sem as aulas da DE, alocando-as em outro momento para auxiliar os docentes e estudantes na preparação do evento. Contávamos com dois encontros antes da culminância e isso era tão pouco!

Já havíamos iniciado o esboço do desenho da organização desse evento quando celebramos o Bumba-meu-boi, e já tínhamos definido o que seria trabalhado junto aos estudantes daquele ponto do caminho em diante para ser apresentado na culminância: o Frevo – passista e passos de frevo, o Cazumba acompanhado do boi e o Palhaço, representações dos três ciclos festivos (Cortês, 2000) que organizaram nossas propostas de trabalho.

Essa apresentação se iniciaria com o desfile de um cortejo pelas dependências da escola, um trajeto previamente definido, partindo do local onde estaríamos alocados e retornando ao mesmo ponto, encerrando com uma dança realizada pelos personagens.

Alguns papéis foram assumidos por alguns estudantes nesse desenho, sofrendo os ajustes necessários nesse transcorrer de tempo, em virtude de ainda estarmos conhecendo os personagens dessas celebrações festivas e do diálogo com

eles, mediador dos nossos processos, conjugando a individualidade e subjetividade de cada um, bem como as necessidades que foram surgindo.

É importante evidenciar que alguns estudantes assumiram as apresentações, porque se sentiram confortáveis nessa dinâmica, aceitando o convite desafio de dar vida aos personagens destacados das festas, porém, todos, sem exceção trabalharam com muita dedicação, comprometimento, responsabilidade e alegria na confecção de tudo o que foi apresentado na culminância.

O início das ações voltadas à culminância, se deu debaixo de uma forte chuva de verão que caiu nesse momento. As mentes criativas e as mãos ágeis dos estudantes, sem titubear, puseram-se a arquitetar, riscar, cortar, colorir, colar, sonhar, em um fazer imantado por muitas trocas entre eles, a construção da nossa festa.

O nível de cumplicidade e de engajamento entre nós e para com o trabalho a ser desenvolvido, alcançou os mais altos níveis, que se revelaram nas produções dos estudantes. Nosso coletivo conquistou qualidades presentes nas comunidades que celebram as expressões das culturas populares brasileiras, no tocante a autoria, mobilização e articulação dos sujeitos para o festejar. Trarei para ilustrar essa dimensão as palavras de Carvalho (2013, p. 119) quando nos pontua que:

as comemorações populares são momentos de efervescência coletiva nas quais identidades são gestadas e compartilhadas pelos atores sociais como referentes sinalizadores da diferenciação cultural. As experiências coletivas que se organizam ao longo dos momentos festivos aperfeiçoam os laços sociais entre os participantes para além das hierarquizações e dos papéis que estes desempenham numa dada realidade.

Outra qualidade a ser evidenciada nas vivências oportunizadas pela DE, marcando também esse momento da celebração do 'Festejar o Brasil' com a comunidade escolar, é a dimensão lúdica presente nas festas das culturas populares. O brincar conjuga-se a experiência do ritual que é assegurada pela memória coletiva. O verbo festejar possibilita que passado e presente dialoguem entre si, reverberando na síntese dialética da cerimônia, assinalada por suas brincadeiras (Itani, 2003).

Sendo assim, motivados com e por esse momento, recrutamos os materiais ofertados pela escola e outros adquiridos por mim para o início de mais esse processo em nossa DE. Reconheço que a oferta de materiais por parte da escola, para o desenvolvimento das ideias elaboradas para a Culminância, foi muito satisfatória no sentido de procurarem contemplar a quantidade e variedade de itens presentes na lista registrada no plano de trabalho da eletiva.

Sabemos dos desafios para se gerir as verbas da escola, evidenciados sempre na prestação de contas feitas a comunidade escolar e vivenciadas por todos nós que partilhamos desse espaço cotidianamente, revelando uma equação que não resulta de forma positiva pois, as demandas e necessidades de uma instituição de ensino são muitas, e as verbas não dão conta de atendê-las com plenitude. No desejo de que pudéssemos contar com um bom cabedal de recursos para a realização das nossas ideias, incrementei os materiais disponíveis para o nosso uso.

Os estudantes dividiram-se nas demandas a serem realizadas, orientando-se pelos personagens a serem apresentados na culminância, conjugando os papéis assumidos por cada um junto a mais colegas que auxiliaram nessa construção e deram suporte para o trabalho. Esse momento é a materialização das ideias que dançavam em nossas mentes, que foram sendo construídas ao longo de todo o processo que desenvolvemos na disciplina.

Com base no diálogo intenso e constante, fomos dando forma aos pensamentos, fazendo surgir um boi, enghado funcionalmente e artisticamente pelos nossos estudantes, máscaras para os Cazumbas e os Palhaços, e elementos que seriam utilizados na decoração do espaço a ser ocupado por nós no evento da Culminância, como pequenos Bumba-meu-boi, sombrinhas de frevo adornadas com fitas de cetim, bandeirinhas com as silhuetas dos Reis Magos, da estrela cadente e do menino Jesus na manjedoura, e o nosso imponente estandarte, que anunciaria a todos a nossa festa. Registros desse movimento podem ser contemplados nas figuras de 42 a 46, logo abaixo.

Figura 42 – Estudantes e professor Claudemir confeccionando o boi



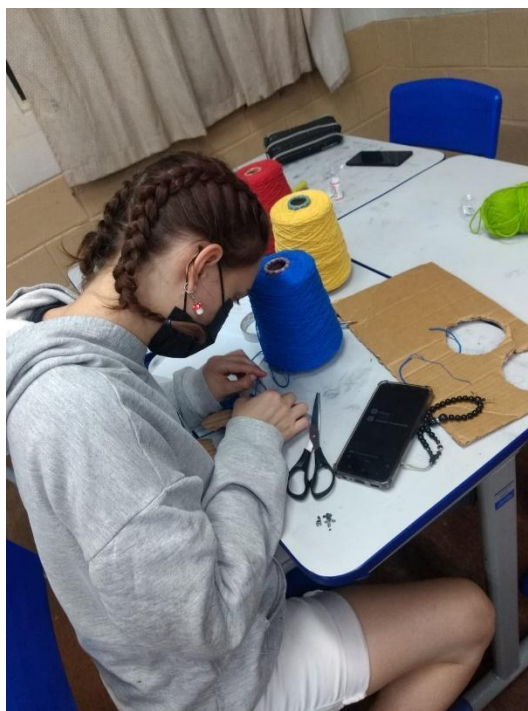
Fonte: Autora, 2022.

Figura 43 – Estudantes enfeitando a sombrinha de Frevo



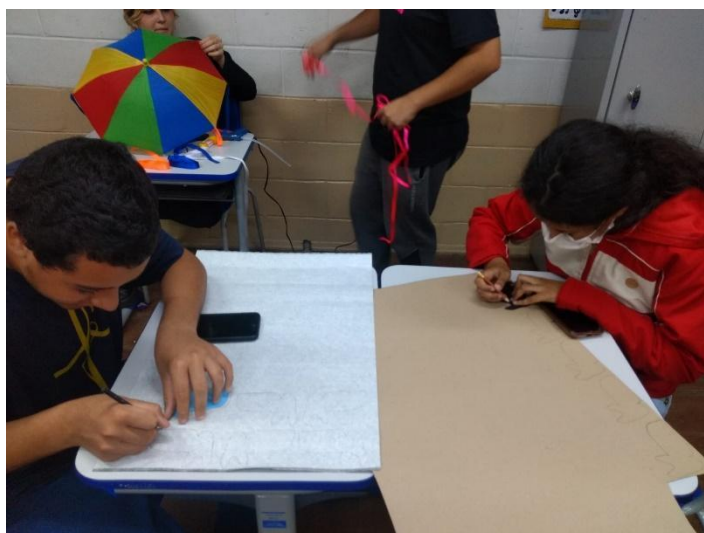
Fonte: Autora, 2022.

Figura 44 – Estudante confeccionando os elementos para a decoração da nossa festa



Fonte: Autora, 2022.

Figura 45 – Estudantes confeccionando os elementos para a decoração da nossa festa



Fonte: Autora, 2022.

Figura 46 – Estudantes confeccionando as máscaras do Palhaço



Fonte: Autora, 2022.

A construção do caminho trilhado nos processos propostos pela Eletiva Festejar o Brasil, dialogam com os preceitos de uma educação para as relações étnico-raciais que se faça por meio do trabalho com as culturas populares na escola, normatizados pelas Leis 10.639 (Brasil, 2003) e 11.645 (Brasil, 2008).

Nossas expressões festivas, celebradas nos ciclos carnavalesco, junino e natalino, ao serem contextualizadas, nos possibilitaram tomar conhecimento e ampliar, trazendo aprofundamento sobre aquilo que nos é posto por uma única narrativa em relação ao legado das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas que compõem o bolsão cultural brasileiro, iluminando por meio de um fazer reflexivo, comportamentos e posturas que empobrecem e marginalizam essas referências, e recaem em atitudes preconceituosas e estereotipadas sobre esses povos. Adichie (2019, p. 22), ilustrando essas reflexões pontua que “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”.

Todo esse movimento de fazer a nossa festa, celebrando o aprendizado que estávamos a tecer, mobilizou os estudantes para uma forma e um meio de aprender,

em consonância com os saberes desses povos, impactando-os em todas as suas dimensões como sujeitos na convivência oportunizada com esse conhecimento.

Dar vida aos personagens destacados nas expressões e festas (re)conhecidas, recriar os elementos presentes nessas celebrações, nos situou em um tempo espaço escolar de inteireza, com a vivência de um corpo que se articulou em suas diferentes frentes de comunicação, fazendo emergir as construções de todo esse processo. Segundo Silva,

se atentarmos para experiências educativas entre povos indígenas, quilombolas e habitantes de outros territórios negros, veremos que não é somente com a inteligência que se tem acesso a conhecimentos. Que é com o corpo inteiro – que ensinamos e aprendemos, que descobrimos o mundo. Corpo negros, brancos, indígenas, mestiços, doentes, sadios, gordos, magros, com deficiências, produzem conhecimentos distintos, todos igualmente humanos e, por isso, ricos em significados (2011, p. 31).

Diante dessa escassez de tempo, pleiteamos junto à gestão escolar, que alguns estudantes pudessem ir à escola no dia vinte e quatro de novembro no período da manhã, dia do jogo do Brasil pela Copa do Mundo de Futebol que ocorreria a tarde, visto que nós docentes deveríamos cumprir parte de nossas horas de trabalho no contraturno.

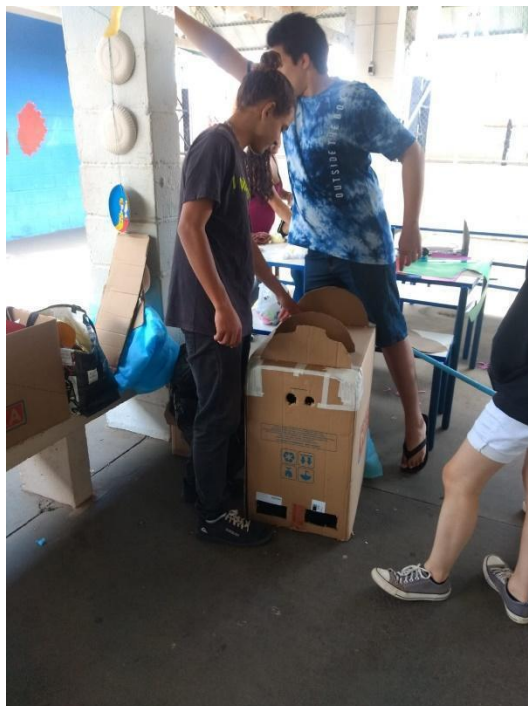
Aqui faço uma ressalva lembrando que em nossa escola, o início das aulas dos estudantes do ensino médio começa às 14h15, ou seja, estaria suspenso em virtude do decreto estadual que normatiza o funcionamento das repartições públicas nos dias e períodos dos jogos da seleção brasileira. Nosso pedido foi aceito e, sendo assim, contamos com mais um dia para nos dedicarmos ao preparo da nossa festa.

Novamente nos encontrávamos reunidos neste dia extra de trabalho, para darmos continuidade ao desenvolvimento das propostas da culminância. Observando esse processo de feitura dinamizado pelos estudantes, quero destacar nos registros que se seguem um movimento para além da simples decoração do espaço onde iríamos apresentar ou a reprodução de cenários com símbolos e elementos, destituídos de seus sentidos e significados para os contextos.

Os estudantes transformaram-se em verdadeiros artesãos, evidenciando nas produções realizadas, os impactos que as vivências e as experiências oportunizadas na eletiva 'Festejar o Brasil' trouxeram a eles. É o boi da festa do Bumba-meu-boi, mas não é qualquer boi, é o boi da nossa festa (figura 47). É a careta do Cazumba, personagem da festa do Bumba-meu-boi, mas não é uma careta qualquer de um personagem Cazumba qualquer, é o nosso Cazumba (figura 48). É a máscara do Palhaço, personagem da festa da Folia de Reis, mas não é qualquer máscara e qualquer Palhaço, é a máscara do Palhaço da nossa festa (figura 49). É a saia da passista do Frevo, mas não é qualquer saia, e sim, a saia das passistas do Frevo do 'Festejar o Brasil' (figura 50).

Tudo foi planejado e edificado pelo conhecimento celebrado por nós em nossos encontros no caminhar da disciplina ao longo do segundo semestre de 2022, e revela em seus mínimos detalhes, a relação de pertencimento e empoderamento desenvolvida por nós para com esse processo.

Figura 47 – Estudantes confeccionando o boi



Fonte: Autora, 2022.

Figura 48 – Estudante confeccionando a máscara do Cazumba



Fonte: Autora, 2022.

Esse fazer se realiza na conjugação das dimensões do intelectual e do manual que reverberam o todo porque estão nele. Atendendo a interesses de manipulação e controle social, que nos condicionam a separar o trabalho intelectual do trabalho manual, hierarquizando as relações que se dão no interior da sociedade, pontua-se o fazer como uma ação naturalmente dissociada do saber e, quando direcionada para as culturas popular, suas expressões são compreendidas como um fazer que é desprovido de um saber (Arantes, 2012).

Tais valores estão presentes no contexto educacional do nosso país, e se refletem nas práticas realizadas no chão da escola, quando se confere mais importância às propostas de intelectualização dos estudantes do que as propostas de vivências e experiências que os acessem pelo corpo por meio do fazer. As narrativas presentes nesse trabalho, evidenciadas pelas produções dos estudantes com a eletiva, nos revelam uma costura muito bem alinhavada entre essas dimensões, de modo que o saber são as construções do fazer anunciadas nas produções.

O estudante P.O. na confecção do Boi, realizou ali, naquele momento do fazer, uma pesquisa em seu celular buscando por imagens do boi na festa do Bumba-meu-boi, com o desejo de aprimorar a sua produção. Os resultados dessa busca evidenciaram seus bordados, como também ilustraram a ideia acalentada por ele de colocar fitas coloridas. Ele quis partilhar comigo as imagens encontradas e, nesse movimento de troca que sempre dinamizou o nosso trabalho, peguei o livro *Maravilhas do Brasil: festas populares*²⁷, obra adquirida ao longo do processo de pesquisa e que nos acompanhou em alguns momentos da eletiva, contendo fotos das expressões populares brasileiras, para também partilhar com ele imagens do boi, dialogando sobre os possíveis caminhos para a realização dessa produção.

O estudante A.H. nos trouxe uma fala proferida nestes momentos de construção da nossa festa, pontuando que a máscara - careta, do Cazumba que ele estava confeccionando havia ficado um pouco pesada, mas isso já era previsto de acordo com as pesquisas que ele havia feito sobre o personagem. Essas narrativas

²⁷ Boeiras, Gabriel; Cattani, Luciana; Sá, Marco Antônio. *Maravilhas do Brasil: festas populares*. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

revelam o quão pertencentes e empoderados como pontuamos mais acima no texto, encontravam-se nossos festeiros, no movimento de produção da nossa festa.

Também quero registrar aqui, o processo de confecção do estandarte, um elemento muito simbólico à nossa DE. Muitas manifestações e expressões festivas da nossa cultura carregam o seu estandarte, que se projeta como um anúncio dos saberes e fazeres daquele coletivo.

Na festa da Folia de Reis por exemplo, a bandeira, também assim chamado, ocupa uma posição central na jornada que representa a visita dos Reis Magos ao menino Jesus. Sempre é levada à frente do grupo na caminhada, empunhada de forma cerimoniosa, tocada e beijada pelos devotos da folia que nesse momento, proferem suas orações, pedidos e agradecimentos. O estandarte representa a articulação entre o plano terreno e o plano extraterreno, materializando a cosmovisão que permeia tal celebração (Abreu; Magno, 2017). A partilha da memória do prof. Claudemir conosco, narrada no capítulo anterior sobre sua vivência na festa da Folia de Reis, retrata a importância desse símbolo aos participantes dessa festividade.

Na apresentação feita pelos estudantes no dia da culminância, o estudante J.V. foi o responsável por carregar a bandeira da nossa festa, no trajeto realizado pelo cortejo nas dependências da escola. Ele narra essa experiência como sendo “única e de grande honra, um ato de tamanha responsabilidade e peso, que tive a felicidade de ser escolhido para fazer”.

A estudante R.A. é muito habilidosa artisticamente e produz desenhos que expressam muita beleza e criatividade. Em uma de nossas conversas, pedi a ela que criasse uma arte para identificar a nossa eletiva, um símbolo visual. Eis que então, ela nos presenteou com o logo do ‘Festejar o Brasil’, a imagem da figura 51, uma criação autoral da estudante que procurou conectar as expressões e festas (re)conhecidas e organizadas para serem partilhadas com a comunidade escolar e encantar o nosso processo, que estampa o estandarte da nossa festa.

Ela esboçou o desenho em preto e branco e, no processo de confecção da bandeira, idealizou as cores que poderiam compor a imagem para que ele se tornasse colorido. A própria estudante orquestrou essa construção, fazendo e mobilizando as

pessoas e os materiais necessários nessa ação. As figuras de 52 à 55 registram o passo dessa produção.

Figura 51 – Logo da Eletiva Festejar o Brasil criado pela estudante R.A



Fonte: Digitalização feita Autora, 2022.

Figura 52 – Processo de confecção do estandarte da Eletiva 1



Fonte: Estudante R.A., 2022.

Figura 53 – Processo de confecção do estandarte da Eletiva 2



Fonte: Estudante R.A., 2022.

Figura 54 – Processo de confecção do estandarte da Eletiva 3



Fonte: Estudante R.A., 2022.

Figura 55 – Processo de confecção do estandarte da Eletiva 4



Fonte: Estudante R.A., 2022.

Nossa festa também contou com uma apresentação de dança feita pelos estudantes, para trazer os personagens e elementos que estávamos construindo no evento da culminância. Nossa ideia foi iniciar essa apresentação realizando um cortejo que percorreu um trajeto pré-determinado pela escola, abrindo caminho com o nosso estandarte, seguido das passistas do Frevo, depois dos Cazumbas e o boi, e logo atrás os Palhaços da Folia de Reis, organizados pela ordem das expressões estudadas nos ciclos festivos brasileiros (Côrtes, 2000). Partimos do local onde estávamos alocados e retornamos ao mesmo, para então, ao som de um pout-pourri de músicas referentes a cada uma das festividades ali retratadas, fosse apresentada uma pequena coreografia.

Nessa ação de percorrer os espaços da escola, nossa intenção era convidar a comunidade visitante, os estudantes e docentes das demais eletivas para prestigiarem a nossa apresentação, que aconteceria em horários combinados. A sequência de movimentos foi organizada com base nas referências que tínhamos conquistadas no percurso trilhado pela eletiva, nas vivências práticas, nos vídeos assistidos, nas

pesquisas feitas, nas reflexões e diálogos pontuados entre nós ao longo de toda essa caminhada.

Tivemos poucos momentos de ensaio (figuras de 56 à 59) nesses dias de preparação que nos restavam, porém, a segurança que tínhamos para apresentar não vinha da quantidade dos ensaios, mas sim, da qualidade do processo que havíamos desenvolvido para com a DE 'Festejar o Brasil', que nos dava pertencimento e empoderamento aos fazeres.

Figura 56 – Estudantes no ensaio para a apresentação 1



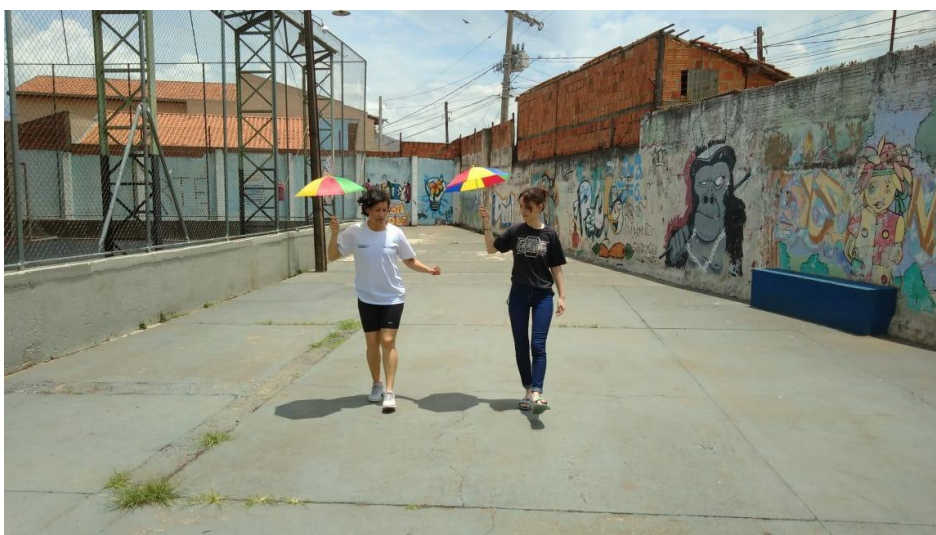
Fonte: Professor. Claudemir, 2022.

Figura 57 – Estudantes no ensaio para a apresentação 2



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 58 – Estudantes no ensaio para a apresentação 3



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Figura 59 – Estudante no ensaio para a apresentação 4



Fonte: Professor Claudemir, 2022.

Um dia antes da culminância marcada para o dia seis de dezembro, uma terça-feira, a gestão organizou um horário diferenciado dentro da dinâmica escolar, viabilizando que o dia anterior fosse destinado para os ajustes finais das DEs que se apresentariam no evento. Reunimos o nosso coletivo e iniciamos a continuidade dos trabalhos, tendo ainda demandas a concluir, porém, com todos muito engajados em mais esse momento do processo.

Ainda não havíamos definido qual dos locais de apresentação elencados, a eletiva iria se fixar para ser prestigiada pela comunidade escolar. Em um primeiro momento havíamos pensado nos quiosques que ficam na área do pátio da escola, local externo e aberto. O tempo apresentava-se marcado por chuvas passageiras, porém, intensas, as famosas ‘chuvas de verão’.

Em virtude da sua inconstância, decidimos migrar para um local coberto, porém, sem perder a qualidade do espaço necessária à nossa apresentação. Sendo assim, nos fixamos na quadra da escola. Nossa decoração não ganhou tanto destaque neste local pois ele é muito grande, e tentamos organizá-lo da melhor maneira possível que encontramos, concentrando os materiais confeccionados em um recorte desse espaço. Foi uma mobilização muito intensa por parte de todos nós

para deixarmos pronto o máximo de coisas, restando o mínimo para o dia seguinte, horas antes do evento.

6.1 A Culminância

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (Freire, 1996, p. 73).

A frase citada acima, que faz a abertura da última narrativa deste trabalho, ilustra com muita sensibilidade e verdade o momento no qual situou-se a nossa eletiva. Os caminhos percorridos por nós, nos legaram vivências e experiências com os saberes e as expressões das culturas populares brasileiras presentes nas festas e danças do nosso país que contemplaram os três apontamentos trazidos na citação do autor Paulo Freire.

A culminância demonstrou de forma artística os processos de ensinar e aprender que se deram ao longo do nosso trabalho desenvolvido neste segundo semestre do ano de 2022, revelando a síntese entre as celebrações e os desafios encontrados frente à proposta de (re)conhecer, apreciar e se encantar, com os saberes do povo brasileiro.

Aqui, falamos de uma “gente muito nossa” como nos diz Brandão (*apud* Dumond, 2005, p.5) citado na abertura dos capítulos iniciais desta pesquisa, porém, que no ocultamento da diversidade são referenciadas como “[...] espezinhadas, economicamente despossuídas, culturalmente desvalorizadas” (Silva, 2011, p. 31). Mesmo vivendo em meio a contextos de opressão, elas se ressignificam ao se expressarem, sustentadas por seus valores edificados no pertencimento étnico-racial.

Abrir as portas da escola para que possamos reconhecer e valorizar o legado afro-brasileiro e indígena no chão da escola, está para além do cumprimento de leis que normatizam a educação brasileira, e sim para a construção de uma sociedade que de fato seja e se reconheça de maneira respeitosa na diversidade.

Assim que chegamos à escola, no período da manhã, retomamos as ações daquilo que ainda necessitava ser feito e organizado para a nossa apresentação no evento. Ainda tivemos tempo de realizar um último ensaio, antes de nos prepararmos para recebermos o público.

No primeiro momento, ainda no período da manhã, apenas os docentes e os estudantes das outras eletivas estariam fazendo a visitação. No período da tarde, os portões seriam abertos para a comunidade em geral. Estávamos prontos e na expectativa por partilhar com os demais o nosso caminho até aquele momento.

Havia timidez, um pouco de insegurança de como se daria a receptividade do público frente ao novo que lhes foi apresentado, mas estávamos fortalecidos pelo encantamento e pelo conhecimento que o trabalho desenvolvido nos trouxe. A festa era nossa e os convidados fizeram parte ao apreciarem essa celebração, acolhidos no lugar de sujeitos expectadores, fruindo dos nossos processos e sendo impactados nas subjetividades que lhes compõe.

E assim, nos apresentamos com a PROCURA (figuras 60 à 62)...

Figura 60 – Estudantes apresentando a Eletiva para visitante



Fonte: Autora, 2022.

Figura 61 – Organização dos estudantes para a saída do cortejo pela escola



Fonte: Professora Andresa, 2022.

Figura 62 – Bebê brincando com a cabeça do boi

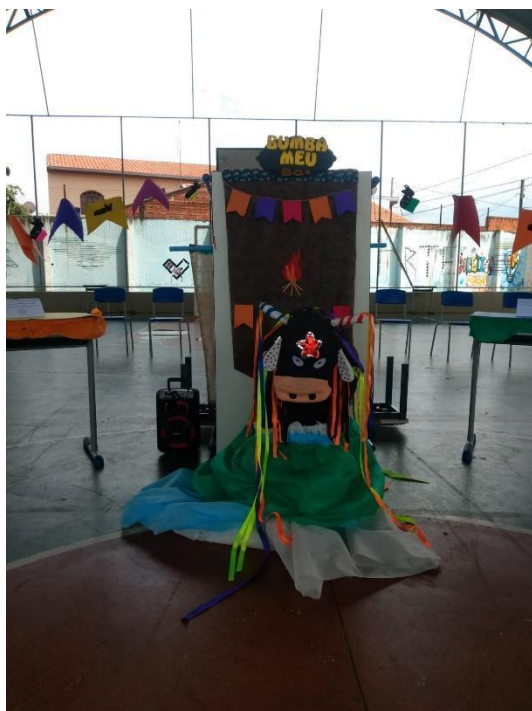


Fonte: Autora, 2022.

... ao partilharmos de forma expositiva, reverberando no corpo, na dança, na estética, na música, os saberes que foram encontrados pelo caminho e nos fizeram pertencer.

E assim, nos apresentamos com a BONITEZA (figuras 63 à 66)...

Figura 63 – Decoração organizada pelos estudantes para o evento da culminância



Fonte: Autora, 2022.

Figura 64 – Estudantes representando as passistas de Frevo



Fonte: Autora, 2022.

Figura 65 – Estudantes representando o Cazumba e o boi da festa do Bumba-meu-boi



Fonte: Autora, 2022.

Figura 66 – Estudantes representando os Palhaços da Folia de Reis



Fonte: Autora, 2022.

... ao partilharmos a beleza e o encanto que se revelam nas produções coloridas e vibrantes edificadas nos processos de elaboração e construção da nossa festa.

E assim, nos apresentamos com a ALEGRIA (figuras 67 à 69)...

Figura 67 – Cazumba e o boi em momento descontraído



Fonte: Autora, 2022.

Figura 68 – *Selfie* das estudantes representando os Palhaços da Folia de Reis



Fonte: Estudante T.A., 2022.

Figura 69 – Foto do grupo da Eletiva Festejar o Brasil na culminância



Fonte: Gestão escolar, 2022.

... ao partilharmos o nosso pertencimento a este trabalho, na relação de ser e estar que nos conectou em todos os momentos desse caminho. Não estampamos nossa alegria apenas no sorriso dos lábios, mas sim no corpo todo que, ao vivenciar

e experimentar as manifestações e expressões das festas presentes nas culturas brasileiras se ressignificou – para nós, para o outro e para o mundo.

Tive a alegria e a generosidade de contar com a presença no evento da Culminância da querida Profa. Andresa, orientadora dessa pesquisa e fomentadora desse trabalho desenvolvido pela DE. Em uma de nossas conversas, após a finalização das ações para esse evento, pontuei a ela que um caminho possível, dentre tantos outros, foi desenhado para dar acesso aos saberes e fazeres do povo, por meio das vivências e experiências, tendo como contexto e cenário os ciclos festivos na escola. Caminho feito, continuamos a caminhar sobre ele, seguindo essa direção, buscando ampliá-lo festejando o nosso Brasil.

6.2 Relatos dos estudantes que participaram da Eletiva Festejar o Brasil

Após o término da Eletiva foi elaborado um questionário via Google Forms, e encaminhado aos estudantes para que eles respondessem, registrando suas impressões sobre o trabalho desenvolvido na disciplina. Muitos estudantes que participaram da disciplina já concluíram essa etapa da sua formação escolar e não frequentam mais a nossa escola.

Frente a esse contexto, lançamos mão dessa ferramenta para hospedar o questionário e ter alcance junto a eles que já não dividem mais conosco a rotina escolar. Na tentativa (jamais para limitá-la ou empobrecê-la, tornando-a finita) de ilustrar tal encantamento, compartilho nesse momento da narrativa da pesquisa, as vozes dos estudantes sobre os caminhos por nós percorridos e o reverberar da viagem dançada pelo nosso país em cada um deles.

Como foi para você participar da Eletiva Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país?

Foi uma experiência nova, e muito interessante, principalmente sobre o contato com novas culturas presentes no nosso Brasil, foi um momento de diversão e de muito conhecimento, que me proporcionou experimentar novas experiências. (J.V.)

Foi muito legal, além de descobrir mais sobre as festas, culturas e histórias das regiões do Brasil. Poder compartilhar isso tudo com outras pessoas. (P.O.)

Foi uma das melhores experiências, buscando conhecimento sobre cada região de nosso país, cada informação nova que eu nunca tinha ouvido falar, o projeto "Festejar o Brasil" fez com que eu visse coisas novas. (A.H.)

Participar dessa eletiva foi algo novo, fez com que eu adquirisse conhecimento de danças que eu só tinha ouvido falar. Foi algo significativo, porque eu não imaginava que eu ia gostar tanto e me dar bem até na hora de dançar o frevo. (M.C.)

Para mim, participar da Eletiva Festejar o Brasil, foi algo que marcou, e acredito que vai ficar bem marcado na minha memória. Eu sempre gostei de estudar e aprender sobre culturas diferentes e desses tipos de manifestações que se davam como danças. Escolhi essa eletiva com uma enorme vontade de aprender sobre as culturas diferentes dentro do nosso próprio país, e nunca imaginei que existiam tantas culturas e danças totalmente diferentes dentro do próprio Brasil. A nossa dança final, foi algo muito emocionante de se ver, eu ia na frente, quando olhava para trás, via todo mundo da eletiva caracterizados com as roupas que nós mesmos fizemos a mão, com a ajuda da professora, e quando íamos andando pela escola, muita gente vinha nos seguindo. E foi muito legal de fazer algo em que três festas/danças estavam se apresentando juntas (Bumba-meu-boi, Folia de Reis e Frevo). Eu acredito que uma parte de mim sempre vai precisar estar participando de algo assim e sempre colocar na prática. É muito bom e satisfatório de pensar que fiz parte disso, dançando o frevo. A própria coreografia, por mais que não seja como a de um profissional de frevo, nos faz entender melhor da história dessa dança e do porquê eles dançarem com a sombrinha. (R.A.)

Para mim participar da eletiva Festejar o Brasil foi incrível, aprendi várias coisas diferentes, interessantes e legal, foi uma enorme gratidão poder estar ali vivendo tudo aquilo, praticando e aprendendo, e o melhor, aprendendo e tendo conhecimento de uma forma diferente. E representar (dar vida) ao personagem do Cazumba que apresentamos na Culminância a festa do Bumba-meu-boi, foi totalmente inexplicável, eu adorei dar vida a esse personagem, foi algo tão legal, divertido e diferente. E também, além disso tudo, isso me ajudou a perder um pouco da vergonha, algo que

me ajudou e incentivou bastante, o Cazumba foi o personagem que me chamou bastante atenção entre todas as coisas, então para mim foi uma felicidade imensa em poder representar esse personagem, dar vida a ele! E enfim, eu adorei ter vivenciado tudo que ocorreu na eletiva, cada coisinha foi incrível e marcante! (S.E.)

Festejar o Brasil, me trouxe um misto de emoções, ficar encantada com a diversidade brasileira e suas culturas. Com todas as apresentações de danças diferenciadas e seus significados me faziam entrar no mundo da lua e querer dançar, aprender a fazer aquilo. A que eu mais gostei foi Bumba-meu-boi, a história dele, as danças foi sensacional quando fizemos a brincadeira na quadra. Quando decidimos dar vida para os personagens das danças e o meu era o meu medo de criança, eu pensei mil vezes antes de fazer, mas eu não tinha visto como realmente era o Palhaço. Pesquisei, pensei bem e decidi encarar esse medo e interpretar o Palhaço. Achava que iria ficar com medo, porém quando fui criando minha máscara me veio uma alegria de estar fazendo parte daquilo e todo o medo sumiu, acabei no fim amando de ter sido uma palhaça. (M.J.)

Como foi para você carregar o estandarte da nossa eletiva que anunciava a passagem do nosso cortejo?

Foi uma experiência única e de grande honra, um ato de tamanha responsabilidade e peso, que tive a felicidade de ser escolhido para fazer. (J.V.)

Como foi para você representar (dar vida) uma passista de Frevo ao trazermos para a culminância a expressão cultural do Frevo presente nas festividades do carnaval?

Foi algo divertido, eu não estava muito a fim da ideia de dançar mas depois achei muito interessante em mostrar o frevo pro pessoal que ia assistir, ter dançado todas aquelas vezes foi ficando cada vez mais legal apesar da vergonha no começo, ter dado vida a uma passista de frevo foi incrível. (M.C.)

Como foi para você representar (dar vida) ao personagem do Cazumba/Cazumbá ao trazermos para a culminância a festa do Bumba-meu-boi?

Foi uma experiência espetacular, pois o público que presenciou na apresentação, nunca tinha visto tal personagem, por ser cultura de outra região, ficaram surpresos com a apresentação... Vieram até mim, perguntar mais sobre o

personagem, tiraram foto e tals... Adoraram o personagem e a apresentação... Inclusive eu amei também! (A.H.)

Como foi para você representar (dar vida) ao personagem do boi ao trazermos para a culminância a festa do Bumba-meu-boi?

Foi umas das melhores experiências que já tive. Só de ver as crianças se divertindo com o boi, os professores perguntando quem era o miolo do boi, me deixavam feliz. (P.O.)

6.3 Produto educacional

O Produto educacional é uma exigência do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF e acompanha o corpo desta pesquisa. Reconheço na elaboração desse material, uma outra possibilidade de partilhar a pesquisa realizada, dimensionando-a por meio de outras linguagens e suportes.

Desde o início do desenvolvimento desse estudo, com a sua aplicação no trabalho da disciplina eletiva ‘Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país’ junto aos estudantes do ensino médio, por meio da metodologia das narrativas autobiográficas, já tinha idealizado o que desejava alcançar com essa construção: a confecção de um Passaporte Cultural.

A origem dessa ideia nasce da possibilidade em compartilhar os processos de desenvolvimento da pesquisa, seja com as escolhas que impulsionaram, sustentaram e fomentaram o nosso fazer, bem como os desafios enfrentados por essa busca, dentro de um tempo espaço escolar que dialoga com uma estrutura sistêmica maior e operacionaliza a educação em nosso país, dentro do nosso recorte, o estado de São Paulo.

O Passaporte Cultural está nos possibilita acesso aos caminhos trilhados, revelando um movimento flexível de constante direcionamento dos nossos passos, pelo diálogo com os estudantes, pelo diálogo com as limitações e potencialidades da

escola/educação, no atendimento aos objetivos que havíamos pontuados: trabalhar com os ciclos festivos na escola, com suas manifestações e expressões dançadas.

Inicialmente, planejamos a construção do passaporte pelos estudantes, material que traria registrado os impactos desse trabalho com os jovens participantes da DE. No transcorrer da leitura deste texto, fica evidente na narrativa o quão desafiador foi organizar o tempo para o desenvolvimento das propostas da eletiva. Muitas situações perpassaram o seu curso e exigiram um replanejamento das ações para que fosse possível assegurar os objetivos e princípios da pesquisa.

Sendo assim, a confecção do Passaporte Cultural traz a minha curadoria, ao organizar as narrativas autobiográficas da pesquisa, remodelando-as para essa proposta. Tais falas são de essência qualitativa e registram a minha percepção enquanto pesquisadora e porta-voz das nossas vivências e experiências com a disciplina.

O Passaporte Cultural é um documento vivo e cheio de afetos, no sentido de registrar aquilo que me afetou ao longo desse processo, como sujeito/docente/pesquisadora, bem como o impacto desses afetos nos estudantes que, por meio dos depoimentos partilhados após o término da eletiva, contam como os processos vividos foram assimilados por eles.

Que os relatos partilhados possam inspirar outros trabalhos, outras ações, outras leituras, outros movimentos nas diversas realidades escolares que pontuam a nossa educação, para acolher as culturas populares em nossas escolas, com reconhecimento e valorização do seu legado.

A ideia de viajarmos ao encontro das festas, construindo e aprimorando a nossa bagagem para a construção da nossa festa, também sustenta a concepção desse material. Optei por privilegiar no passaporte os registros das imagens coletadas ao longo da realização da pesquisa, bem como o acesso a pequenos vídeos que evidenciam por meio das ilustrações audiovisuais os nossos fazeres na eletiva 'Festejar o Brasil'.

Por fim, o meu desejo com a produção deste produto educacional - o Passaporte Cultural, é acolher de forma sensível e artística o trabalho desenvolvido por uma dupla de professores junto aos seus estudantes que se entregaram à

proposta de conhecer e reconhecer o Brasil por meio das suas celebrações populares. É com imensa alegria e gratidão que partilho esse material, presente na continuidade do corpo deste trabalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei a construção dessa pesquisa partilhando os encontros que ao longo da minha caminhada, reconhecida desde antes desse tempo-espço do mestrado, foram orientando os meus passos até a configuração desse momento presente. Sendo assim, trarei neste arremate de costuras das narrativas, os encontros que o desenvolvimento da disciplina eletiva, ‘Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país’, oportunizou a nós, buscando desenhar os caminhos trilhados ao assumir a decisão de trabalhar com as culturas populares na escola, no (re)conhecimento dos ciclos festivos brasileiros nas suas manifestações e expressões.

Uso o pronome no coletivo “nós”, referindo-me aqueles que vivenciaram esse processo no fazer a Eletiva – eu, estudantes, prof. Claudemir, comunidade escolar, e a você que, mediado pela leitura dos capítulos também viveu o trabalho realizado.

Reconheço que outros arremates podem ser feitos a essa costura, bem como outros encontros podem acontecer, por se tratar de uma abordagem qualitativa das vivências e experiências tecidas no trabalho. Reafirmo que a ideia não é esgotar as possibilidades ou revelar apenas uma possibilidade, para se abrir as portas da escola aos saberes e fazeres das culturas populares, mas sim, a de fomentar e instigar os diálogos para ações que evidenciem a pauta das relações étnico-raciais na educação em conformidade com as Leis 10.639 (Brasil, 2003) e a 11. 645 (Brasil, 2008).

Para além de serem normativas legais que orientam as relações de ensino e aprendizagem na escola, essa temática que direciona as nossas propostas pedagógicas, reflete uma postura democrática, ao buscar validar a diversidade presente em nossas estruturas sociais, auxiliando na construção de bases para relações mais respeitadas, acolhedoras e sensíveis entre os sujeitos.

O Primeiro encontro – abrir as portas da escola para os saberes das culturas populares, foi um movimento desencadeado pela DE ‘Festejar o Brasil’ que oportunizou a construção de espaços, de natureza física e natureza pedagógica, à realização de processos de ensinar e aprender mediados por saberes que foram suprimidos dos currículos escolares, em virtude da hierarquização das culturas em nossa formação social.

Ao pautarmos vivências e experiências que partam de outra perspectiva, que não a do colonizador – europeu, homem, hétero, branco, alcançando formas diversas de ser e estar nesse mundo, de promovermos nossas relações com o outro, com a natureza, contribuímos para o aprimoramento da vivência na diversidade, tão propagada pela educação e ainda ausente dos espaços escolares.

As comunidades que celebram as festas destacadas pela Eletiva, se manifestam e se expressam – a dança é um dos recortes possíveis desse cenário, como forma de resistência a essa hierarquização instituída, protagonizando o seu vasto, rico e poderoso manancial de saberes e práticas que, ao serem valorizados pela educação torna visível esse legado (Abib, 2019).

Uma das configurações sob a qual a escola se estrutura no presente momento, está na organização das disciplinas desenvolvidas com os estudantes, onde encontramos a Eletiva, que traz na sua proposta a abertura para a realização de um trabalho conjugando as demandas não tão potencializadas pelo currículo, como as festas e danças presentes nos ciclos festivos brasileiros, dando a possibilidade deles acontecerem de forma mais contextualizada, ocupando tempos e espaços que não apenas o das apresentações em datas comemorativas ou festas escolares, mas sim o espaço de ensino, mesmo diante de todas as fragilidades e limitações que possamos encontrar (Brasileiro, 2010).

Nessa proposta, valemo-nos dos princípios que orientam os fazeres na educação de dois docentes – eu e o prof. Claudemir, articulando, para além das especificidades do conhecimento sobre a Educação Física e a biologia (nossos componentes curriculares), a investidura da posição de educadores que dialogam com suas experiências de vida enquanto sujeitos (estamos ligados a manifestações e expressões das culturas populares brasileira: Grupo Corpos Brincantes – Coco de roda e dança e matriz africana e afro-brasileira e, Babalorixá – Umbanda e Candomblé) e que se refletem em nosso compromisso com a educação, na sensibilização e reconhecimento da potência que são as culturas populares.

Não é uma condição para se propor um trabalho dessa natureza na escola, o educador ter essa vivência. Apenas trago esse apontamento para reafirmar condições

e motivações nesse processo, que compõem a nossa subjetividade e sustentaram os passos dessa caminhada.

No segundo encontro – vivenciar uma educação pautada nas relações étnico-raciais, o trabalho feito nos convidou ao exercício de existir em diálogo com o outro, aqui representado pelos saberes, manifestações e expressões presentes nas festas populares. Aceitar e validar a diversidade dentro das relações étnico-raciais está, para muito além de situações e contextos que nos organizem em tempos e espaços da sociedade, que nos assegurem o distanciamento necessário à manutenção dos padrões já estabelecidos para as relações entre os sujeitos.

Eu respeito o outro na condição da sua diversidade, desde que ele esteja posto em seu lugar, na representação de que a teia social é construída por relações simplistas e pobres, que não se interpenetram. A ação de conhecer a diversidade presente nas diferentes culturas precisa ser ampliada e aprimorada, alcançando uma nova configuração quando falamos de educação.

É necessário que as diferentes perspectivas, reveladas pelos símbolos, pelos saberes, pelos fazeres das culturas populares, estejam presentes na escola e estabeleçam diálogos (Silva, 2005). É matricular na escola o boi e o Cazumba da festa do Bumba-meu-boi, os Palhaços da Folia de Reis e as passistas de Frevo, que eles frequentem as nossas salas de aula, anunciando por meio de múltiplas vozes – corporal, estética, sonora, subjetiva, modos de ser e estar no mundo.

As vivências da DE procuraram ofertar aos estudantes, contextos que os levassem para uma relação com as culturas populares que se realizasse atendendo a princípios de multirreferencialidade, conduzindo o conhecimento no trânsito entre o conhecer e o fazer, configurando um espaço de ensino e aprendizagem que reverberou na confecção dos elementos e símbolos presentes na nossa festa, levados a público na apresentação da culminância.

Os contornos que desenharam esse espaço dentro da escola e acolheram os encontros planejados pela eletiva, contribuem para uma abordagem plural do currículo de forma diversa e reflexiva, inspirados pela dinâmica da vida enquanto essência dessas culturas (Machado, 2019b). Dar vida aos elementos e personagens das festas trabalhadas, na realização de um movimento que vai desde o estudo sobre eles,

passando pela sua confecção, até o tomar para si, no sentido vestir-se dele e animá-lo, trilha um caminho que efetiva uma relação de proximidade e diálogo com esses conhecimentos das culturas populares.

A construção de relações de pertencimento/encantamento por meio do conhecimento, caracterizou o terceiro encontro. Nele foi possível que os estudantes se aproximassem das culturas populares, por meio das manifestações e expressões dançadas nos ciclos festivos que fomentaram a construção da nossa festa e, desenvolvessem com elas relações com um maior nível de profundidade, provocando neles o estado de encantamento e pertencimento ao contexto da disciplina eletiva.

Os relatos dos estudantes que participaram dos encontros e seus processos, registrados no último capítulo da pesquisa, revelam momentos de descoberta a todos eles no tocante às dimensões culturais do Brasil e, evidencio por meio da relação que se estabeleceu com o saber vivido e experimentado, uma forma de ser e estar – pertencer, que se dá no reconhecimento do bisavô que foi Bastião na Folia de Reis, na ressignificação do medo do Palhaço ao assinalar com a sua presença na festa de Reis outra possibilidade desse personagem existir, ao me sensibilizar à oportunidade de trabalhar com a minha timidez buscando superá-la com a mobilização dos meus esforços na realização do trabalho abraçado para com a disciplina eletiva, e outras não mapeadas por essas narrativas pela sua finitude no tempo espaço.

Trabalhar com a disciplina eletiva ‘Festejar o Brasil’ frente a um quadro social e educacional de relações marcadas pela complexidade que se originam no contexto da diversidade que nos compõe, internaliza as culturas afro-brasileiras e indígenas, bases da formação cultural brasileira, reconhecendo-as na constituição dos modos de vida da nossa sociedade assinalada de norte a sul do Brasil.

Em um primeiro momento parecem distantes a nós, porém, ao construirmos os caminhos ao encontro das culturas populares no cenário das festas, revisitamos e nos conectamos aos caminhos que nos trouxeram até o presente tempo e espaço da eletiva, em um movimento de nos pertencer e de nos reconhecer, ao acessar a nossa história, nossa ancestralidade, com a beleza e a sabedoria desses povos, na qual somos vistos em totalidade e não em fragmentos, reveladas nas várias dimensões que somos compostos em diálogo com os diferentes ciclos da vida (Gomes, 2001).

Esse encontro, que se deu para cada um de nós em diferentes momentos desse trabalho e de diferentes formas, é o que caracteriza com encanto esse processo de pertencer.

Assim, com muita alegria e gratidão, compartilhamos essa pesquisa que por meio da metodologia das narrativas autobiográficas (Benjamin, 2018; Rúbio, 2016; Passegi *et al.*, 2016; Marques e Satriano, 2017; Santos e Garms, 2011), lançou luz às potências e as fragilidades em se desenvolver um trabalho com as culturas populares, por meio do (re)conhecimento das manifestações e expressões dançadas nas festas brasileiras, revelada pelos símbolos e personagens nela estudados no cenário e contexto da educação.

Com a elaboração da DE 'Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país', que evidenciou a nossa postura nos princípios de uma educação para as relações étnico-raciais, construímos caminhos, para uma vivência mais efetiva da diversidade na escola (para além da exposição) e que possa impactar os estudantes em sua formação.

Organizamos com base no trabalho apresentado, um produto educacional chamado Passaporte Cultural que, acompanhando a sequência das narrativas desse trabalho, nas viagens e encontros às festas, o compartilhar de forma artística e objetiva, na busca por inspirar e fomentar outros caminhos para se levar a cultura popular, os ciclos festivos e suas manifestações e expressões dançadas para dentro da escola.

Festejamos o Brasil em uma viagem dançada pelo nosso país!

Obrigada por nos acompanhar até aqui.

REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. **Culturas Populares, Educação e Descolonização**. Revista Educação em Questão, [S. l.], v. 57, n. 54, 2019. DOI: 10.21680/1981-1802.2019v57n54ID18279. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/18279>> Acesso em: 11 mai. 2023.

ABREU, R; MAGNO, M. **Desafios na patrimonialização de bens imateriais de caráter religioso: o caso das Folias de Reis Fluminenses**. Religião & Sociedade, 37(3), 18-45, 2017. DOI:10.1590/0100-85872017v37n3cap01. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n3cap01>> Acesso em: 11 mai. 2023.

ADICHIE, C N. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARANTES, A. A. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos; 36).

AYALA, M.; AYALA, M. I. N. **Cultura Popular no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2006.

BARBOSA, Y. (coord.). **Frevo**. Brasília, DF: Iphan, 2016.

BARRETO, D. **Dança...: Ensino, Sentidos e Possibilidades na Escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

BENJAMIN, W. **O Contador de Histórias. Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov**. In: **A Arte de Contar Histórias**. São Paulo: Hedra, 2018.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SECAD/SEPPIR. (2004). Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 21 mai. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> Acesso em: 21 mai. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm> Acesso em: 21 mai. 2023.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 003/2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC/SECAD/SEPPIR. (2004). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf> Acesso em: 21 mai. 2023.

BRASILEIRO, L. T. **A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira.** Pro-Posições, Campinas, SP, v. 21, n. 3, p. 135–153, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643327>> Acesso em: 23 out. 2022.

BUENO, A. P. **Bumba-boi Maranhense em São Paulo.** São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

BUNGESTAB, G. C. **Educação Física, Ensino Médio e Juventude: Vamos Falar Sobre Crise?. Pensar a Prática.** Goiânia, v. 22, 2019. DOI: 10.5216/rpp.v22.53197. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/53197>> Acesso em: 13 jan. 2024.

CARVALHO, K. D. **Os Barracões de Bumba-Meu-Boi: Lugares de Memória e Recursos para o Desenvolvimento do Turismo Cultural em São Luís, Maranhão**

(Brasil). Revista Turismo & Desenvolvimento, (19), 111-133. (2013). Disponível em: <<https://doi.org/10.34624/rtd.v0i19.12541>> Acesso em: 13 jan. 2024.

CASTRO J., LUÍS VICTOR (ORG.). **Festa e Corpo: As Expressões Artísticas e Culturais nas Festas Populares Baianas.** Salvador: EDUFBA, 2014.

CAVALLERO, E. **Introdução.** In: **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: MEC/SECAD. (2006). Disponível em: <https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/orientacoes_acoes_miolo.pdf> Acesso em: 21 de mai. 2023.

CÔRTEZ, G. P. **Dança, Brasil!: festas e danças populares.** Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

COSTA SILVA, RENÉ MARC. **Cultura Popular e Educação: Salto para o Futuro.** Salto para o Futuro/TV Escola/SEED/MEC. Brasília, 2008.

DEMO, P. **Aprender Bem/Mal.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (coleção Polêmicas do nosso tempo, 98).

DUMONT, S. **O Brasil em Festa.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

FELINTO, R. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais.** Belo Horizonte, MG: Fino Traço Editora Ltda, 2012.

FERREIRA, T. **Pedagogia da Circularidade: Ensinagens de Terreiro.** Rio de Janeiro: Telha, 2021. (Coleção Pensamento Negro Contemporâneo).

FERREIRA, V. M. **A Questão Étnico-Racial na Formação de Professores: Análise de Currículos.** 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

FRANCO, M. A. S. **Por uma Didática Decolonial: Epistemologia e Contradições.** Educação E Pesquisa, 48, e240473. (2022). Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248240473>> Acesso em: 21 mai. 2023.

FREIRE, P. **A Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GOMES, N. L. **Educação Cidadã, Etnia e Raça: O Trato Pedagógico da Diversidade**. In: Cavalleiro, Eliane (Org.). **Racismo e Anti-Racismo na Educação: Repensando Nossa Escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

ITANI, A. **Festas e Calendários**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LOPES, N.; SIMAS, L. A. **Filosofias Africanas: Uma Introdução**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MACHADO, A. F. **Filosofia Africana: Ancestralidade e Encantamento como Inspirações Formativas Para o Ensino de Africanidades**. Fortaleza: Imprece, 2019a.

MACHADO, A. F. **Odus: Filosofia Africana para uma Metodologia Afrorreferenciada**. Voluntas: Revista Internacional de Filosofia, [S. l.], v. 10, p. 3–25, 2019b. DOI: 10.5902/2179378639952. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39952>> Acesso em: 29 out. 2023.

MALDONADO, D. T.; NEIRA, M. G. **O Lugar da Cultura Negra, Afro-Brasileira e Indígena nas Aulas de Educação Física**. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 19–25, 2021. DOI: 10.36453/cefe.2021.n3.26982. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/26982>> Acesso em: 29 out. 2023.

MATOS, E. C.; FERRETTI, S. F. **Caretas de Cazumba no Bumba-meu-boi do Maranhão**. **Revista Pós Ciências Sociais**, 6(12). (2010). Recuperado de: <<http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/63>> Acesso em: 29 out. 2023.

MATTOS, I. G. DE; MONTEIRO, P. T. **Educação Física: Corpos Negros e Insurgências Epistêmicas**. Revista Brasileira De Ciências Do Esporte, 43, e007820. (2021). Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/rbce.43.e007820>> Acesso em: 29 out. 2022.

MARQUES, I. A. **Dançando na Escola**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARQUES, V.; SATRIANO, C. **Narrativa Autobiográfica do Próprio Pesquisador Como Fonte e Ferramenta de Pesquisa**. Linhas Críticas [online]. 2017, vol.23, n.51 [citado 2023-08-27], pp.369-386. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-04312017000200369&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1981-0431. <https://doi.org/10.2017/lcv23n51.369>. Acesso em: 30 out. 2023.

PARO, V. H. **Educação como Exercício do Poder: Crítica ao Senso Comum em Educação**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2014. (Coleção questões da nossa época; v. 4).

PASSEGI, M. ET AL. **As Narrativas Autobiográficas como Fonte e Método de Pesquisa Qualitativa em Educação**. Revista Lusófona de Educação, v. 33, p. 111-125, dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/reducacao/article/view/5682>> Acesso em: 30 out. 2022.

PROENÇA, M. A. **O Registro e a Documentação Pedagógica: Entre o Real e o Ideal... O Possível**. 1 ed. São Paulo: Panda Educação, 2021.

ROBATTO, L. **A Dança Como Via Privilegiada de Educação: Relato de Uma Experiência**. Salvador: Editora EDUFBA, 2012.

RUBIO, K. **Narrativas Biográficas: Da Busca à Construção de um Método**. São Paulo: Editora Laços, 2016.

SANTOS, H. T.; GARMS, G. M. Z. **Método Autobiográfico e Metodologia de Narrativas: Contribuições, Especificidades e Possibilidades para Pesquisa e Formação Pessoal/Profissional de Professores**. CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2.; CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 12., 2011, Águas de Lindóia. Anais 2. Congresso Nacional de Professores 12. Congresso Estadual sobre Formação de Educadores... São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 4094-4106 Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/141766>> Acesso em: 30 out. 2022.

SANTOS, I. A. DOS. **A Responsabilidade da Escola na Eliminação do Preconceito Racial: Alguns Caminhos**. In: Cavalleiro, Eliane (Org.). **Racismo e Anti-Racismo na Educação: Repensando Nossa Escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes do Programa Ensino Integral Escola de Tempo Integral**. Disponível em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/342.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2023.

SILVA, P. B. G. E. **Aprender, Ensinar e Relações Étnico-Raciais no Brasil.** In: **Fonseca, Marcus Vinícius; Silva, Carolina Mostaro Neves da; Fernandes, Alexsandra Borges (Orgs.). Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SILVA, P. B. G. E. **Pesquisa e Luta Por Reconhecimento e Cidadania.** In: **Abramowicz, Anete; Silvério, Valter Roberto (Orgs.). Afirmando Diferenças: Montando o Quebra-Cabeça da Diversidade na Escola.** Campinas, SP: Papirus, 2005.

SILVA, T. T. DA. **Alienígenas na Sala de Aula.** 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção Estudos Culturais em Educação).

SOUSA, N. C. P. DE, ET AL. **A Dança na Escola: um Sério Problema a ser Resolvido.** Motriz-revista de Educação Física. Rio Claro: Univ Estadual Paulista-unesp, Inst Biociencias, v. 16, n. 2, p. 496-505, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/8356>> Acesso em: 30 de out. 2022.

TORRES, L. B.; CAVALCANTE, R. **Festas De Santos Reis.** In: **Costa Silva, René Marc (Org.). Cultura Popular e Educação: Salto Para o Futuro.** Salto para o Futuro/TV Escola/SEED/MEC. Brasília, 2008.

TRINDADE, A. L. **Olhando com o Coração e Sentindo com o Corpo Inteiro no Cotidiano Escolar.** In: **Trindade, Azoilda Loretto da; Santos, Rafael dos (Org.). Multiculturalismo: Mil e uma Faces da Escola.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (Coleção O sentido da Escola).

VARGAS, L. A. M. DE. **Escola em Dança: Movimento, Expressão e Arte.** Porto Alegre: Mediação, 2007. (Coleção Educação e Arte; v.9).

VENTURA, L.; CRUZ, D. M. **Metodologia de Narrativas Autobiográficas na Formação de Educadores.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 19, n. 60, p. 426-446, jan. 2019. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2019000100426&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 dez. 2023. Epub 04-Fev-2020. <https://doi.org/10.7213/1981-416x.19.060.ao06>.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Plano da Eletiva “Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país”

Plano Completo da Eletiva	
Título	Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país.
Professores	Juliana Meira e Claudemir Duarte.
Ementa	
Dá licença minha gente, dá licença Dá licença pra nesta casa eu entrar. (2X) Eu só entro... Se a dona casa mandá. (Ana Maria Carvalho) “Olhe bem e com cuidado, porque aqui está uma gente muito nossa, mas uma gente que vem de tão longe, que às vezes parece que nem existe mais.” São com essas palavras proferidas pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, que nós convidamos vocês a festejarem o Brasil conosco, em um passeio marcado pelo encantamento, conhecendo e experimentando as riquezas dos ciclos festivos brasileiros. Nas festas que fulguram pelos quatro cantos do Brasil, apreciando e degustando as suas músicas, a culinária, a sua arte, a sua expressividade religiosa, suas vestimentas, as suas danças, nos encontraremos com essa gente muito nossa, celebrando os saberes da cultura popular que se fazem presentes na dinâmica de vida das comunidades brasileiras. A nossa festa é toda quinta-feira, aqui mesmo na nossa escola. O que é que você está esperando?! Bora festejar com a gente!!	
Justificativa	
Esta disciplina eletiva convida os estudantes a conhecerem os ciclos festivos do Brasil, descobrindo e explorando as festas que contextualizam o ser e o estar do povo brasileiro. Neste encontro com o encantamento e a diversidade, nossa expectativa é possibilitar significações e ressignificações das nossas relações com essa pluralidade cultural que pulsa na brasilidade que nos constitui, fomentando	

outras/novas maneiras de vivermos o individual, o coletivo, o mundo. Partimos do nosso lócus – estudantes do ensino médio da escola Desembargador, na periferia do município de Itapetininga, interior de São Paulo – para buscar e costurar outros saberes a nossa realidade, em um movimento constante de ir e vir, ampliando e potencializando por meio de outras danças, outras festas, outros olhares, outras vozes/cantos, outras vestimentas, outros sabores, outras crenças, o nosso existir para esta sociedade.

Objetivos

- Ampliar, potencializar e (re) significar, por meio das danças tradicionais da cultura popular, algumas festas que fazem parte dos ciclos festivos regionais brasileiros.
- Emergir uma nova consciência, reconhecendo as manifestações da cultura popular brasileira e construindo parâmetros norteadores com seus saberes para uma outra/nova postura sociocultural.
- Encantar-se com a diversidade cultural das manifestações da cultura popular brasileira, a nos sensibilizar para ser e existir no mundo.

Habilidades desenvolvidas

(EM13LGG201) – Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável.

(EM13LGG601) – Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade cultural, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG202) – Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re) produzem significação e ideologias. (SA3)

– Analisar criticamente a relação homem– meio, em situações concretas, reconhecendo a espécie humana como parte integrante de um processo no qual ela modifica e é modificada pelo ambiente em que vive.

(EM13CNT101) – Analisar e representar, com ou sem o uso de dispositivos e de aplicativos digitais específicos, as transformações e conservações em sistemas que envolvam quantidade de matéria, de energia e de movimento para realizar previsões sobre seus comportamentos em situações cotidianas e em processos produtivos que priorizem o desenvolvimento sustentável, o uso consciente dos recursos naturais e a preservação da vida em todas as suas formas.

(EM13CNT303) – Interpretar textos de divulgação científica que tratem de temáticas das Ciências da Natureza, disponíveis em diferentes mídias, considerando a apresentação dos dados, tanto na forma de textos como em equações, gráficos e/ou tabelas, a consistência dos argumentos e a coerência das conclusões, visando construir estratégias de seleção de fontes confiáveis de informações.

(EF09CI13)* – Propor iniciativas individuais e coletivas para a solução de problemas ambientais da comunidade e/ou da cidade, com base na análise de ações de consumo consciente e de sustentabilidade bem-sucedidas.

Eixos temáticos

- | | |
|---|----------------------------|
| () Investigação científica | () Processos criativos |
| () Mediação e intervenção sociocultural | () Empreendedorismo |

Conteúdo programático

- ❖ Danças tradicionais da cultura popular brasileira que fulguram nos ciclos festivos regionais do Brasil.
- ❖ Estudo (conhecimento e reconhecimento) das diversas e diferentes dimensões que formam o cenário dos ciclos festivos regionais do Brasil, contextualizando com sentido e significado tais manifestações.
- ❖ Criação de um Passaporte cultural para registro – nas mais diferentes formas, do processo vivenciado pelos estudantes no transcorrer da disciplina eletiva, ao conhecer e reconhecer os diferentes e diversos saberes da cultura popular brasileira por meio dos ciclos festivos regionais do Brasil.

Metodologia

Por meio de vivências conduzidas pelas expressões dançadas dos ciclos festivos brasileiros – processo de escolha feito junto aos estudantes, tematizar rodas de

conversas (espaços de diálogos para pensamentos críticos e reflexivos) mediadas pelos saberes dessas manifestações, lançando mão das diferentes e diversas dimensões que formam tal cenário (musical, gastronômico, contexto sociocultural, religioso, moda, artístico, linguístico), construindo uma experiência plural, coletiva e renovadora mediada pela cultura popular brasileira.

Recursos didáticos

Sala de aula/quadra/quiosque, caixa de som, instrumentos – pandeiro/pandeirola/chocalho/timba/tamborim, tv, notebook, livros sobre manifestações dos ciclos festivos brasileiros, participação de convidados (as) que compartilhem saberes sobre os ciclos festivos brasileiros.

Recursos financeiros

Papel – sulfite (100 folhas), EVA (vermelho - 3, verde - 3, amarelo - 3, azul - 3, laranja - 3, marrom - 3, preto - 3, rosa - 3), color-set (vermelho - 3, verde - 3, amarelo - 3, azul - 3, laranja - 3, marrom - 3, preto - 3, rosa - 3), cartão (vermelho - 5, verde - 5, amarelo - 5, azul - 5), papel laminado (dourado - 3, prata - 3, azul - 2, verde - 2, vermelho - 2, rosa - 2); TNT – cores variadas (vermelho, verde, amarelo, azul marrom, preto - 10 metros de cada); Tecido chita (qualquer estampa florida 10 m), tecido de algodão cru (10 m); Materiais de costura (agulhas - 5, linhas - 1 carretel da branca e da preta); Elástico (1 rolo de largura média); Fitas de cetim – tamanhos e cores variadas (vermelho, verde, amarelo, azul, laranja, rosa, roxo, preto, marrom - de cada uma dessas cores 2 com largura 15/16 mm e 2 com largura 22 mm); Barbante (2 rolos); Lápis de cor, Canetinhas, Cola – líquida (3)/bastão (3); Pistola de cola quente (1); Refis de cola quente (20); Fita adesiva (durex - 1, crepe -1, dupla face - 1).

Culminância

Exposição das produções artísticas dos estudantes desenvolvidas no transcorrer do semestre no qual a eletiva foi desenvolvida, com ênfase no Passaporte cultural confeccionado pelos estudantes, bem como produções elencadas para o momento da culminância, com a intenção de compartilhar o processo realizado nas diversas propostas da eletiva. Exposição oral de informações sobre os conteúdos

programáticos, propostas de vivências interativas para com os visitantes que prestigiarão este evento. Apresentação das danças tradicionais estudadas na eletiva.

Local: 1ª opção - Quiosques; 2ª opção - Pátio central.

Avaliação

A avaliação será contínua e qualitativa, explicitando as diversas formas de participação dos alunos: nos diálogos nas rodas de conversa, realização e envolvimento nas atividades propostas, expressão da criatividade, postura coletiva e cooperativa, cultivo de valores positivos e reflexão crítica, produção e registro do/no Passaporte cultural, entre outras possibilidades que serão apontadas em uma planilha própria. Também será proposta uma autoavaliação, a considerar itens como convivência (consciência colaborativa para com o fruir da eletiva), responsabilidade e organização (cumprimento de prazos, cuidado com espaço físico e materiais da escola, frequência).

Cronograma semestral

Data	Atividade desenvolvida
28/07	Definição das duplas para as eletivas.
04/08	PDCA com duplas e alunos do primeiro semestre.
11/08	PPT sobre a eletiva e entrega da ementa (propaganda).
18/08	Feirão das eletivas.
25/08	Acolhimento, apresentação da proposta a ser desenvolvida e dinâmica “Que festa é essa?”.
01/09	Finalização da dinâmica “Que festa é essa?” e Brincadeira cantada.
08/09	Brincadeira cantada (aquecimento) e Dança Mineiro-Pau.
15/09	Dinâmica “Fui a festa...”, divisão dos estudantes em grupos nos ciclos festivos início da pesquisa sobre as festas, manifestações e expressões presentes em cada um deles.
22/09	Continuação da pesquisa em grupos sobre as festas, manifestações e expressões presentes nos ciclos festivos, e

	escolha coletiva de uma delas com base na pesquisa para início do estudo (contextualização, conhecimento).
29/09	Ciclo carnavalesco – Frevo. Dinâmica: transformar o objeto – sombrinha de Frevo, (1º mímica, 2º gesto e som); realizar malabarismos com a sombrinha de frevo; passos do Frevo; Roda de conversa sobre o Frevo.
06/10	Ciclo carnavalesco – Frevo. Passos do Frevo; Roda de conversa sobre o Frevo.
13/10	Recesso escolar.
20/10	Ciclo carnavalesco – Frevo. Vídeos sobre o Frevo; Dinâmica com palavras-chaves sobre o Frevo; Alongamento com movimentos da Capoeira; Passos do Frevo.
27/10	Festa de Halloween.
03/11	Ciclo junino – Bumba-meu-boi. Apresentação da festa e contextualização do personagem Cazumba.
10/11	Ciclo natalino – Folia de Reis. Apresentação da festa e contextualização do personagem Palhaço.
17/11	Elaboração e confecção dos elementos e personagens a serem apresentados no Evento da Culminância.
24/11	Suspensão do expediente nas repartições públicas – Jogo da Seleção Brasileira, Copa do Mundo 2022.
01/12	Avaliação do Saresp.
06/12	Evento da Culminância.
Referências	
ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos; 36). CASTRO JÚNIOR, Luís Victor (Org.). Festa e corpo: as expressões artísticas nas festas populares baianas. Salvador: EDUFBA, 2014. CÔRTEZ, Gustavo Pereira. Dança, Brasil!: festas e danças populares. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.	

DUMONT, Sáva. O Brasil em festa. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

Dá licença - Ana Maria Carvalho. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=y_E9MBCAv-M>. Acesso em 15/07/2022.

ROBATTO, Lia. A dança como via privilegiada de educação. Salvador: Editora, 2012.

Professores:

Assinatura

Assinatura

Coordenação Pedagógica Geral

Assinatura

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Itapetininga, _____ de _____ de 2022.

Srs. Pais e/ou Responsáveis:

Por meio deste documento, venho convidar o/a estudante _____, a participar como voluntário (a) da pesquisa “Os ciclos festivos na escola: encantamentos por meio da dança”, sob a responsabilidade da pesquisadora Juliana Machado de Meira. O desenvolvimento deste estudo será realizado com os alunos (as) da 1ª a 3ª série do ensino médio que se inscreverem na disciplina Eletiva “Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelos ciclos festivos do nosso país”, promovendo um diálogo e uma articulação entre dois componentes curriculares – Educação Física e biologia.

Esta pesquisa tem por objetivo oferecer aos participantes do processo, vivências e experiências sobre os ciclos festivos brasileiros, acessando as suas diversas e múltiplas dimensões (social, econômico, político, religioso, lazer), a partir das danças tradicionais da nossa cultura, evidenciando o impacto que este trabalho a partir do estudo dos contextos dos ciclos festivos brasileiros – carnavalesco, junino e natalino, pode gerar nos estudantes do ensino médio.

O nome do/da estudante será mantido em sigilo, bem como todas as informações fornecidas por você e pelo (a) estudante sob sua responsabilidade. Os resultados obtidos serão utilizados para divulgação em eventos de cunho educacional e acadêmico científico, concorrendo para o aprimoramento das ações e práticas pensadas em/para o âmbito escolar.

A coleta de dados desta pesquisa se dará por meio da metodologia das narrativas autobiográficas, que consiste em registros feitos pela pesquisadora responsável no seu diário de campo, narrando as experiências e vivências do

processo na eletiva “Festejar o Brasil”, que é o cenário para o desenvolvimento desta pesquisa.

Serão feitos registros audiovisuais (fotos e vídeos) e registros escritos das propostas desenvolvidas no transcorrer da eletiva, que será realizada no 2º semestre letivo de 2022. Os riscos oferecidos por esta pesquisa aos participantes estão associados a possíveis quedas, torções, ferimentos, chateações, desentendimentos, tristeza que podem acontecer durante o desenvolvimento da eletiva e que serão acolhidos pela pesquisadora responsável que mediará tais ocorrências, com respaldo da gestão escolar.

Uma cópia deste termo ficará com os Pais e/ou Responsáveis do estudante. Nele está contido todos os dados da pesquisadora e do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Unesp – Bauru, possibilitando a qualquer dúvida que surgir sobre o desenvolvimento deste estudo, o seu esclarecimento.

Os estudantes que aceitarem participar desta pesquisa não terão quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa e, podem deixar de colaborar com este estudo a qualquer momento que desejarem ou julgarem inconveniente.

Diante das explicações, se você concorda que o/a estudante sob sua responsabilidade participe desta pesquisa, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir. Certa de que posso contar com a colaboração dos Srs. nessa ação, agradeço desde já a disponibilidade e consideração, externando os meus afetivos e cordiais cumprimentos.

Eu,

_____,
 portador (a) do R.G. _____ e CPF
 _____, responsável pelo (a) estudante
 _____, matriculado (a) na _____
 série _____ ensino médio, concordo com a participação do meu tutelado na obtenção
 de informações para o desenvolvimento da pesquisa “Os ciclos festivos na escola:
 encantamentos por meio da dança” sob a responsabilidade da pesquisadora Juliana

Machado de Meira. Autorizo a divulgação e publicação das informações prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Assinatura dos Pais e/ou Responsável

Nome: Pesquisadora Juliana Machado de Meira.	Cargo/Função: Discente/Mestranda.
Instituição: UNESP – Faculdade de Ciências Campus Bauru – Júlio de Mesquita Filho.	
Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 – Centro/Bauru – São Paulo.	
Telefone: (15) 997273101/(14) 31039400.	
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da UNESP-Bauru. Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01. Bairro: Centro. Bauru/SP – Fone (14) 3103.9400 Fax (14) 3221.2545 E-mail: cepesquisa.fc@unesp.br	

Assinatura da Pesquisadora responsável

APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Itapetininga, _____ de _____ de 2022.

Olá _____!

Quero lhe convidar para participar como voluntário (a) da pesquisa “Os ciclos festivos na escola: encantamentos por meio da dança”, sob a responsabilidade da pesquisadora Juliana Machado de Meira. O desenvolvimento deste estudo será realizado com os estudantes da 1ª a 3ª série do ensino médio que se inscreverem na disciplina Eletiva “Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelos ciclos festivos do nosso país”, que promoverá um diálogo e uma articulação entre dois componentes curriculares – Educação Física e biologia.

A pesquisa tem por objetivo oferecer aos participantes deste estudo, vivências e experiências sobre os ciclos festivos brasileiros, conhecendo o seu contexto (social, econômico, político, religioso, lazer), a partir das danças tradicionais da nossa cultura. O desejo com desenvolvimento deste trabalho é mostrar o impacto que o conhecimento dos ciclos festivos brasileiros – carnavalesco, junino e natalino, podem gerar nos estudantes do ensino médio.

Já houve a autorização dos seus Pais e/ou Responsáveis para que você participe desta pesquisa, caso você deseje. Você está livre para aceitar participar ou não. Se aceitar participar, poderá deixar de colaborar com ela a qualquer momento que desejar ou julgar inconveniente, sem qualquer prejuízo. O responsável por você também poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Seu nome será mantido em sigilo, bem como todas as informações fornecidas por você. Os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados para divulgação em evento educacional e acadêmico científico, concorrendo para o aprimoramento das ações e práticas pensadas para a escola. Você não terá nenhum custo para participar

deste estudo, bem como quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa.

A coleta de dados desta pesquisa se dará por meio da metodologia das narrativas autobiográficas, que consiste em registros feitos pela pesquisadora responsável no seu diário de campo, narrando as experiências e vivências do processo na eletiva “Festejar o Brasil”, que é o cenário para o desenvolvimento desta pesquisa.

Serão feitos registros audiovisuais (fotos e vídeos) e registros escritos das propostas desenvolvidas no transcorrer da eletiva, que será realizada no 2º semestre letivo de 2022. Os riscos oferecidos por esta pesquisa a você estão associados a possíveis quedas, torções, ferimentos, chateações, desentendimentos, tristeza que podem acontecer durante o desenvolvimento da eletiva e que serão acolhidos pela pesquisadora responsável que mediará tais ocorrências, com respaldo da gestão escolar.

Se houver alguma situação no desenvolvimento da eletiva que julgar errada ou inoportuna, você poderá me procurar ou entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Unesp – Bauru, pessoalmente ou pelos telefones disponibilizados neste documento, possibilitando a qualquer dúvida que surgir sobre o desenvolvimento desse estudo o seu esclarecimento.

Diante das explicações, se você concorda em participar desta pesquisa, preencha os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir. Certa de que posso contar com a colaboração nessa ação, agradeço desde já a disponibilidade e consideração, para estarmos juntos neste estudo.

Eu,

_____,
portador (a) do R.G. _____ e CPF _____,
_____, aceito participar da pesquisa “Os ciclos festivos na escola: encantamentos por meio da dança” que tem por objetivo oferecer vivências e experiências aos estudantes do ensino médio sobre os ciclos festivos brasileiros, a partir das danças tradicionais da nossa cultura. Entendi que posso participar, tendo assegurado o direito de desistir a qualquer momento de colaborar

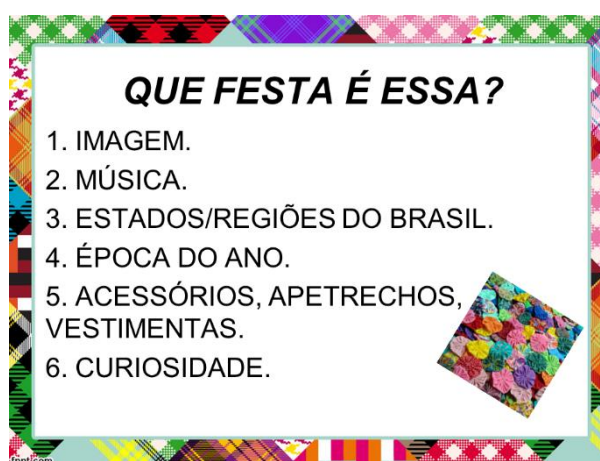
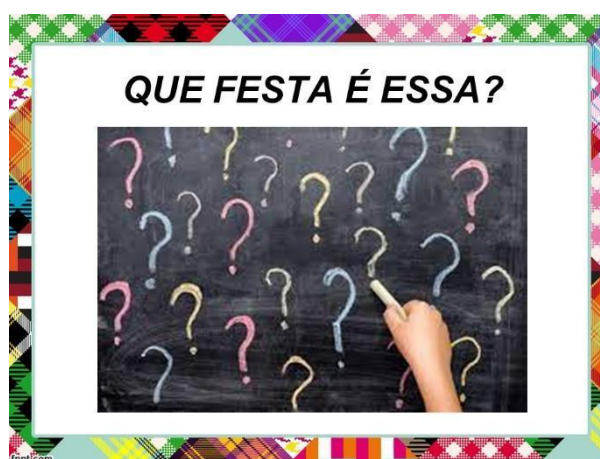
com este estudo, não comprometendo o meu desenvolvimento escolar. A pesquisadora responsável tirou as minhas dúvidas e deixou meus Pais e/ou Responsáveis cientes dos processos que orientam esta pesquisa. Recebi uma cópia deste Termos de Assentimento Livre e Esclarecido, li e concordo em participar.

Assinatura do Estudante

Nome: Pesquisadora Juliana Machado de Meira.	Cargo/Função: Discente/Mestranda.
Instituição: UNESP – Faculdade de Ciências Campus Bauru – Júlio de Mesquita Filho.	
Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 – Centro/Bauru – São Paulo.	
Telefone: (15) 997273101/(14) 31039400.	
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da UNESP-Bauru. Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01. Bairro: Centro. Bauru/SP – Fone (14) 3103.9400 Fax (14) 3221.2545 E-mail: cepesquisa.fc@unesp.br	

Assinatura da Pesquisadora responsável

APÊNDICE D – Slides da dinâmica “Que festa é essa?”



FESTA 1 – FOLIA DE REIS.**FESTA 1 – FOLIA DE REIS.****FESTA 1 – ESTADOS/REGIÕES DO BRASIL.**

FESTA 1 – ÉPOCA DO ANO.



DE 24 DE DEZEMBRO A 06 DE JANEIRO

**FESTA 1 – ACESSÓRIOS, APETRECHOS
VESTIMENTAS.**



MÁSCARAS

FESTA 1 – CURIOSIDADE.

**REPRODUZEM A
VIAGEM DOS 3
REIS MAGOS AO
ENCONTRO DO
MENINO DEUS.**

FESTA 2 – IMAGEM.**FESTA 2 – IMAGEM.****FESTA 2 – ESTADOS/REGIÕES DO BRASIL.**

PERNAMBUCO

E EM TODO O
NORDESTE BRASILEIRO

FESTA 2 – ÉPOCA DO ANO.

**ENTRE OS MESES DE FEVEREIRO E MARÇO
(PERÍODO CARNAVALESÇO)**

**FESTA 2 – ACESSÓRIOS, APETRECHOS
VESTIMENTAS.**

PREACAS

FESTA 2 – CURIOSIDADE.

**É COMO SE
CHAMAM OS
FILHOS, FRUTO DA
UNIÃO DO HOMEM
BRANCO COM O
ÍNDIO.**

FESTA 3 – IMAGEM.



FESTA 3 – IMAGEM.



FESTA 3 – ESTADOS/REGIÕES DO BRASIL.



FESTA 3 – ÉPOCA DO ANO.

ENTRE OS MESES DE JUNHO E JULHO

**FESTA 3 – ACESSÓRIOS, APETRECHOS
VESTIMENTAS.**

MATRACA

FESTA 3 – CURIOSIDADE.

**NESTA FESTA, HÁ UM
AUTO ENCENADO,
COM UMA HISTÓRIA
PROTAGONIZADA
POR PAI FRANCISCO
E MÃE CATIRIRNA.**

APÊNDICE E – Pesquisa: As festas presentes nos ciclos festivos



E. E. “Desembargador Bernardes Júnior”

Eletiva: Festejar o Brasil

Profa. Juliana e Prof. Claudemir



Pesquisa – As festas presentes nos ciclos festivos

CICLO FESTIVO: _____

CARACTERIZAÇÃO DO CICLO.

FESTAS PRESENTES NOS CICLOS.

<u>DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE AS FESTAS DO CICLO.</u>

<u>QUE FESTA É ESSA?</u>
✓ NOME DA FESTA:
✓ IMAGEM/MÚSICA.
✓ ESTADOS/REGIÕES DO BRASIL.
✓ ÉPOCA DO ANO.
✓ ACESSÓRIOS, APETRECHOS, VESTIMENTAS (DESCREVER).
✓ CURIOSIDADE.

O QUE MAIS CHAMOU A ATENÇÃO DO GRUPO NA FESTA SELECIONADA? O QUE DESPERTOU O INTERESSE EM CONHECÊ-LA?

This image shows a full page of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page, providing a template for handwriting practice or general note-taking. There are no margins, text, or other markings on the page.

INTEGRANTES DO GRUPO.

[illegible]

APÊNDICE F – Questões formuladas para registrar os relatos dos estudantes que participaram da Eletiva Festejar o Brasil

Como foi para você participar da Eletiva “Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país”?

Como foi para você carregar o estandarte da nossa eletiva que anunciava a passagem do nosso cortejo?

Como foi para você representar (dar vida) uma passista de Frevo ao trazermos para a culminância a expressão cultural do Frevo presente nas festividades do carnaval?

Como foi para você representar (dar vida) ao personagem do Cazumba/Cazumbá ao trazermos para a culminância a festa do Bumba-meu-boi?

Como foi para você representar (dar vida) ao personagem do Boi ao trazermos para a culminância a festa do Bumba-meu-boi?

APÊNDICE G – Produto Educacional – Festejar o Brasil - Passaporte Cultural



Realização

Profa. Juliana Machado de Meira

Identidade Visual e Produção Audiovisual

Tamires Monteiro

Encadernação

Suzy Nobre

Supervisão Geral

Profa. Dra. Andresa de Souza Ugaya

Meira, Juliana Machado de
Festejar o Brasil – Passaporte Cultural / Juliana Machado de Meira.
– Bauru, 2023
73 f : il.

Orientadora: Andresa de Souza Ugaya

Produto educacional elaborado como parte das exigências do
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede
Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista/Faculdade de
Ciências, (Bauru), 2023.

1. Culturas populares. 2. Ciclos festivos. 3. Relações étnico-raciais. I.
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

Este Passaporte Cultural é válido nos quatro cantos do país, nos possibilitando acessar a riqueza, a beleza e o encanto dos saberes da manifestação do Frevo, da Festa do Bumba-meu-Boi e da Festa da Folia de Reis, presentes nos ciclos festivos das culturas populares que fulguram no nosso Brasil.



**PASSAPORTE
CULTURAL**

APRESENTAÇÃO

Olá!

É com muita alegria e gratidão que convidamos você, leitor ou leitora para uma viagem nas expressões e manifestações das culturas populares brasileiras, por meio das festas celebradas nos ciclos festivos do nosso país.

As páginas a seguir festejam e dançam, dando vida e colorido as narrativas que destacam com beleza e encanto a caminhada, os encontros, as vivências e experiências, de uma dupla de professores junto aos seus estudantes do ensino médio que se entregaram a proposta de conhecer e reconhecer o Brasil por meio das suas celebrações populares. Aqui, da Escola Estadual “Desembargador Bernardes Júnior”, localizada na cidade de Itapetininga no interior do estado de São Paulo, partimos na disciplina eletiva Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país, em busca de uma desconhecida brasilidade, viajando para lugares que nos trouxeram conhecimento, pertencimento, empoderamento, diversidade e muita alegria!



**PASSAPORTE
CULTURAL**

O grande legado de toda esta experiência, é o de que a nossa escola abriu seus portões, as salas de aula, a quadra, o currículo, as mentes e os corações para acolher e valorizar as culturas populares, construindo caminhos nos quais não podemos mais voltar atrás, e sim, somente seguir em frente e expandir.

Venham conosco se contagiar com a energia da expressão cultural do Frevo!

Venham conosco brincar boi na Festa do Bumba-meu-boi!

Venham conosco celebrar o Natal na Festa da Folia de Reis!

Que sejamos todos brincantes nesta viagem pelas festas das culturas populares brasileiras, reconhecendo o seu legado e a sua potência. Sejam bem-vindos a bordo, a viagem está prestes a começar!

Vamos festejar o Brasil?

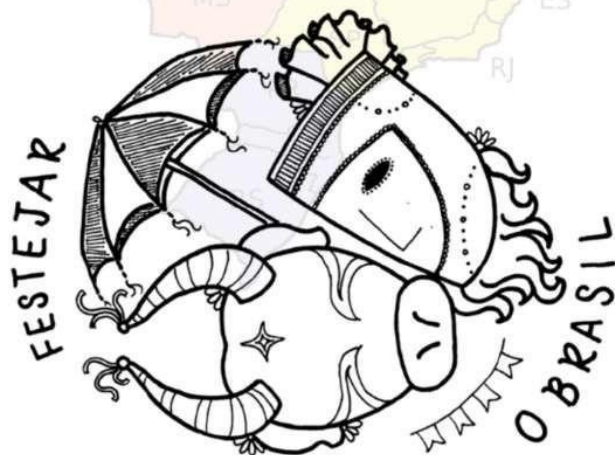


**PASSAPORTE
CULTURAL**

PASSAPORTE CULTURAL

FESTEJAR O BRASIL

A disciplina Eletiva “Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país”, convidou os estudantes a (re) conhecerem os ciclos festivos do Brasil, descobrindo e explorando as festas presentes nas dinâmicas de vida do povo brasileiro. Neste encontro com o encantamento e a diversidade, embasado e fomentado pela Lei nº 10.639/03 e 11.645/08 (Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, e dá outras providências) que orienta as nossas práticas educacionais, nossa expectativa é possibilitar significações e ressignificações das nossas relações com a pluralidade cultural que pulsa na brasilidade que nos constitui, fomentando outras/novas maneiras de vivermos o individual, o coletivo, o mundo.



INFORMAÇÕES PARA USO

Caro viajante!

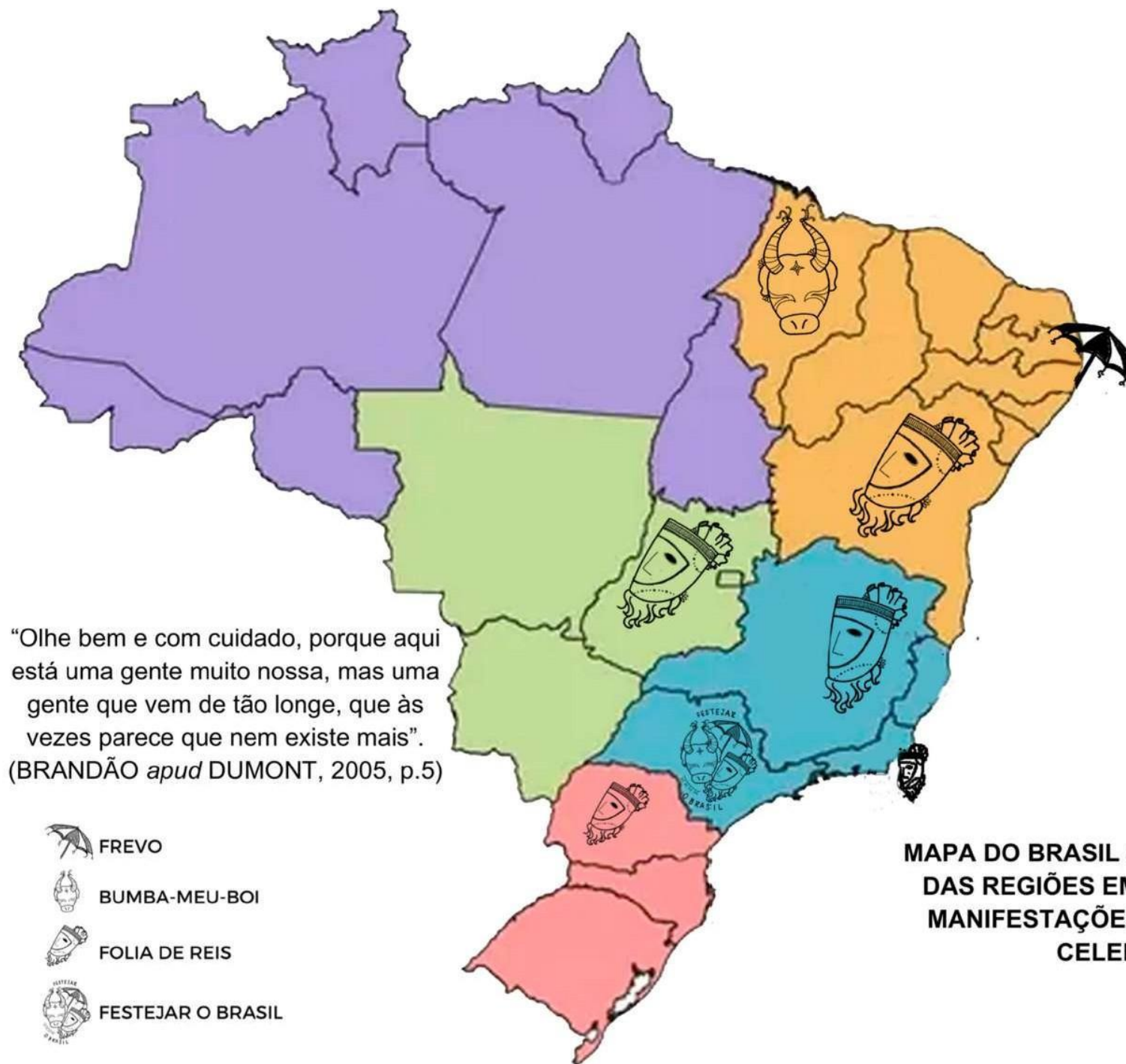
Seja muito bem-vindo ao roteiro de viagens traçado pela disciplina eletiva “Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país”. A proposta desse trabalho foi a de ir ao encontro de algumas expressões e manifestações das culturas populares brasileiras, presentes em nossos ciclos festivos.

É com muita alegria que lhe presentearmos com este documento vivo e cheio de afeto, chamado de Passaporte Cultural, contendo os registros das viagens e dos encontros com os saberes e as festas do nosso Brasil, realizados por nós ao longo do 2º semestre do ano letivo de 2022. Por meio dele você terá acesso às narrativas das experiências e vivências, aos recursos audiovisuais do nosso fazer na escola festejando o Brasil.

Em algumas páginas deste passaporte, no canto inferior direito, você encontra um QRCode. É só apontar a câmera do seu celular para ele, gerando assim um *link* de acesso as nossas memórias, vivências e experiências enquanto brincantes da nossa cultura. Ao final destas páginas também será possível ter acesso ao texto da pesquisa na íntegra. É com imensa alegria que partilhamos com você este material.



PASSAPORTE CULTURAL





O CONVITE

Acesso a registro audiovisual do espaço organizado pela eletiva Festejar o Brasil para o Feirão das Eletivas.



O CONVITE

No mês de Agosto de 2022, realizamos, eu e Prof. Claudemir, um convite aos estudantes da 1ª a 3ª série do ensino médio para participarem conosco de uma viagem que nos levaria ao encontro das expressões dos ciclos festivos das culturas populares brasileiras, tendo como roteiro as festas que são celebradas em nosso país, nas vivências da disciplina eletiva 'Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país'.

Gozando do direito eletivo conferido a cada um deles para a escolha das Eletivas no Feirão, fizemos o convite apresentando a nossa proposta vestidos como brincantes do Coco, levando música, imagem, colorido e alguns símbolos presentes em nossas culturas populares para despertar nos estudantes o desejo de embarcar conosco nessa viagem, um momento de muita alegria para nós com a possibilidade da oferta e com a expectativa do porvir desse trabalho.



**PASSAPORTE
CULTURAL**



Espaço da Eletiva Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país no Feirão.

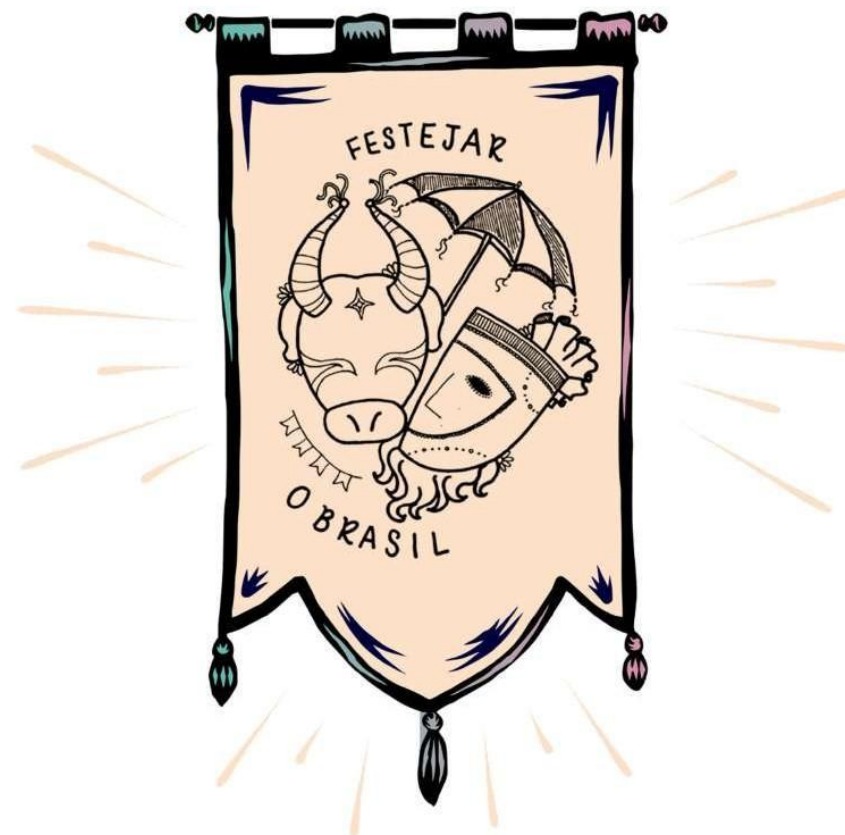


Espaço da Eletiva Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país no Feirão.





Espaço da Eletiva Festejar o Brasil: uma viagem dança pelo nosso país no Feirão.



A PREPARAÇÃO DA FESTA

Acesso a registro audiovisual das vivências
com a Brincadeira cantada Pega o touro,
amarra o touro, com a Dinâmica Fui à festa e
com a Dança Mineiro Pau.



A PREPARAÇÃO DA FESTA

Os primeiros momentos da Eletiva Festejar o Brasil, foram de acolhimento aos estudantes com propostas que trouxessem a eles o universo das culturas populares, por meio de estímulos visuais, sonoros, lúdicos, corporais, procurando ampliar as conexões e reflexões com as nossas expressões festivas. Realizamos uma dinâmica que intitulamos 'Que festa é essa?', (re)conhecendo alguns símbolos e características da festa. Também teve uma brincadeira cantada para nos aproximar da cabeça do Boi.

Nos desafiamos a acompanhar as batidas da dança do Mineiro Pau e a evidenciar os elementos presentes nas festas com a dinâmica 'Fui a festa'. Realizamos um movimento de pesquisa, orientados pelos ciclos festivos, destacando as celebrações presentes em cada um deles, arrumando as bagagens para então, traçarmos o nosso roteiro de viagens às festas e expressões culturais populares do nosso Brasil.



**PASSAPORTE
CULTURAL**



Estudantes com a cabeça do boi na realização da Brincadeira cantada.





Estudantes realizando a Dinâmica Fui à festa.



Estudantes realizando a pesquisa sobre as festas, expressões e manifestações presentes nos ciclos festivos brasileiro.





Estudantes realizando a pesquisa sobre as festas, expressões e manifestações presentes nos ciclos festivos brasileiro.



Roda de conversa para decidir qual festa, manifestação ou expressão do ciclo festivo carnavalesco iríamos trabalhar.



Acesso a registros audiovisuais das vivências
Explorando a sombrinha de frevo, Aprendendo
passos da dança do Frevo e Diálogos entre o
Frevo e a Capoeira (prática com movimentos
da Capoeira).



CELEBRANDO O FREVO

A primeira parada da viagem ao encontro das manifestações presentes nas festas populares brasileiras foi o Frevo. Iniciamos com essa referência pernambucana do ciclo carnavalesco, explorando a sombrinha com criatividade e dinamismo, conferindo outras funções a esse símbolo e desafiando-nos a realizar acrobacias com ela, girando-a em frente ao corpo e ao redor dele, lançando-a no ar, passando por debaixo da perna e outras movimentações que a nossa imaginação desenhasse.

Desafiamos nosso equilíbrio e agilidade ao vivenciarmos alguns passos de frevo, explorando-os no ritmo binário de suas músicas. Trouxemos para o nosso encontro um espaço de diálogo entre o Frevo e a Capoeira, aproximando pela contextualização histórica essas manifestações das culturas populares na realização de um alongamento, pontuando em nossos corpos essas vozes por meio da experiência.



**PASSAPORTE
CULTURAL**

UM POUCO SOBRE O FREVO...

O carnaval ferve nas cidades de Recife e Olinda! Colorindo e eletrizando ruas e salões, o Frevo é o grande expoente dessa festa no estado, caracterizado por ser um ritmo genuinamente pernambucano.

O nome, com origem na palavra fervura – “frevura” proferido pelo povo, faz alusão aos corpos dos passistas – assim chamados os dançarinos de Frevo, que, com roupas coloridas e folgadas ao som de uma música influenciada especialmente pelo ritmo das polcas e marchas, giram, se abaixam e pulam freneticamente.

Empunhando uma sombrinha que dá equilíbrio e graça a individualidade dos malabarismos e coreografias, marcados pela improvisação e a variabilidade dos movimentos, o Frevo na atualidade pode apresentar-se em três estilos que se diferem quanto a intensidade e velocidade do toque.



**PASSAPORTE
CULTURAL**

O estilo frevo-de-rua é apenas instrumental, com a presença de instrumentos de sopro, ajustando-se perfeitamente o seu ritmo com a movimentação do passista. Já o frevo-de-bloco que tem um ritmo semelhante as marchinhas de pastoril junto a uma orquestra de pau e corda. E o frevo-canção que lembra as marchinhas cariocas com suas letras fáceis de memorizar e um ritmo mais lento.

O Frevo consolidou-se em Pernambuco no início do século XX e traz uma ligação intrínseca com a Capoeira. Os passos dessa dança, geométricos e ritmados, nasceram das lutas de capoeira e a sombrinha, tornada símbolo do carnaval pernambucano, é a transformação das bengalas, cacetes e guarda-chuvas, utilizados como armas no passado, entre as agremiações no carnaval, assinalando a rivalidade existente entre os grupos.



**PASSAPORTE
CULTURAL**



Estudantes explorando a sombrinha de Frevo.

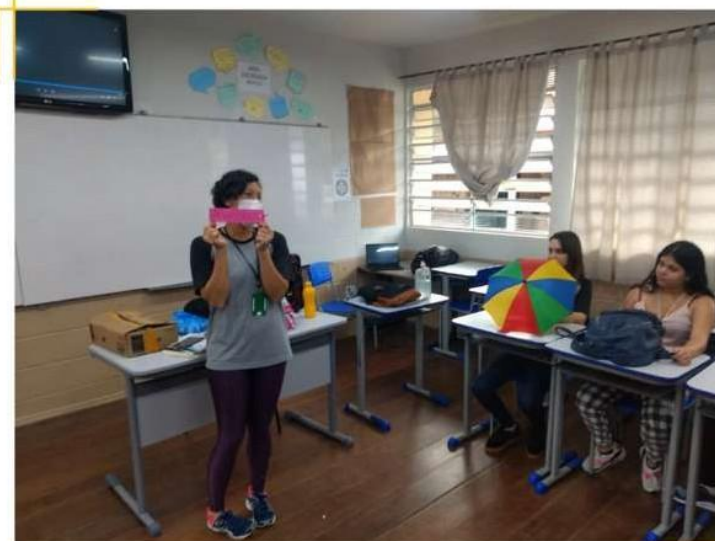


Estudantes aprendendo passos da dança do Frevo.

Estudantes aprendendo passos da dança do Frevo.



Estudantes aprendendo passos da dança do Frevo .



Dinâmica com palavras sobre o Frevo.



Dinâmica com palavras sobre o Frevo.



Prática com movimentos da Capoeira.



Prática com movimentos da Capoeira.



CELEBRANDO O BUMBA-MEU-BOI

Na viagem para a festa do Bumba-meu-boi, ao contextualizarmos com mais referências essa manifestação das culturas populares brasileiras, revisitamos a história de Pai Francisco que mata o boi do patrão para satisfazer o desejo de comer língua de boi, de sua mulher Catirina que está grávida. Também fomos apresentados a um personagem presente nessa celebração do ciclo festivo junino, o Cazumba.

Apresentando-se com uma máscara denominada de “careta”, esse personagem está presente na brincadeira de boi do Sotaque da Baixada, com influências das máscaras da cultura europeia e africana. Nossos padrões estéticos foram confrontados com a apresentação do Cazumba e fomos convidados a nos relacionar com essa expressão animalésca, nada convencional, que reverbera prestígio e beleza para a festa do Boi.



**PASSAPORTE
CULTURAL**

UM POUCO SOBRE O BUMBA-MEU-BOI...

Na festa cujo personagem principal é um boi, a alegria e a beleza são percebidas nos trajes e na riqueza de elementos coreográficos e musicais presentes nessa celebração. O Bumba-meu-boi do Maranhão envolve toda a comunidade nessa manifestação feita pelo povo e para o povo, sendo caracterizado como um dos maiores festejos do nosso Brasil.

Trazida pelos negros escravizados vindos da Bahia ao estado do Maranhão, tradicionalmente ocorria no período do Natal, porém, nesse novo cenário migrou para as festanças juninas que homenageiam São João e São Pedro no mês de junho.

A capital São Luís, se ocupa nessa época com muitos grupos que vem “bumbar boi prá São João”, encenando pelas ruas da cidade a história de Pai Francisco que para satisfazer o desejo da sua mulher grávida de comer língua de boi, Mãe Catirina, mata o boi predileto do patrão.



**PASSAPORTE
CULTURAL**

Enfurecido com o ocorrido e o crime confessado, decide castigar Pai Francisco que para se ressuscitar o animal predileto do amo, convoca doutores e pajés para realizarem tal feito e, para seu alívio, o boi urra novamente.

Representando a tríptica miscigenação do povo maranhense a refletir a formação do povo brasileiro, a festa do Bumba-meu-boi conjuga a cultura branca, indígena e negra, representada nos personagens que fazem parte do auto. Alguns deles são: vaqueiros, caboclos de fitas e de pena, os cazumbas.

Os diferentes sotaques que representam as diferentes cadências rítmicas do Bumba-meu-boi, diferenciação essa que se dá pelos instrumentos utilizados, e trazem a diversidade dos personagens presentes entre os grupos. São sotaques encontrado nessa festa o Matraca, Zabumba, Orquestra e o Pindaré.



**PASSAPORTE
CULTURAL**



Apresentando a Celebração do Bumba-meu-boi.





Apresentando a Celebração do Bumba-meu-boi.



Acesso a registro audiovisual da vivência a
Dança do ovo.



CELEBRANDO A FOLIA DE REIS

Momentos especiais marcaram a nossa viagem para a festa da Folia de Reis. Fomos envolvidos pelas palavras do Prof. Claudemir como em um abraço, na sua narrativa sobre as suas memórias de infância na casa dos avós no estado de Mato Grosso e o seu encontro com a Folia de Reis.

Também conhecemos um personagem importante para o contexto das festas de reis, o Palhaço ou Bastião, o que nos fez ampliar as conexões e referências feitas sobre ele, conferindo novos valores às relações. Encontramos a figura do Palhaço a realizar uma dança intitulada “Dança do Ovo” presente em algumas festas. Por meio de movimentos rápidos e ágeis, os animadores da festa, saltam de um lado para outro da fileira de ovos postos no chão, sem quebrá-los. Desafio que foi aceito e vivenciado por alguns de nossos estudantes, animando a galera.



**PASSAPORTE
CULTURAL**

UM POUCO SOBRE A FOLIA DE REIS...

Homenageando os três reis do Oriente a procura do menino Jesus após o seu nascimento, a festa da Folia de Reis revive por meio de danças, procissões e cortejos a viagem desses Magos até Belém, direcionados pela estrela-guia.

Esse fato da vida de Jesus Cristo, é celebrado em um período que compreende o Natal e o início de janeiro, tendo a data específica do dia seis (janeiro) como a comemoração do Dia de Reis, onde se fazem adorações aos Reis Magos. Essa data marca o fim do ciclo natalino.

O que leva as pessoas a fazerem parte de um grupo da folia é o pagamento de uma promessa ou pedidos feitos ao menino Jesus. Uma vez parte do Reisado, o folião deve permanecer nele por sete anos seguidos, sob a pena de ser castigado se tal condição não for cumprida.

Trazida ao Brasil pelos colonizadores portugueses, a Folia de Reis é conhecida em várias partes do país, com maior ocorrência na região Sudeste.



**PASSAPORTE
CULTURAL**

Os grupos de Folia de Reis peregrinam de casa em casa entoando cantorias e rimas, levando a bandeira que é beijada respeitosamente pelos devotos. Ao término do ato sagrado, realizam-se danças como o lundu, a chula e o batuque de viola, que consiste em um sapateado ágil e habilidoso dos dançarinos ao som das violas.

A composição dos Reisados é feita, geralmente, por três homens mascarados que representam os Reis Magos, os Palhaços que fazem uma referência aos soldados de Herodes que queriam matar o menino Jesus, o mestre, os tocadores, os cantores e o porta-bandeira.

As roupas usadas pelos foliões diferem de grupo para grupo: podem ser uma espécie de uniforme militar, as vestimentas do Palhaço feitas com chitão, as máscaras de papelão ou trajes simples e comuns. Destacam-se entre os instrumentos da Folia de Reis as violas caipira de 12 cordas, violão, pandeiros, bumbos e caixa da folia.



**PASSAPORTE
CULTURAL**



Apresentando a Celebração da Folia de Reis.





A Dança do Ovo: cenário e vivência.



Acesso a registro audiovisual das vivências no ensaio para apresentação a ser realizada na culminância, o desfile do cortejo e a apresentação no dia da culminância.



FESTEJAR O BRASIL: A NOSSA FESTA!

Nos encontramos com uma farta bagagem, composta pelos saberes e fazeres vivenciados em nossos encontros com as festas e manifestações que foram destinos da nossa viagem. E olha, mesmo não conseguindo “mergulhar” como gostaríamos ou permanecer por mais tempo em alguns destinos, em virtude da dinâmica escolar a qual estávamos submetidos, nos sentíamos ricos por tanta diversidade encontrada.

Para esse momento, ilustrado pelos registros audiovisuais que se seguem, abraçamos o desafio de fazer a nossa festa, no movimento de partilharmos com a comunidade escolar nossos conhecimentos no evento da culminância. O sentimento de pertencimento e reconhecimento que nos acolheu nesse trabalho e, nos motivou a realizar a festa do Festejar o Brasil, onde elaboramos e confeccionamos os símbolos e os personagens, por meio da compreensão e do entendimento advindos dos contextos que nos foram apresentados, dando vida e sentido a essas construções.



**PASSAPORTE
CULTURAL**

O Festejar o Brasil nos oportunizou uma viagem em nós mesmos, com a proposta de (re)conhecermos as culturas populares que marcam as festas brasileiras por meio das expressões dançadas, figuradas por seus contextos, personagens e símbolos, e ressignificá-las nos processos de ensinar e aprender presentes na escola e na dinâmica da vida, marcada por relações e encontros.

Nesse movimento, valorizamos o legado dos povos marginalizados e invisibilizados pela nossa sociedade, pela nossa educação - os afro-brasileiros e indígenas, estruturando as nossas manifestações e expressões culturais, reverberando a riqueza da diversidade a qual somos contemplados em nossa formação cultural. Abordar esses saberes e fazeres, está para além das determinações das leis que organizam a educação em nosso país para as relações étnico-raciais. Ela se afirma na compreensão de uma sociedade com menos preconceitos e que celebre a diversidade como potência da condição humana.



**PASSAPORTE
CULTURAL**



Estudantes confeccionando os elementos da nossa festa.



Estudantes confeccionando os elementos da nossa festa.





Estudantes confeccionando os elementos da nossa festa.



Estudantes confeccionando os elementos da nossa festa.





Estudantes confeccionando os elementos da nossa festa.



Estudantes confeccionando os elementos da nossa festa.





Ensaio para a apresentação a ser realizada na culminância.

Ensaio para a apresentação a ser realizada na culminância.



Decoração do espaço da Eletiva e *selfie* das estudantes representando os Palhaços da Folia de Reis.



Decoração do espaço da Eletiva na culminância e preparação dos estudantes para a saída do cortejo pela escola.





Estudantes apresentando o espaço da Eletiva à visitante.



Estudantes que representaram o miolo do boi e o Cazumba.





Foto do grupo da Eletiva Festejar o Brasil na culminância.



NARRATIVA DOS
ESTUDANTES

Como foi para você participar da Eletiva "Festejar o Brasil: uma viagem dançada pelo nosso país"?



R: Foi uma experiência nova, e muito interessante, principalmente sobre o contato com novas culturas presentes no nosso Brasil, foi um momento de diversão e de muito conhecimento, que me proporcionou experimentar novas experiências. **(J.V.)**

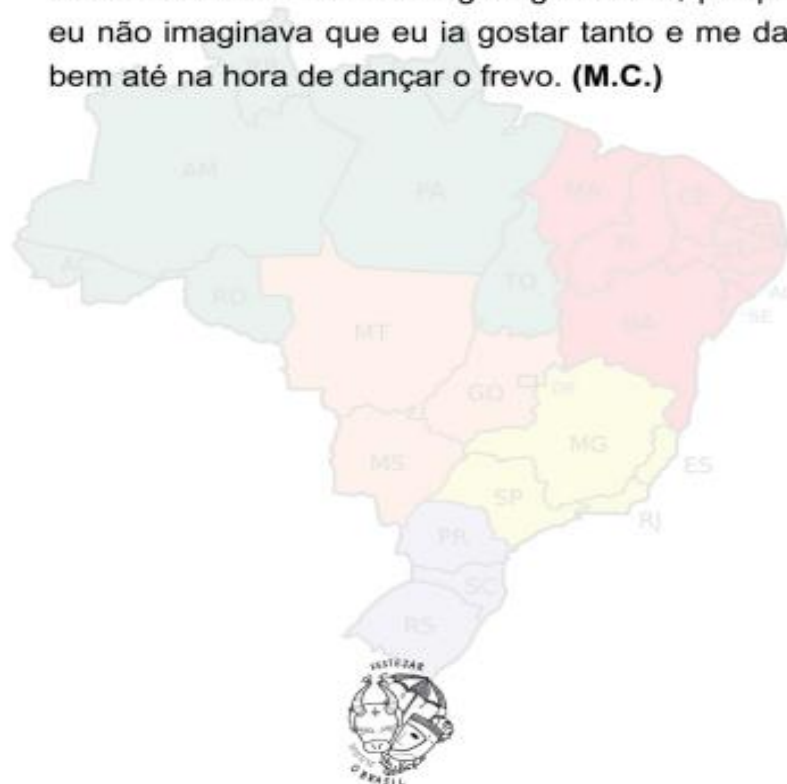
R: Foi muito legal, além de descobrir mais sobre as festas, culturas e histórias das regiões do Brasil. Poder compartilhar isso tudo com outras pessoas. **(P.O.)**

R: Foi uma das melhores experiências, buscando conhecimento sobre cada região de nosso país, cada informação nova que eu nunca tinha ouvido falar, o projeto "Festejar o Brasil" fez com que eu visse coisas novas. **(A.H.)**



**PASSAPORTE
CULTURAL**

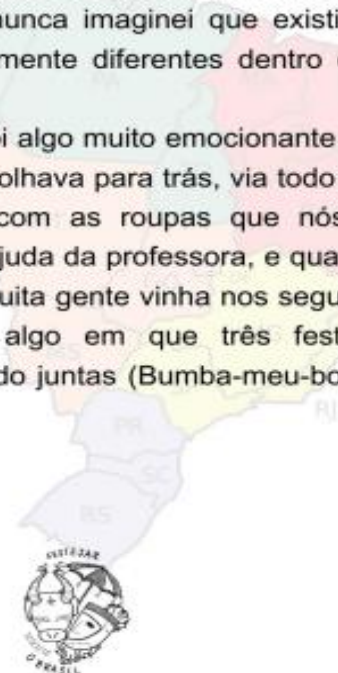
R: Participar dessa eletiva foi algo novo, fez com que eu adquirisse conhecimento de danças que eu só tinha ouvido falar. Foi algo significativo, porque eu não imaginava que eu ia gostar tanto e me dar bem até na hora de dançar o frevo. **(M.C.)**



**PASSAPORTE
CULTURAL**

R: Para mim, participar da Eletiva Festejar o Brasil, foi algo que marcou, e acredito que vai ficar bem marcado na minha memória. Eu sempre gostei de estudar e aprender sobre culturas diferentes e desses tipos de manifestações que se davam como danças. Escolhi essa eletiva com uma enorme vontade de aprender sobre as culturas diferentes dentro do nosso próprio país, e nunca imaginei que existiam tantas culturas e danças totalmente diferentes dentro do próprio Brasil.

A nossa dança final, foi algo muito emocionante de se ver, eu ia na frente, quando olhava para trás, via todo mundo da eletiva caracterizados com as roupas que nós mesmos fizemos a mão, com a ajuda da professora, e quando íamos andando pela escola, muita gente vinha nos seguindo. E foi muito legal de fazer algo em que três festas/danças estavam se apresentando juntas (Bumba-meu-boi, Folia de Reis e Frevo).



**PASSAPORTE
CULTURAL**

Eu acredito que uma parte de mim sempre vai precisar estar participando de algo assim e sempre colocar na prática. É muito bom e satisfatório de pensar que fiz parte disso, dançando o frevo. A própria coreografia, por mais que não seja como a de um profissional de frevo, nos faz entender melhor da história dessa dança e do porquê eles dançarem com a sombrinha. **(R.A)**



**PASSAPORTE
CULTURAL**

R: Para mim participar da eletiva Festejar o Brasil foi incrível, aprendi várias coisas diferentes, interessantes e legal, foi uma enorme gratidão poder estar ali vivendo tudo aquilo, praticando e aprendendo, e o melhor, aprendendo e tendo conhecimento de uma forma diferente.

E representar (dar vida) ao personagem do Cazumba que apresentamos na Culminância a festa do Bumba-meu-boi, foi totalmente inexplicável, eu adorei dar vida a esse personagem, foi algo tão legal, divertido e diferente.

E também além disso tudo, isso me ajudou a perder um pouco da vergonha, algo que me ajudou e incentivou bastante, o Cazumba foi o personagem que me chamou bastante atenção entre todas as coisas, então para mim foi uma felicidade imensa em poder representar esse personagem, dar vida a ele!

E enfim, eu adorei ter vivenciado tudo que ocorreu na eletiva, cada coisinha foi incrível e marcante! **(S.E.)**



**PASSAPORTE
CULTURAL**

R: Festejar o Brasil, me trouxe um misto de emoções, ficar encantada com a diversidade brasileira e suas culturas. Com todas as apresentações de danças diferenciadas e seus significados me faziam entrar no mundo da lua e querer dançar, aprender a fazer aquilo.

A que eu mais gostei foi Bumba-meu-boi, a história dele, as danças foi sensacional quando fizemos a brincadeira na quadra.

Quando decidimos dar vida para os personagens das danças e o meu era o meu medo de criança, eu pensei mil vezes antes de fazer, mas eu não tinha visto como realmente era o Palhaço. Pesquisei, pensei bem e decidi encarar esse medo e interpretar o Palhaço.

Achava que iria ficar com medo, porém quando fui criando minha máscara me veio uma alegria de estar fazendo parte daquilo e todo o medo sumiu, acabei no fim amando de ter sido uma palhaça. **(M.J.)**



**PASSAPORTE
CULTURAL**

**Como foi para você carregar o
estandarte da nossa eletiva que
anunciava a passagem do nosso
cortejo?**

R: Foi uma experiência única e de grande honra, um ato de tamanha responsabilidade e peso, que tive a felicidade de ser escolhido para fazer. **(J.V.)**



**PASSAPORTE
CULTURAL**

Como foi para você representar (dar vida) uma passista de Frevo ao trazermos para a culminância a expressão cultural do Frevo presente nas festividades do carnaval?

R: Foi algo divertido, eu não estava muito a fim da ideia de dançar mas depois achei muito interessante em mostrar o frevo pro pessoal que ia assistir, ter dançado todas aquelas vezes foi ficando cada vez mais legal apesar da vergonha no começo, ter dado vida a uma passista de frevo foi incrível. **(M.C.)**



**PASSAPORTE
CULTURAL**

Como foi para você representar (dar vida) o personagem do Cazumba/Cazumbá ao trazermos para a culminância a festa do Bumba-meu-boi?

R: Foi uma experiência espetacular, pois o público que presenciou na apresentação, nunca tinha visto tal personagem, por ser cultura de outra região, ficaram surpresos com a apresentação... Vieram até mim, perguntar mais sobre o personagem, tiraram foto e tal... Adoraram o personagem e a apresentação... Inclusive eu amei também! **(A.H.)**



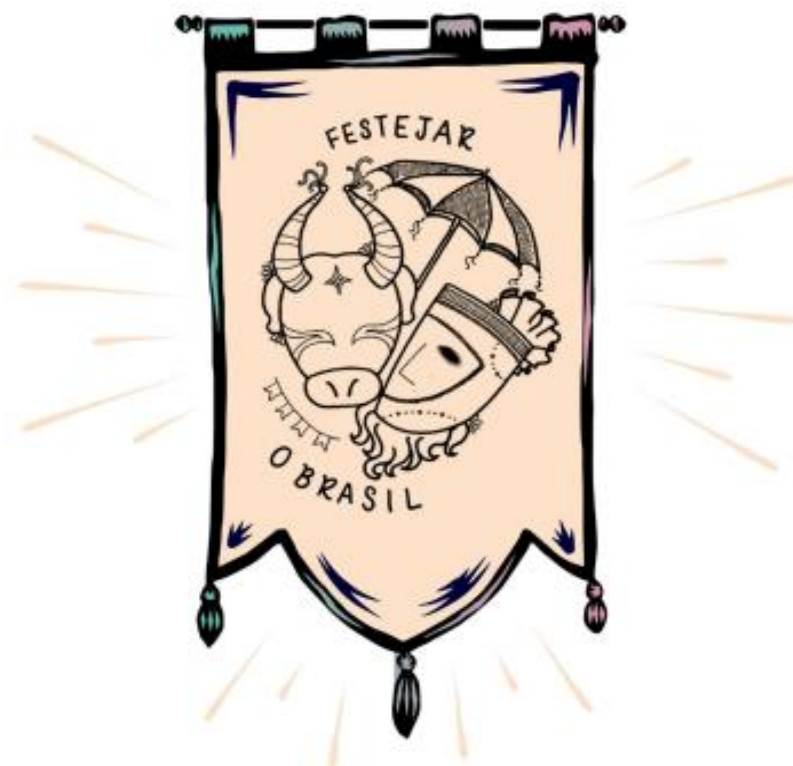
**PASSAPORTE
CULTURAL**

Como foi para você representar (dar vida) o personagem do boi ao trazermos para a culminância a festa do Bumba-meu-boi?

R: Foi umas das melhores experiências que já tive. Só de ver as crianças se divertindo com o boi, os professores perguntando quem era o miolo do boi, me deixavam feliz. **(P.O.)**



**PASSAPORTE
CULTURAL**



PESQUISA

Acesse o QRcode para encontrar a pesquisa Ciclos festivos na escola: encantamentos por meio das danças brasileiras, com os registros desse trabalho que foi artisticamente e carinhosamente compartilhado nesse Passaporte Cultural.



**PASSAPORTE
CULTURAL**

REFERÊNCIAS

Bueno, André Paula. Bumba-boi maranhense em São Paulo. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

Côrtes, Gustavo Pereira. Dança, Brasil!: festas e danças populares. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

Dumont, Sávia. O Brasil em festa. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

Músicas usadas nos vídeos:

Alfredo Pessoa. Carnaval de Pernambuco – Frevo Vassourinhas. [Video]. Youtube, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LafMRGg9E0o>>. Acesso em 22/10/2023.

Bruna Souza – Musicalização Infantil. Cantiga de Roda – Pega o Touro, amarra o Touro. [Video]. Youtube, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XmPvMayFGQg>>. Acesso em 22/1/2023.

Esse boi é meu. Rio de Janeiro: Companhia Folclórica do Rio – UFRJ/Departamento de Arte Corporal/EEFD/UFRJ, 2000. 1 audio (MP3).



**PASSAPORTE
CULTURAL**

From Duarte. Som relaxante de Berimbau para estudar, meditar e dormir/Relaxing Berimbau sound. [Vídeo]. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MAIsFzX4kCY>>. Acesso em 22/10/2023.

guimagalhaesneto. Reisado – ô de casa o de fora (Música tradicional da folia de reis). [Vídeo]. Youtube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R_S-DkZL-dk>. Acesso em 22/10/2023.

Kadu Galvão. Bumba-meu-boi – Sotaque da baixada com Kadu Galvão. [Vídeo]. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6MGV9KFGXvU>>. Acesso em 22/10/2023.

Palavra Cantada Oficial. Cozinha Pé de nabo. [Vídeo]. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K8qv_XvNpG8>. Acesso em 22/10/2023.

Registros audiovisuais:

Aline Aparecida Barbosa
Andresa de Souza Ugaya
Claudemir Duarte Araújo
Estudante R.A.
Estudante T.A.
Gestão escolar
Juliana Machado de Meira



**PASSAPORTE
CULTURAL**